



Colectânea | Janeiro 2022

I.º CADERNO

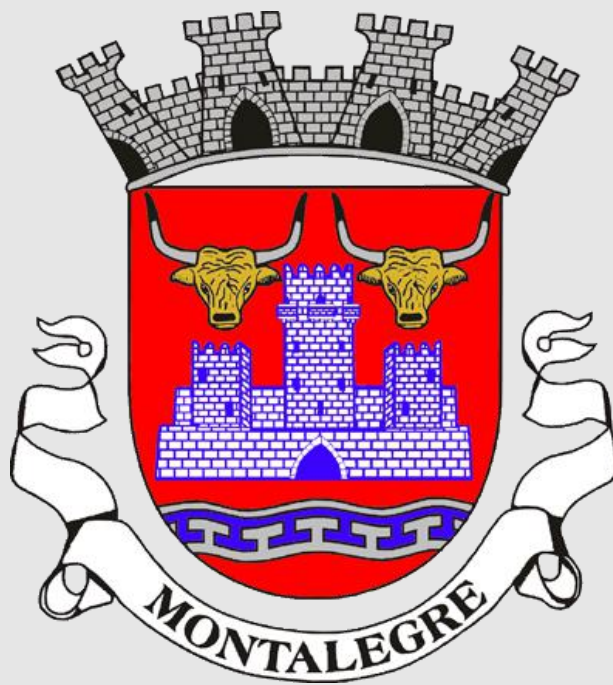
HISTÓRIA

Concelho de
Montalegre

viva

Edição digital
Das Terras Altas de Barroso

O Passado e o Presente



HISTÓRIA VIVA DO CONCELHO

**DE
MONTALEGRE
TERRITÓRIO DE FRONTEIRA**

**COLECTÂNEA DE TEXTOS
A BARROSANA**

1.º CADERNO 2022

**O Autor
Domingos Chaves**

A BARROSANA



Barroso

Património Agrícola Mundial

World Agricultural Heritage



Food and Agriculture
Organization of the
United Nations

Globally Important
AGRICULTURAL
HERITAGE
Systems



ADICAR | ADRAT | ADRAT | ADRAT | ADRAT | ADRAT

PORTUGAL

COMEÇA

AQUI...

O Inverno na aldeia...

O Inverno na cidade é uma tristeza
E vamos para casa com presteza.

Porém, na aldeia, há sempre um passarinho
Que livremente salta no caminho.

E há sempre coisas lindas para ver:
Orvalho e neve, ou dias a chover.

Troncos e ramos contra um céu feroz
E aves saltitando em clima atroz.

Só lá no campo, sim, essa beleza
Revela o talismã da Natureza.

Só no meio do bosque ou da floresta
O Inverno é lindo, o Inverno é uma festa!..

Anónimo

Coordenação

Domingos Chaves

Ficha Técnica

Domingos Chaves, Catarina Pereira, Barroso da Fonte, Fernando Gonçalves Rosa, João Damião, António Chaves, Custódio Montes, José Dias Baptista Marie Oliveira, Arménio Santos, Helder Alvar, Fernando Botelho Gomes, Isabel Tavares, Raquel Costa, José Alves, Jorge Martins e Gabinete Imprensa da C.M. Montalegre

Fotografia

Domingos Chaves, C.M. Montalegre, José Alves, Artur Pastor, Gerard Fourel, Fernando D. C. Ribeiro, Mauro Fernandes Heléne Martins, Raquel Costa e de Domínio Público

ISBN

152281/2017

Execução

Domingos Chaves

DIREITOS

Nos termos do disposto no n.º 2, alíneas i) e j) do artigo 68.º e do artigo 75.º, n.º 2, alínea m) do Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, e do artigo 10.º da Convenção de Berna, é de todo ou de parte, proibida a reprodução bem como a distribuição, comunicação ou colocação à disposição da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação com fins comerciais directos, indirectos ou outros., em qualquer suporte, através de qualquer meio técnico, sem a autorização prévia do director.



“PINIÃO



António Chaves



Barroso da Fonte



Custódio Montes



José Baptista



João Damião



Marie Oliveira



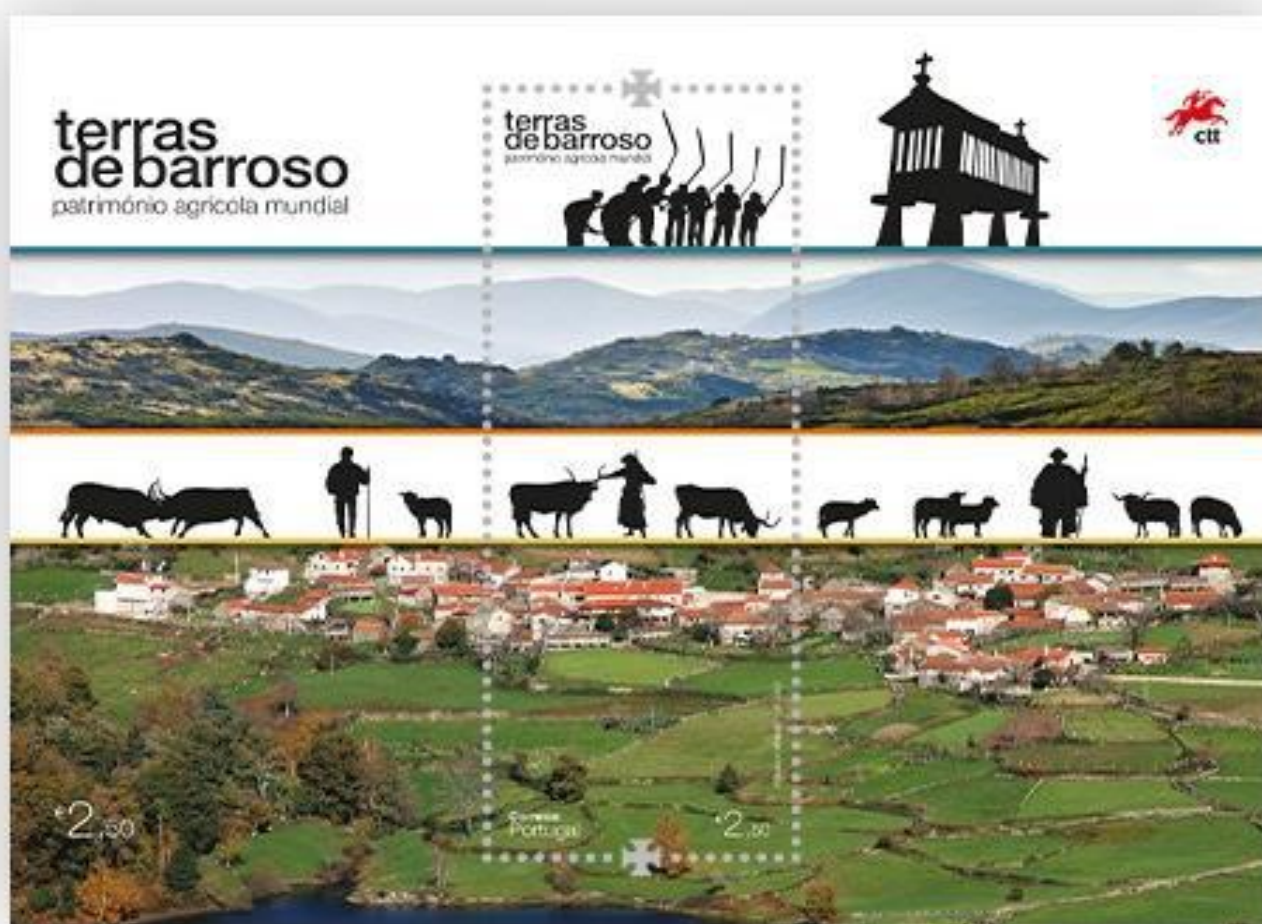
Catarina Pereira



Abel Moutinha



Fernando G. Rosa



OS DESTAQUES



CENSOS
2021

11 TERRA DE FRONTEIRA...

Este é um lugar de fronteira, mais de 70 quilómetros de raia com a vizinha Galiza que, outrora, espevitaram muitas histórias de contrabando pelos caminhos da montanha. Esta é, também, uma terra de muitos “adeus”, de surtos migratórios especialmente nas décadas de 60 e 70, mas também nas posteriores, do século XX.

13 EDITORIAL...

Sob os escombros do ano que ora findou, jazem os votos que formulámos no seu início. Mas pergunta-se: onde se encontram a almejada paz, o amor jurado, a fraternidade anunciada?!... Ninguém sabe. O que se sabe sim, é que pelo contrário e ao longo do tempo, vêm irrompendo das trevas da intolerância, fundamentalismos torpes e ódios obscenos..

16 A CULTURA DE UM POVO

Ainda o homem era um simples recolector de alimentos e vagamundeava por vales e encostas, ao longo dos rios e das matas e usava processos e instrumentos de entreaajuda. Depois de se instalar nas suas choupanas e arrotear as suas leiras refinou esses processos.

56 A TERRA E A GENTE...

O concelho de Montalegre perdeu 1258 residentes nos últimos dez anos. Tem agora menos 11,7% de população comparativamente a 2011. A freguesia de Santo André é a que mais gente perde - menos 69 pessoas. A freguesia de Sarraquinhos é a única que ganhou residentes - mais 6.

Concelho de Montalegre

Uma ideia da natureza

Sim!... Um presente da natureza, com a paisagem a viver em silêncio as suas memórias devolvendo-nos somente os seus sons intemporais: a água, o vento, o chilrear das aves, ou o tilintar longínquo do gado.

A terra é de pedra, suavizada pelos contornos despídos pelo inverno dos bosques de carvalho e castanheiro. Montanhas poderosas como a do Larouco, a segunda mais alta de Portugal continental, caem em vales profundos e surpreendentemente cálidos. Uma terra onde impera a pequena propriedade, moldando a paisagem. Estas são as Terras de Barroso...

UMA HISTÓRIA QUE VEM DE LONGE

Castelo da Piconha...



O Castelo da Piconha localiza-se no outeiro da Almena a leste da actual freguesia de Tourém, já em território galego, no Município de Calvos de Randín, no caminho que liga Randín a Vilar e Vilarinho.

Castelo raiano, na margem esquerda do rio Salas, era a cabeça das Terras da Piconha, defendendo ainda o chamado Couto Misto, que passou para os domínios da Espanha pelo Tratado de Lisboa, de 1864.

Sabe-se pouco sobre a fundação deste castelo, acreditando-se que foi mandado construir por D. Afonso III sobre as ruínas de um velho castro luso-romano. Foi depois mandado restaurar por D. Dinis, que confirmou os grandes privilégios concedidos em foral aos moradores por D. Afonso II, com a obrigação de o defender.

No contexto da Guerra da Restauração, este castelo juntamente com outras praças vizinhas na região, foi demolido por tropas espanholas no ano de 1650.

O castelo medieval

À época da Independência de Portugal, intensificou-se o povoamento das fronteiras com a Galiza!... Nessa fase, no século XII, o Castelo da Piconha constituía-se em importante fortificação lindeira, destinado a guarnecer, juntamente com os castelos de Portelo, Montalegre, Monforte de Rio Frio e Chaves, a defesa dos acessos aos vales do rio Cávado e do rio Tâmega. A Carta de Foral de Tourém é atribuída a D. Sancho I em 1187, como cabeça das Terras da Piconha.

Já no reinado de D. Manuel I - 1495-1521 -, a povoação e o seu castelo encontram-se figurados por Duarte de Armas, no Livro Fortalezas em 1509. A Piconha viria a receber Foral Novo, passado por este soberano, em 1515.

Acontecimentos da época

1101 - Delimitação papal das fronteiras da Diocese de Coimbra.
- Chegada à Terra Santa da segunda vaga de Cruzados da primeira cruzada.

1102 - Batalha de Arouca.

1103 - Batalha de Vatalandi, perto de Santarém, entre muçulmanos e cristãos.

- Soeiro Mendes e D. Teresa substituem, no Governo de Portucale, o Conde D. Henrique, ausente em Roma ou em Jerusalém.
- Afonso VI de Castela é coroado rei.

- Afonso I de Aragão casa-se com Urraca, filha de Afonso VI de Leão e Castela.

1109 - Início das viagens de D. Henrique a França para consultar o abade de Cluny acerca das decisões tomadas pelas Cortes de Toledo, onde se procurou resolver o problema da sucessão ao trono estronhol, após a morte do Conde D. Raimundo.

1112 - Afonso Henriques herda do pai o Condado Portucale, mas é a sua mãe, Teresa de Leão, que Castela, de amores por Fernão Peres de Trava, quem governa como regente.

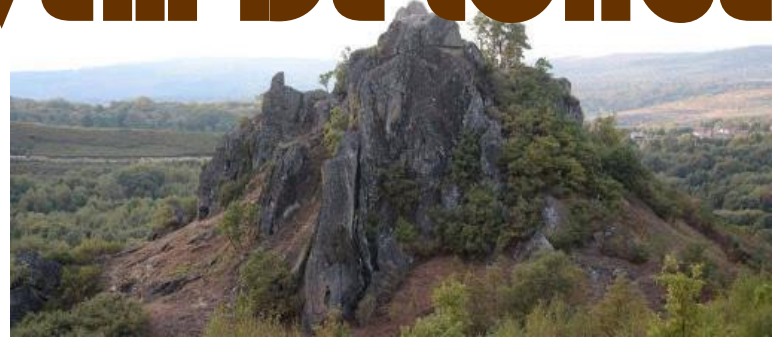
1121 - Afonso II de entra em Portugal, em missão de soberania, no séquito da mãe, D. Urraca.

1123 - Os Condessa D. Teresa concede a Viseu o seu primeiro foral.

UMA HISTÓRIA QUE VEM DE LONGE

Castelo da Piconha...

Da Guerra da Restauração aos nossos dias



No contexto da Guerra da Restauração, este castelo juntamente com outras praças vizinhas na região, foi demolido por tropas espanholas no ano de 1650.

Nas vésperas da Guerra Peninsular, o castelo ainda permanecia na tradição, uma vez que o título de Alcaide-Mor do Castelo da Piconha foi recebido em 20 de Dezembro de 1800, por João António de Sousa Pereira Coutinho Yebra e Oca, 9.º Morgado de Vilar de Perdizes e do Hospital de Santa Cruz, fidalgo da Casa Real, em 14 de Outubro de 1799.

Conforme os termos do Tratado de Lisboa de 1864, tendo a maior parte das duas terras passado para domínio espanhol em 1865, o termo da “Piconha” foi extinto em 1866.

Hoje, restam-nos no Outeiro da Piconha, já em território galego, as ruínas dos alicerces do seu castelo medieval, carecendo de classificação por parte do poder público e de pesquisa arqueológica.

Actualmente, só é visível o algibe - do Árabe Al Jib, bolso ou bolsa - escavado na rocha.

Refira-se ainda, que durante séculos, existiu por aqui uma pequena república na fronteira dos reinos de Portugal e Espanha. Ousava ter autonomia, instituições próprias e uma liberdade difícil de imaginar a esta distância, tendo em conta o conhecimento que temos da nossa história. Era o Couto Misto a funcionar como um Estado independente. Hoje, parte é portuguesa, e outra é espanhola. Em termos de comparação, podia facilmente ter sido uma espécie de Andorra, San Marino ou mesmo Mónaco, contudo optou por se dividir e ceder aos ímpetus conquistadores dos seus “vizinhos”. Infelizmente hoje não passa de um vale desolado onde existem um punhado de aldeias.





Somos um vasto território com uma área de 805,46 quilómetros quadrados de superfície, onde se concentra um património distribuído por 25 freguesias com 136 aldeias e lugares...

Dizem-nos os nossos escritores e poetas transmontanos, que Barroso é uma dádiva especial da Natureza e a grande obra de pedra e água feita em Portugal.

E dizem-nos ainda, que é neste Norte que arduamente se riscam e planeiam caminhos, se cruzam vontades, e se resiste à força do tempo com a granítica força e persistência dos rios e das serras, à invasiva e danosa cultura que desvirtua e engana a História.

E por fim concluem: “é da mesma pedra e da mesma água, que são feitas as gentes destes lugares”...





MONTALEGRE – UM CONCELHO DE FRONTEIRA...

Este é um lugar de fronteira, mais de 70 quilómetros de raia com a vizinha Galiza que, outrora, espevitaram muitas histórias de contrabando pelos caminhos da montanha. Esta é, também, uma terra de muitos “adeus”, de surtos migratórios especialmente nas décadas de 60 e 70, mas também nas posteriores, do século XX. Por aqui fala-se de refregas fronteiriças, do embate às Invasões Napoleónicas. A paisagem vive em silêncio essas memórias devolvendo-nos somente sons intemporais: a água, o vento, o chilreio das aves, o tilintar longínquo do gado. A terra é de pedra, suavizada pelos contornos despídos pelo inverno dos bosques de carvalho e castanheiro. Montanhas poderosas como a do Larouco, a terceira mais alta de Portugal continental, caem em vales profundos e surpreendentemente cálidos. Impera a pequena propriedade, moldando a paisagem. Os pastos delimitam-se por muros em pedra solta, construindo uma malha que ora se encosta às aldeias, ora se afasta, descendo colinas, afoitando-se nos bordos dos precipícios.

Esta é, também, uma terra de águas vividas, aproveitadas pelo homem que as desviam, moldando-lhes o trajecto aproveitando-as para os terrenos agrícolas. A paisagem também se faz com os Lameiros, pastos naturais, outrora tomados pelo gado da raça Barrosã com os seus “cornos infinitos”, como escreveu Miguel Torga. Longe vão os tempos em que esta raça, verdadeiro património genético e cultural do Barroso, apurado durante séculos pelos criadores, imperava em número, entretanto ultrapassado pelo gado Maronês, mais rústico e resistente ao trabalho e pelo Mirandês, mais corpulento e possante. Até à reforma administrativa de 1836 o concelho de Montalegre era mais conhecido por «Montalegre e Terras de Barroso», compreendendo o actual concelho de Boticas e parte dos concelhos de Terras de Bouro, o então concelho de Ruivães e algumas povoações do actual concelho de Chaves.

As terras de Barroso já assim eram conhecidas ao tempo dos primórdios da nacionalidade Portuguesa. Nos primeiros documentos medievais é simplesmente conhecido por «Terras de Barroso», confrontando a norte com a Galiza, a Oeste com Terras de Bouro, a sul com Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto e a nascente com o Rio Tâmega, do concelho de Chaves. Estas confrontações colhem-se no «Ensaio Topográfico Estatístico», de J. Santos Dias; em «Portugal Antigo e Moderno» de Pinho Leal e em «Corografia de Portugal» do P. Costa Carvalho.

outros autores que se lhe seguiram, confirmam que Barroso, ao tempo dos Romanos, era atravessado por três vias imperiais: a primeira dessas vias ia de Chaves a Braga, passando por várias aldeias barrosãs. O trajecto era o seguinte: Chaves, Casas dos Montes, Pastoria, Seara Velha, Castelões, Soutelinho, Solveira, Ciada (também conhecida por Caladuno que seria uma grande cidade, situada perto de Gralhas), Meixedo, Codeçoso, Peirezes, S. Vicente da Chã, Travassos da Chã, Penedones, Pisões, Currais, Codeçoso do Arco, Ruivães e Braga.



Esta ampla região Barrosã tem várias e importantes serras: Larouco (com 1.527 metros, a 3.ª mais alta de Portugal continental), o Gerês, a Cabreira, as Alturas, também conhecida pela Serra do Barroso ou «Cornos das Alturas» e Leiranco, para além do Ferronho e do Monte Gordo, que se situam entre Codeçoso, Cepeda e Fírvidas. E tem os seguintes Rios: Cávado que nasce na serra do Larouco e desagua em Esposende; Rabagão que nasce em Codeçoso e dá origem à maior albufeira do país, conhecida por Pisões; Beça que nasce perto de Serraquinhos; Terva que nasce em Ardãos e Assureira que começa em Meixedo, passa perto de Gralhas, Solveira e Vilar de Perdizes e reentra em Espanha para desaguar no Tâmega.

Por aqui andaram os mais antigos povos que deixaram vestígios, ainda hoje bem visíveis, nos dólmenes, antas, castros, pedaços de via romana, marcos miliários, moedas, etc. Isto confirma que as «Terras de Barroso» foram pertença dos Alanos, dos Vândalos, dos Celtas, dos Romanos, dos Suevos, dos Godos, dos Visigodos, enfim, dos Iberos, nome que melhor traduz todos quantos povoaram a Península Ibérica. Jerónimo Contador de Argote afirma nas suas “Memórias e Antiguidades”, e tantos



“SENHOR VACINAS” ELEITO COMO A PERSONALIDADE DO ANO



O anterior Coordenador da 'Task Force' de vacinação contra a covid-19, Vice-Almirante Gouveia e Melo, foi eleito a Personalidade do ano pela AIEP- Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal.

De camuflado vestido, arregaçou as mangas e pôs mãos ao trabalho. Provocou críticas, mas também arrecadou muitos aplausos e agradecimentos pelo trabalho que desempenhou à frente da Task Force. O Vice-Almirante Henrique Gouveia e Melo conseguiu, em conjunto com toda a sua equipa, atingir a marca de quase 89% da população portuguesa vacinada e por isso, há reconhecimentos a fazer-lhe. Um deles chegou pela mão de 54 jornalistas internacionais, que o **elegeram como a personalidade do ano aos quais se associa a A Barrosana**.

Refira-se, que a Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal entrega, anualmente, o Prémio Personalidade do Ano “Martha de la Cal” a **quem mais contribuiu para promover a imagem do nosso país no estrangeiro**.

Desta feita, foi o Vice-Almirante o escolhido, que agradeceu o prémio "que representa um esforço nacional onde todos contribuíram". Os 54 jornalistas internacionais oriundos de quase 20 países reuniram, deliberaram e votaram no ex-coordenador da Task Force, uma vez que de acordo com a Presidente da Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal, "o sucesso da estratégia de vacinação de Portugal foi notícia em todo o mundo. Os nossos correspondentes dedicaram muitas reportagens ao tema, que suscitou enorme interesse no exterior. Por isso, a escolha do Vice-Almirante Gouveia e Melo não demorou a conquistar o apoio da maioria dos profissionais".

Os correspondentes estrangeiros apontaram igualmente o papel de destaque que o vice-almirante Gouveia e Melo teve na missão de atingir a marca de quase 89% da população portuguesa totalmente vacinada.

Desde 1990, a Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal atribui o Prémio de Personalidade do Ano, que já foi entregue a empresários, políticos, artistas, desportistas e instituições. Este ano, a votação esteve entre o Vice-Almirante Gouveia e Melo, a pianista Maria João Pires, o escritor José Saramago, a fadista Mariza, os capitães de Abril, o antigo Presidente da República Mário Soares, o futebolista Cristiano Ronaldo e o secretário-geral da ONU António Guterres.

Henrique Eduardo Passaláqua de Gouveia e Melo, é filho de Manuel Henriques Gomes de Frias de Melo e Gouveia, oriundo da Nobreza da Beira Interior, e de sua mulher Maria Helena Pereira Passaláqua, de ascendência italiana. Nasceu em Quelimane, Moçambique a 21 de Novembro de 1960 e viveu a sua infância e adolescência entre Quelimane, em Moçambique e a cidade de São Paulo, no Brasil. Aos 18 anos em Setembro de 1979, veio para Lisboa para ingressar na Escola Naval como Cadete. Em Setembro de 1984, após terminar o curso na Classe de Guarda-Marinha, posto com que iniciou a sua carreira militar.

**VICE-ALMIRANTE GOUVEIA E MELO
PERSONALIDADE DO ANO**





Domingos Chaves

Ano Novo, Vida Nova...



Sob os escombros do ano que ora findou, fazem os votos que formulámos no seu início. Mas pergunta-se: onde se encontram a almejada paz, o amor jurado, a fraternidade anunciada?!... Ninguém sabe. O que se sabe sim, é que pelo contrário e ao longo do tempo, vêm irrompendo das trevas da intolerância, fundamentalismos torpes e ódios obscenos. Por todo o mundo lambem-se feridas de catástrofes naturais e conflitos provocados. A explosão demográfica, a pobreza e a guerra deram as mãos à intolerância e à vingança e estão à vista de todos. Foram por isso frágeis os desejos e efémeras as expectativas.



Ano Novo, vida nova!... Estes são os votos canónicos que fastidiosamente repetimos no dealbar de cada ano, suplicando-se para que o Ano Novo seja o paradigma dos nossos sonhos e não a consequência dos nossos actos ou o fruto de circunstâncias que nos escapam, mas como?!...

Após as doze badaladas e outras tantas passas, o champanhe e os abraços por entre corpos que se fundem numa sofreguidão de amor, o brilho das luzes e ao som da música, recomeça um novo ano com votos repetidos de ser diferente e ser melhor.

É sempre assim, os anos nascem ruidosamente e vivem-se em silêncio. Começam com ilusões e acabam normalmente em pesadelo.

Há em cada um de nós uma força que nos impele para a mudança, que nos dá ânimo para desbravar novos caminhos e assumir novos riscos enquanto o conservadorismo e o medo do desconhecido nos tolhem os passos e nos intimidam e levam a recusar a novidade.

Temos que acreditar que no coração dos homens mora globalmente um genuíno desejo de paz. Oxalá que as guerras que ainda cruzam os ares, as bombas que perfuram o solo ou os efeitos colaterais da artilharia que errou o alvo e destruiu povoações inteiras não sejam mais que um pesadelo passageiro.

O futuro constrói-se!... A felicidade é um estado de alma que devemos procurar, e a alegria o caminho a seguir. É em cada um de nós, no espírito da tolerância, na aceitação da diferença e na solidariedade, que podemos começar a construir um mundo mais justo, um mundo que não tem que ser como é, isso sim, mais fraterno e pacífico para o qual julgávamos bastarem os desejos formulados de olhos fechados na última noite de Dezembro.

Que o delírio do amor e a embriaguez do sonho se mantenham por isso vivos durante o ano que aí vem. E que, por entre nuvens que pairam carregadas de incertezas, resplandeça o sol da esperança e a nossa vida decorra tranquila.



Feliz 2022

A CULTURA DE UM POVO



MONTALEGRE



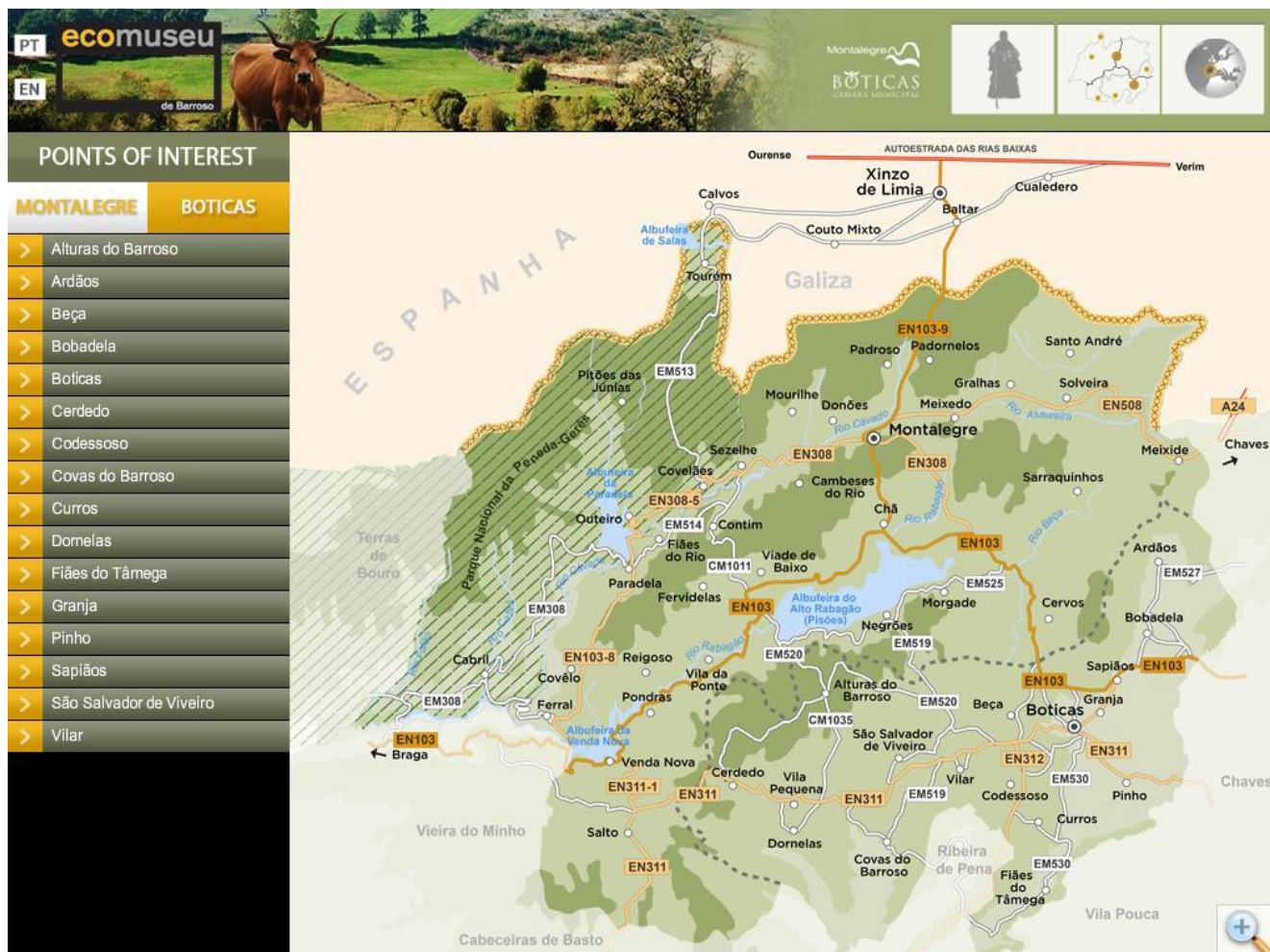
UM CONCELHO COM HISTÓRIA



Tudo aquilo que o Homem Barrosão acrescenta à natureza é Cultura, ou seja, toda a obra do Homem é cultural. Pode mesmo dizer-se que onde existe a mão do Homem existe, forçosamente cultura. Contudo, os homens não acrescentam coisas à Natureza da mesma maneira!... Cada grupo tem a sua forma peculiar de o fazer. A variedade das condutas humanas é pautada, essencialmente, por padrões ou modelos, tendo como sustentáculo o sócio-cultural.

Padrões que assumem toda uma dimensão comunicacional, onde cada homem se identifica, se conhece e reconhece nas suas formas de expressão, de adaptação e de transformação do meio circundante às suas necessidades e condicionalismos. Tudo factos que lhe permitem desenvolver as suas potencialidades e a sua própria individualidade.

Nesta edição, iremos então falar de factos e histórias – de ontem e de hoje - desconhecidas do nosso Barroso, e mais uma vez contadas pelo Mestre e Historiador vilapontense José Dias Baptista. Histórias, nas quais a comunidade da nossa terra está de uma ou outra forma envolvida e nos demonstram que o “Homem existe” e tem consciência de si e do mundo que o circunda.



A cultura barrosã, é por assim dizer, tudo aquilo que a define – o nosso carácter e a personalidade de um povo quantas vezes entregue a si próprio. Chega aliás a ser impressionante como numa região com uma área de cerca de 800 quilómetros quadrados de superfície, existe uma tão grande variedade manifestações culturais. Tudo para nos ser explicado através das manifestações mais antigas e espontâneas do nosso povo.



AS TERRAS DE BARROSO



Por: José Dias Baptista
Historiador e Investigador

A CULTURA BARROSÃ

- Terra de Encantos
- O Foral de Montalegre
- Padres Casados ou Solteiros
- Um Bispo no Exílio
- Incêndios de Mourilhe
- A Questão de Salto



A CULTURA BARROSÃ...



Por:
José Dias Baptista
Historiador e Investigador



Montalegre: Um concelho com História...

factos

“... Em quem poder não teve a morte!”

Este rincão sagrado que constitui o país Barrosão foi habitado desde há mais de 6000 anos como atestam os monumentos funerários que erigiram e o culto dedicado aos seus mortos desde a mais remota antiguidade. São inúmeros os exemplares desses monumentos ao longo do território do concelho de Montalegre! Muito significativas, referem-se a título de mero exemplo, as Cistas de Vila da Ponte, as “motas” da veiga de Montalegre/Meixedo e o grupo de antas da Mourela.

...

• “Sinais dos tempos”

Vários outros monumentos da romanização se descobriram e permanecem cá testemunhando a sua origem e finalidade: marcos miliários em Padrões, Currais, Travaços e Arcos, aras romanas em Vilar de Perdizes, Pitões e São Vicente da Chã, estelas funerárias em Vila da Ponte e Friães, e o célebre Penedo de Ramseiros em Vilar de Perdizes e outros.

• “Todos os caminhos vão dar a Roma!” - 20 anos a.c.

Ainda antes de Cristo, o imperador romano Octaviano César Augusto mandou rasgar a via prima – a primeira estrada militar romana – que nos ligaria ao centro do Mundo, Roma. É o que se infere da leitura do marco miliário – agora chamado Pedra do Caixão – que se encontra no Museu da região Flaviense e apareceu perto da via, não longe do Senhor do Bonfim em Ardãos.



A CULTURA DE UM POVO



Por:

José Dias Baptista

Historiador e Investigador

• “Terra de encantos” - desde o ano 71

Do tempo das invasões dos bárbaros, mais concretamente do último povo que por aqui se instalou – os Mouros – guardamos na tradição popular milhentas lendas que carecem de recolha e publicação rápida antes que de todo se percam. Temos também certificado válido da sua estadia na toponímia: Aldeia, Alçaria e Caria, Alcácer, Albergaria, Albergue, Alfândega, Almoinha, Arrabalde, Atafona, Atalaia, Bobadela, Azenha, Mouro, Moura, Mourisco, Sarraquinhos, Nora, etc. Dos objectos de uso quotidiano, entre centenas de nomes: almotolia, safões, açafate, açaimo, açafão, acém, acepipe, açougue, açúcar, açude, açor, açucena, aguazil, alambique, alarido, alazão, albarda, albufeira, alcaçuz, alcatifa, alcatruz, alcavala, aldrava, alfaia, alfaiate, alferes e outros mil termos no alforge.



• “O Foral de Montalegre” - ano 1273

O quinto rei de Portugal - último rei conquistador- que foi D. Afonso III, concedeu foral a Montalegre e terras de Barroso, no dia 9 de Junho de 1273. É um documento que nos conferiu grandes regalias e privilégios!

MONTALEGRE



UM CONCELHO COM HISTÓRIA

• “Padres casados ou solteiros?” - ano 1561

Dentre os decretos conciliares do Sagrado Concílio Tridentino releva, no aspecto dogmático, o decreto que declara que, tal como a Sagrada Escritura, também a tradição é fonte de Fé!

Ora, bebendo nós nessa fonte límpida e perene da tradição, fazemos fé que Frei Bartolomeu, cansado já da verborreia de tantos conciliares e enfasiado do jogo de interesses nas questões da primazia e da residência, tenha advertido o concílio com a famosa reprimenda:

“Os Ilustríssimos e Reverendíssimos Cardeais precisam de uma ilustríssima e reverendíssima Reforma!”

Uma das primeiras acções do Santo Arcebispo Frei Bartolomeu dos Mártires, logo que chegou a Braga em fins de 1559, foi partir em visita pastoral a Barroso, no frígido Janeiro de 1560, apesar das vozes que tentavam demovê-lo.

Foi então que conheceu o estado de ignorância religiosa e de duvidosa moral de muitos párocos, que viviam como lavradores e chefes de família. De seguida partiu para Trento, na terceira abertura do Concílio em 1561.

A sabedoria teológica, a erudição bíblica e, sobretudo, a argúcia filosófica de Frei Bartolomeu do Mártires te-lo-ão levado, durante a 23.^a e antepenúltima sessão do Concílio, ao discutir-se o problema do Matrimónio e da Ordem – se os padres poderiam ou não casar-se – a vociferar perante os conciliares boquiabertos:



A CULTURA DE UM POVO



Por:
José Dias Baptista
Historiador e Investigador

• “Um bispo no exílio” - século XIX

Um bispo de Ourense, da importante família galega dos Quevedos, foi ameaçado de morte no advento do liberalismo nos princípios do séc. XIX. Abandonou o Reino de Galiza e a sua catedral e exilou-se na povoação de Tourém. Aí viveu em paz muitos anos porque, residindo nos limites da sua diocese, estava contudo em país estranho, onde o não podiam prender nem condenar.

• • •

• “Incêndios de Mourilhe” - anos 1854 e 1875

No dia 4 de abril de 1854 a povoação ficou reduzida a cinzas. Reconstruída por subscrição pública no Minho e Trás-os-Montes, voltou a ser devorada pelas chamas em 4 de Julho de 1875, salvando-se apenas quatro casas e a igreja de S. Tiago.

• • •

• “A Questão de Salto” - anos de 1914 a 1916...

Entre 1914 e 1916 ocorreu a Célebre Questão de Salto. Foi o caso de um algarvio, eleito pelos eleitores do Minho, chamado Augusto José Vieira decidir agitar os ânimos da boa gente nortenha. Assim, propôs (após a necessária campanha Caciquista no Minho) a anexação da freguesia de Salto ao concelho de Cabeceiras de Basto. A batalha durou três anos mas no fim tudo correu como devia: Salto foi, é e será de Montalegre

• • •

MONTALEGRE UM CONCELHO COM HISTÓRIA

- “Aclamação de D. Miguel I, rei absoluto de Portugal” - ano 1846

Fez há meses 175 anos - 18 de Junho de 1846, que a Ponte Medieval da vila assistiu ao espectáculo mais triste ocorrido em Barroso, durante a Guerra Civil da Maria da Fonte, que passou à história com o nome de “Guerra da Patuleia”. Desde vários anos antes que se sucediam os pronunciamentos militares, as insurreições e os motins de agitadores e criminosos.

Em Barroso também germinavam bigorrilhas e morgados lorpas, amanuenses corruptos e curas estúpidos. Então, apareceram em Montalegre 150 homens, um terço com armas de fogo e os restantes com gadanhas e fources roçadouras, comandados pelo Padre António Teixeira das Quintas; o ex alferes “picador de cavalaria”, natural das Lavradas, Manuel Joaquim Teixeira; e Bento Gonçalves dos Santos Moura, natural de Medeiros. Sobem aos Paços do concelho, proclamam Rei de Portugal D. Miguel I e lavram Auto de Aclamação nomeando uma Nova Câmara: João Manuel, de Medeiros – Presidente; José Martins, do Cortiço – Vogal; António Alves, de Firvidas – Vogal; e José Martins, de Medeiros – Procurador do Concelho. Assinam o Auto, Bento dos Santos Moura, de Medeiros; o abade João Batista Rosa, de Codessoso da Chã; o Padre António Teixeira, das Quintas; Manuel Joaquim Teixeira, das Lavradas; o Padre António Alves, de Cepeda; João Alves Dias, de Torgueda; e António Monteiro, de Pinho.

Logo no dia 18 uma força de cavalaria comandada pelo Major António Teixeira Sarmiento marcha sobre Montalegre. Aliciados pelos acima nomeados conspiradores uns “trinta ou quarenta paisanos que ali se achavam dispararam alguns tiros contra a guarda avançada e dispersaram precipitadamente” quando o pelotão de cavalaria entrava na Portela. Perseguidos, os agressores que fugiam pelos juncais junto à ponte “lograram alcançar seis” que pagaram com a vida o seu louco atrevimento. Pobres tolos de quem nem se sabe os nomes! →

A CULTURA DE UM POVO



Por:
José Dias Baptista
Historiador e Investigador

- **Fronteiras da emigração e contrabando” - desde 1960...**



Não há barreiras que barrem o caminho à fome, nem “machado que corte a raiz ao pensamento”. Por isso, ao longo dos séculos, o Barrosão derrubou barreiras e fronteiras desde o século XII. Sirva de exemplo, D. Pêro Gomes Barroso, que levou a nossa terra para Toledo. Pelo século XVI até ao século XVIII, o destino dos emigrantes era o Brasil; depois foi a América, o Canadá, a Austrália; finalmente na década de 60 – século XX, invadimos a Europa: França, Alemanha, Luxemburgo, Inglaterra e Suíça. O contrabando com a vizinha Espanha merece mil páginas de História Económica e Química!

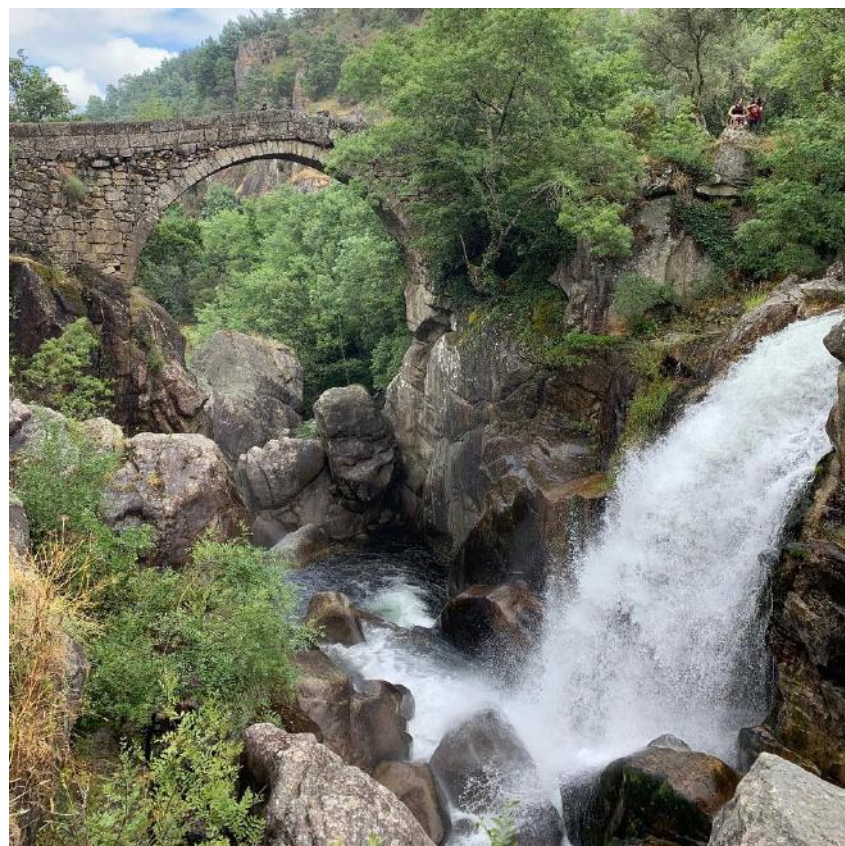
MONTALEGRE



UM CONCELHO COM HISTÓRIA

- **“A Ponte da Misarela”...**

Esta ponte, temerariamente assenta em penedos e sobre uma fecha – cascata - é uma construção mágica em que se fundem um maravilhoso cristão e um maravilhoso pagão das gentes de Barroso.



Também por isso foi o local escolhido para tira-teimas de forças nas batalhas: - 800 Barrosões contra os Franceses de Sault, em 17 de Maio de 1809. De realistas contra constitucionais, em 25 de Janeiro de 1827; e de liberais contra os cartistas, em 18 de Setembro de 1838.



Da Fertilidade às Invasões Francesas...



A paisagem idílica e o cenário arquitetónico incomum conferiram à Ponte da Misarela um cariz espiritual. Envolta em fantasia, ficou popularmente conhecida como “Ponte do Diabo”.

A Ponte do Diabo, como é conhecida a Ponte da Misarela, situa-se depois de Pitões das Júnias, descendo em direção ao Cávado, sobre o rio Rabagão e encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1958.

Localiza-se a cerca de um quilómetro da sua foz no rio Cávado, e liga as freguesias de Ruivães, em Vieira do Minho, à de Ferral, no concelho de Montalegre. Assente sobre penedos e sustentada por um único arco, com aproximadamente 13 metros de vão, foi erguida na Idade Média e reconstruída no início do século XIX.

• **A origem da lenda**

Para além da paisagem idílica em que se encontra, no fundo de um desfiladeiro escarpado, a Ponte do Diabo carrega uma lenda que perdura até hoje. Segundo a narrativa, um criminoso em fuga, perseguido pelas autoridades, ao chegar à margem do rio Rabagão, desesperado, invocou o diabo, pedindo-lhe ajuda para transpor o rio e passar a salvo para a outra margem. Como contrapartida, o criminoso terá oferecido a própria alma ao diabo. Aceitando a oferta, o mafarrico fez aparecer uma ponte, ordenando ao criminoso que a atravessasse sem olhar para trás. Chegado à outra margem, o diabo fez desaparecer a ponte, ajudando o criminoso a escapar às autoridades. Decorridos alguns anos, a "morte" bateu à porta do antigo criminoso, agora moribundo, anunciando-lhe: “Venho-te buscar, ó alma do diabo”.

Dizendo-se arrependido, o aterrorizado homem pediu ajuda, mandando chamar um padre para lhe dar os últimos sacramentos e quebrar o velho pacto com o diabo. O padre monta a cavalo e sai velozmente em auxílio do arrependido. No entanto, ao chegar à margem do rio constata que não havia passagem no local onde o diabo, em tempos, teria feito figurar uma ponte.

Com pressa em cumprir a missão que lhe haviam atribuído, o padre ergue os braços ao alto e olhando para o céu escuro, pede ajuda divina e profere: “Por Deus das águas puras do Rabagão ou pelo diabo das pedras negras, apareça aqui uma ponte de pedra”. Nisto, avista a escura silhueta do diabo na outra margem e, destemido, pergunta: “És tu, Satanás?”. Não obtendo resposta, o padre, vocifera: “Vade retro!”.

De seguida, pegando no hissopo, aspergiu em direção à outra margem a água benta que trazia consigo e vê surgir uma ponte em arco assente nas enormes rochas das margens, materializando a curva formada pela água sagrada lançada sobre o rio.

Ao vislumbrar tamanho feito, o padre faz o sinal da cruz e pronuncia as palavras do exorcismo ao mesmo tempo que vai ouvindo os rugidos bestiais de Lúcifer. A negritude atmosférica é invadida por um enorme cheiro a enxofre que paira no ar e, nisto, o padre ouve um grande estrondo no fundo das águas do Rabagão.

Mais aliviado, em direção às águas profundas, grita: “Arrebenta tu diabo, que esta alma não é tua. Após agradecer o milagre, seguiu caminho e socorreu com êxito o moribundo arrependido. Desde então, a Ponte da Misarela ficou com a fama de Ponte Mágica, Ponte do Diabo ou Ponte da Virtude.

• **Ritos, mezinhas e quebrantos**

O povo da região aproveitou-se da localização da então conhecida Ponte do Diabo para exercer os seus rituais, onde se fazem mezinhas e se rezam quebrantos.



A Ponte da Misarela eleva-se a mais de 15 metros sobre o leito do rio Rabagão. A vegetação densa que a envolve e as cascatas e formações rochosas que a rodeiam, tornam este local num cenário natural arrebatador.

Da Fertilidade às Invasões Francesas...



Um dos lados é denominado Púlpito do Diabo, por se tratar de um enorme rochedo, onde se acredita que o Diabo vai pregar à meia-noite. De geração em geração passou-se a mensagem de que quando uma mulher sofre abortos consecutivos, deve ir até à Ponte do Diabo à noite. Na extremidade da ponte mais próxima do lugar onde habitua, a mulher deve aguardar que passe o primeiro caminhante em sentido contrário. Este deve ser convidado a proceder ao batismo *in ventris* do futuro bebé.

• O padrinho improvisado

Colhendo um pouco de água do rio, o caminhante deve fazer uma cruz com a mão direita, vertendo a água no ventre da mulher e proferindo a lengalenga:



*Eu te baptizo pelo poder de Deus
e da Virgem Maria!...
Padre-Nosso e Avé-Maria!...
Se fores menina – menina,
Serás Senhorinha;
Se fores rapaz,
Serás Gervás - Gervásio.*

Segundo a crença, a cerimónia deve terminar com uma ceia abundante e o sucesso chegará com o nascimento da criança.

A ida à Ponte do Diabo, na procura do dito padrinho improvisado, pode ter de se repetir por vários dias, até que este finalmente chegue.

• O carácter sagrado

Trata-se de um lugar fascinante e, como qualquer obra que extravasasse as comuns capacidades humanas, era considerada uma obra do diabo. Desta forma, esta antiga ponte em arco não escapou a esse destino.

As escarpas que a ladeiam e a queda de água da cascata no abismo conferem-lhe uma certa mística. Os poderes mágicos, associados às práticas ancestrais que se relacionam à fertilidade no local, levaram a que a população começasse a atribuir-lhe um carácter sagrado.

Esta ponte foi palco de um combate sangrento entre as tropas francesas do exército de Napoleão e as tropas luso-britânicas, durante a segunda Invasão Francesa.

A derrota das tropas de Napoleão

Esta ponte foi palco de um combate sangrento entre as tropas francesas do exército de Napoleão e as tropas luso-britânicas, durante a segunda Invasão Francesa.

Em Maio de 1809, o exército de Soult, instalado no Porto e perante uma ameaça de ataque iminente por parte das tropas aliadas lideradas pelo General Wellesley, decide abandonar a cidade e fugir em direção a Espanha, levando apenas os seus homens, alguns animais e o essencial à sua sobrevivência.

Com os principais itinerários cortados de forma a impedir a marcha das tropas francesas, Soult opta pelos caminhos sinuosos da Serra da Cabreira para chegar a Montalegre.

A 15 de Maio, os invasores entram em Salamonde e no dia seguinte são interceptados na Ponte da Misarela, lugar onde muitos soldados franceses perderam a vida de forma trágica, tal como descreve Carlos de Azeredo na sua obra 'Aqui não passaram – O erro fatal de Napoleão': "Ao ouvir-se na retaguarda o troar da artilharia e basta fuzilaria, as tropas imobilizadas, sem poderem manobrar para se defenderem, e sentindo-se completamente indefesas caíram no pânico. Muitos homens, ainda na vereda, procuravam avançar a todo o custo empurrando os camaradas da frente, atropelando-se uns aos outros (...) e na sua ânsia de escaparem de uma terrível situação, lançavam fora armas e equipamento; os pobres animais famintos ou desferrados eram abatidos ou atirados pelas ravinas, (...) muitos homens na ponte eram atirados ao abismo pelo aperto e pela confusão."



Essa tragédia ecoa até numa cantiga popular:

*“Chorai meninas de França,
Chorai por vossos maridos,
Na ponte da Misarela
eram mais mortos que vivos!”*

• O percurso pedestre da Ponte do Diabo

O trilho “Ponte da Misarela – Entre Cávado e Rabagão” foi homologado pela Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal. Com uma extensão de 12 quilómetros, garante o contacto direto com flora e fauna únicas, inseridas na paisagem característica do Baixo Barroso. O percurso pedestre começa perto do campo de jogos, atravessa o lugar de Vila Nova, fazendo uso do velho caminho de época medieval. Após atravessar a aldeia, sobe pelo meio da encosta, proporcionando vistas panorâmicas sobre o vale do rio Cávado. O caminho segue até ao Viveiro. Entre campos agrícolas, lameiros e bosques de carvalhos, dá-se a chegada à aldeia de Ferral. A vista é agora sobre o rio Rabagão e o trilho continua até à velha calçada medieval que dá acesso à monumental Ponte da Misarela, a então mítica Ponte do Diabo.



IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA
PORTUGUESA

5 DE OUTUBRO DE 1910

ECOS da História

De Viriato a Salazar...

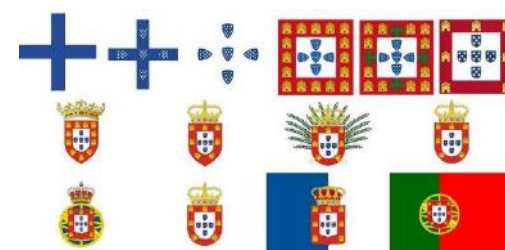
BANDEIRAS NACIONAIS



Fama

PORTUGAL NA IDADE MÉDIA...

O fascínio de uma época



Cavaleiros, donzelas, saltimbancos... Para a maioria das pessoas, a Idade Média é a época do passado mais apelativa e por isso, mais recriada, quer em feiras, quer em certa literatura fantasista, quer ainda no audiovisual. Há uma tendência para se esquecer que esse período se estende, tradicionalmente por cerca de mil anos, e que não é uniforme. Acresce que as mais recentes tendências historiográficas vão no

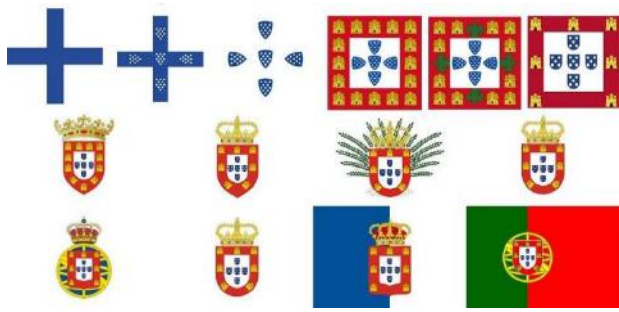
Quando Portugal era um condado



sentido de dilatar esta já longuíssima duração, esbatendo as fronteiras entre Idade Média e Idade Moderna. A própria designação Idade «Média» não é objetivamente correta, visto ter sido forjada por humanistas do Renascimento para designar os tempos que mediavam entre a sua própria época e a idolatrada Antiguidade. Na parte que nos interessa, entre 868 e 1096 desenvolveu-se na zona meridional



meridional do noroeste peninsular, o Condado Portucalense, entidade política que viria a transformar-se num Estado independente. Entre 711 e a vitória cristã em Covadonga E 722, os poderes islâmicos tomaram a maioria da Península Ibérica, sendo que, nas décadas subsequentes, a linha do Douro acabou por se transformar lentamente numa fronteira instável e ao mesmo tempo, crucial para qualquer plano de expansão territorial.



A Hispânia conquistada

De Viriato a Salazar...

Cronologia

A TERRA DESEJADA



- **2000 a.C.**

Surge pela primeira vez em inscrições fenícias o termo *I-spn-ya*, provável origem do nome da Hispânia.

- **Século VIII a.C.**

Configura-se o mosaico social complexo, de características diferentes consoante as regiões, dos chamados “povos pré-romanos”. Articula-se em duas grandes áreas, a iberica e a celta.

- **Século IV a.C.**

Essas culturas começam a estender-se por vastas zonas do interior peninsular e zonas pirenaicas. Características comuns: recurso à tecnologia do ferro, costumes funerários, uso do torno e da cerâmica e uma estrutura linguística semelhante.

PRIMEIROS CONTACTOS

- **Século IV a.C.**

Os cartagineses controlam boa parte do território do sul peninsular, zona que lhes proporciona grande quantidade de prata e mercenários para as suas campanhas.

- **237 a.C.**

Amílcar Barca inicia a dinastia barciana, que será continuada pelo seu genro, Asdrúbal, e pelo seu filho Aníbal, entre outros.

- **218 a.C.**

Os romanos desembarcam em Ampúrias (atual Catalunha) a fim de prosseguir a sua luta contra Cartago (Segunda Guerra Púnica) pelo controlo do Mediterrâneo.

- **197 a.C.**

A Ibéria romana é dividida em duas províncias: Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior.



- **195 a.C.**

Com a chegada do cônsul Marco Pórcio Catão, Roma estabelece um controlo mais próximo e definitivo sobre os territórios conquistados.



- **155 a.C.**

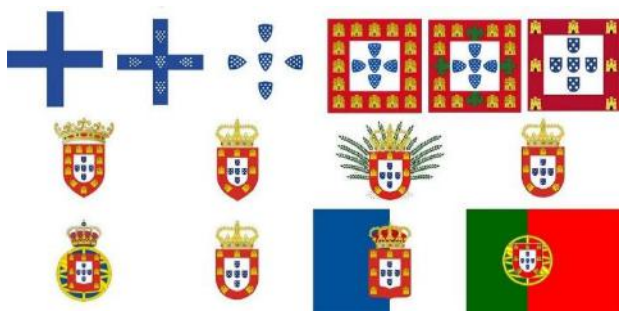
Começam as chamadas “Guerras Lusitanas”, especialmente difíceis para Roma, que só terminarão em 136 a.C., após a morte do feroz líder lusitano Viriato, em 139 a.C.

- **153 a.C.**

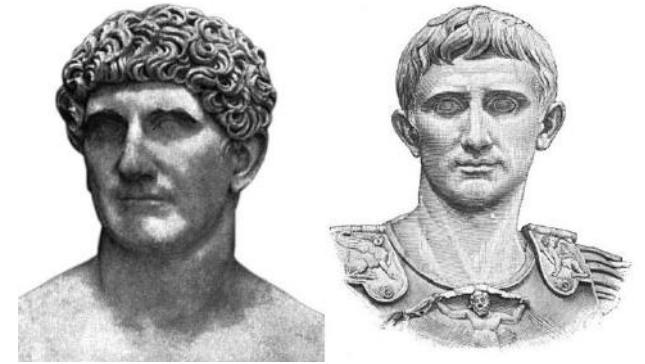
Quase em paralelo, Roma tem de enfrentar as Guerras Celtibéricas, que culminarão em 133 a.C. com a tomada da cidade de Numância, depois de resistir heroicamente a um cerco muito longo e duro.

- **139 a.C.**

Décimo Júnio Bruto é o primeiro general a levar tropas romanas para a Gallaecia (atual Galiza), a qual se submete seis anos depois.



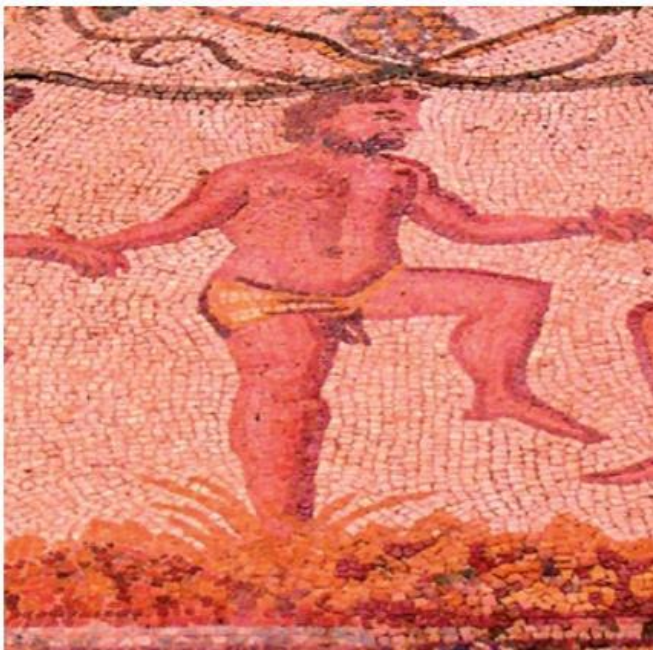
A Hispânia conquistada



Cronologia

De Viriato a Salazar...

A TERRA DESEJADA



VINHO, AZEITE E OURO

• Século I a.C.

Os produtos ibéricos já adquiriram uma fama considerável em Roma. Autores como Estrabão, Pompeu Trogo, Mela e Plínio enumeram as riquezas e os produtos idos da península, como o vinho, o trigo, o azeite, os presuntos, o peixe, os metais, o linho, o esparto, o mel e os cavalos.

• 20 a.C.

Plantação sistemática de oliveiras no vale do Guadalquivir, cuja produção é exportada em massa.

• Século I d.C.

A exploração dos metais preciosos do solo ibérico, sem dúvida um dos principais alvos económicos de Roma na península, alcança o seu apogeu quando a administração das minas passa para as mãos do estado.

ROMANIZAÇÃO

• 82 a.C.

Com o apoio incondicional dos lusitanos, de alguns povos celtiberos e de outras comunidades, Quinto Sertório encabeça as chamadas "Guerras Sertorianas".

• 49 a.C.

Batalha de Ilerda entre as forças de Júlio César e as de Pompeu, no âmbito da segunda guerra civil da república de Roma.

• 29–19 a.C.

As chamadas Guerras Cantábricas constituem o último obstáculo importante para os romanos na Ibéria.

Quando terminam, o império já domina toda a península, que se torna finalmente a Hispânia.



GOVERNO DE AUGUSTO

• 45 a.C.

Octávio visita pela primeira vez a Ibéria quando é apenas um promissor jovem de 17 anos. Chega à península na companhia de Júlio César, seu tio-avô e pai adoptivo.

• 43 a.C.

Forma com Marco António e Lépido o Segundo Triunvirato. Quando este chega ao fim, luta com Marco António pelo poder e acaba por derrotá-lo na batalha de Áccio (31 a.C.).

• 27 a.C.

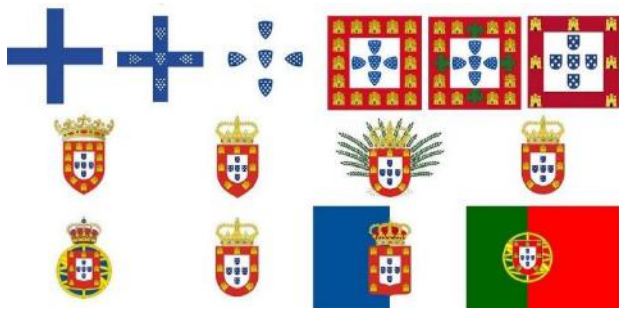
Já como Augusto, a importância que atribui à questão hispânica leva-o a liderar pessoalmente as Guerras Cantábricas. Instala-se em Tarraco, cidade onde reside durante dois anos (26/25 a.C.), regendo dali os destinos do império



RESTOS IMORTAIS

Depois de subir ao trono, Octávio, que a seguir se autoneitaria Augusto, pondo paulatinamente termo à república e iniciando o Império Romano, lançou campanhas de obras por todo o seu vasto território. Na península ibérica, há múltiplos exemplos desse afã construtivo.





A Hispânia conquistada



Cronologia

De Viriato a Salazar...

A TERRA DESEJADA

OS IMPERADORES HISPÂNICOS

- **98 d.C.**

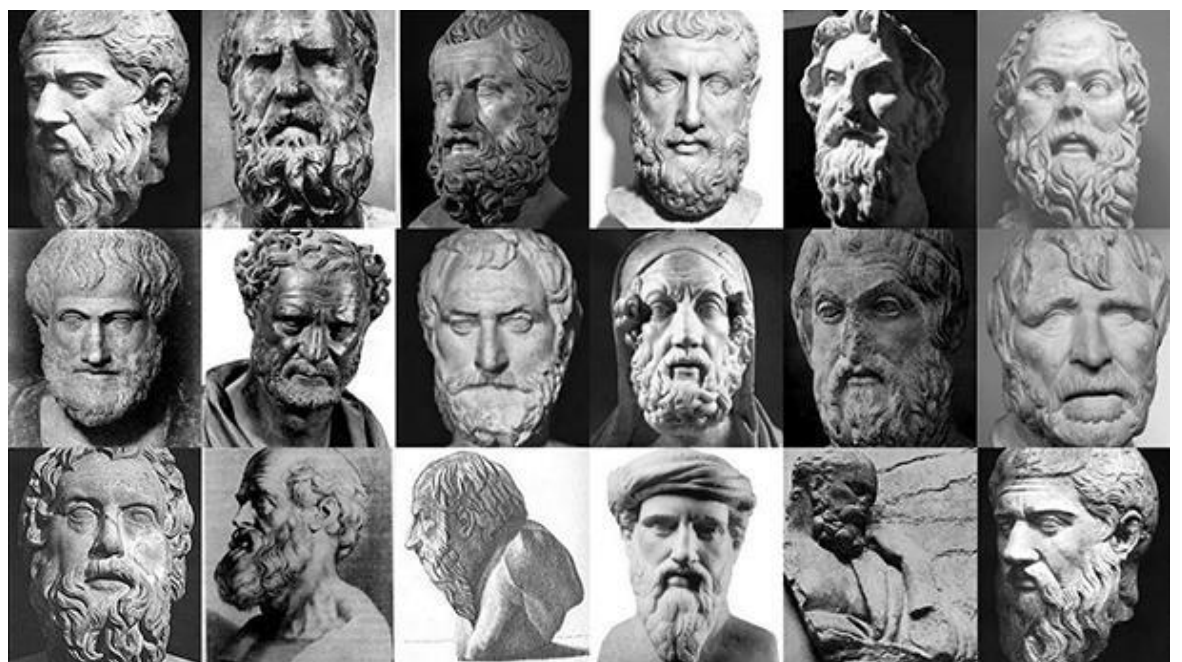
Trajano (nascido em Hispalis, actual Santiponce, na província espanhola de Sevilha) é o primeiro hispânico a chegar ao trono imperial. Herda um território cujas fronteiras vão da Escócia ao norte de África, e das costas atlânticas da península ibérica à Dácia (atual Roménia).

- **117 d.C.**

Adriano, sobrinho-neto de Trajano e também oriundo de Hispalis, herda o trono. Será um imperador pouco beligerante e amante das artes. 379 d.C. Teodósio, natural de Cauca (atual Coca, na província espanhola de Segóvia), é o último imperador romano de origem hispânica e também o derradeiro a governar tanto o Ocidente como o Oriente.

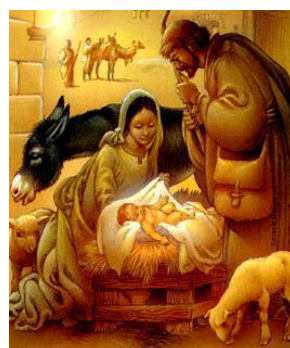


OS GRANDES PENSADORES



- **Século I d.C.**

O poeta e erudito Lúcio Aneu Séneca, nascido na atual Córdova, torna-se primeiro tutor e, depois, conselheiro do imperador Nero. Caído em desgraça, é forçado a suicidar-se. Marco Aneu Lucano, sobrinho de Séneca e notável poeta, tem o mesmo destino do tio às mãos de um paranoico Nero.

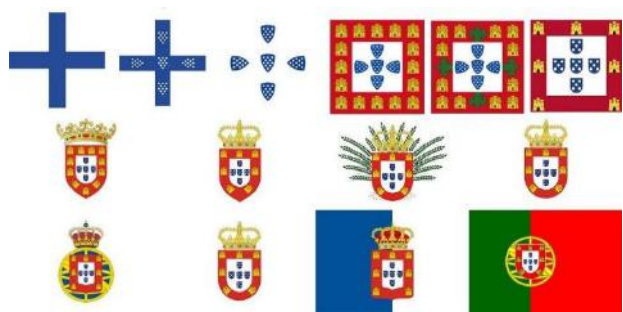


- **104 d.C.**

O grande poeta Marcial morre na sua Bilbilis Augusta natal (atual Calatayud, na província espanhola de Saragoça) após regressar de Roma, cansado do bulício e da artificialidade da metrópole.

- **Séculos IV e V**

Surgem pensadores romanos de origem hispânica como Paulo Orósio, natural de Bracara Augusta (atual Braga), e o influente bispo Idácio de Chaves (400–469 d.C.), natural da atual Galiza



A Hispânia conquistada ...

ECOS
da História



Cronologia

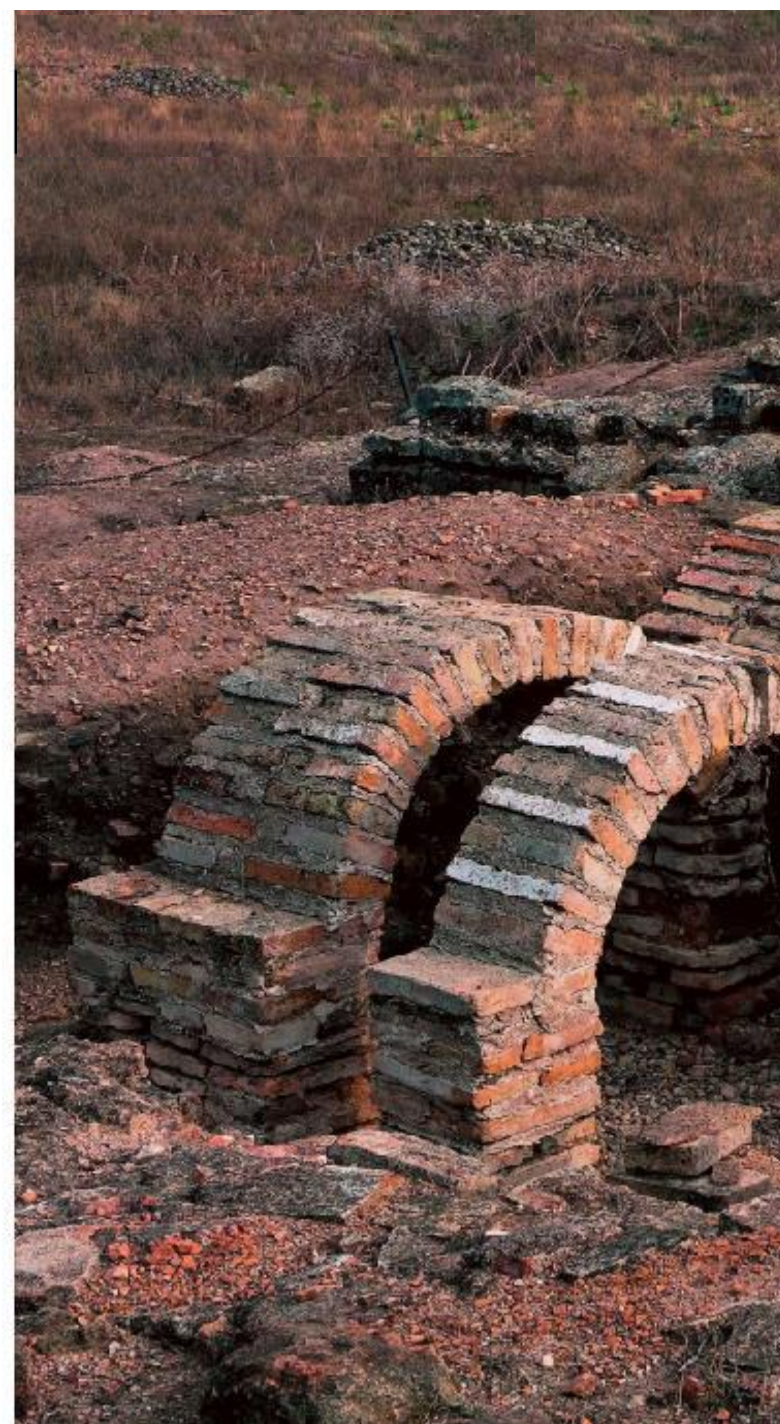
De Viriato a Salazar...

TERRA DESEJADA

Em 218 a.C., o general Cneu Cornélio Cipião desembarcou com as suas legiões na costa da actual província espanhola de Girona (Catalunha). Foi o primeiro contacto de Roma com um território, a Ibéria, no qual conviviam mais de uma dezena de povos diferentes, estruturados de forma tribal e com um escasso nível de desenvolvimento, à exceção da magnífica sociedade de Tartesso, no sul da península

Os gregos chamaram-lhe Ibéria, mas o nome da atual Espanha provém de Hispânia, palavra de origem romana para distinguir a nossa península dos restantes territórios mediterrânicos. Contudo, é curioso que o termo não tenha tido origem no latim, o que levou à formulação de diversas teorias a esse respeito. Uma delas defende que provém do fenício I-spn-ya, termo documentado em inscrições de pelo menos 2000 a.C. No século XVIII, pensava-se que poderia querer dizer “terra do norte”, pois spn significava “norte” em hebraico e aramaico, e especulava-se que os fenícios teriam descoberto o território peninsular contornando a costa africana (pelo que, desse modo, ficava a norte).

Outra teoria afirma que, quando chegaram às nossas costas, os fenícios ficaram surpreendidos com a abundância de coelhos, pelo que batizaram o território com o termo shapán, nome dado por aqueles comerciantes aos pequenos animais, muito comuns no norte de África e no Médio Oriente. É por isso que se diz que os fenícios chamaram a esta região *I-shepham-im*, o que se poderia traduzir por “costa dos coelhos”. Quando os romanos chegaram, adotaram o termo e interpretaram o prefixo i (costa) como tendo um significado mais vasto, passando a designá-la por “região”. Cícero, Plínio, o Velho, Catão e Tito Lívio referem-se à Hispânia como “terra abundante em coelhos”, e foram mesmo cunhadas moedas com divindades a cujos pés se vê a figura de um coelho, como personificação da península ibérica.



Já na pré-história se conheciam bem as riquezas minerais ibéricas

SUBSOLO COBIÇADO

Todavia, as teorias atualmente mais aceites defendem que se traduz I-span-ya por “terra onde se forjam metais”, pois spy (raiz da palavra span) significa, em fenício, “bater metais”. A Hispânia era uma terra única, muito diferente dos restantes territórios mediterrânicos, e é por isso que iberos, fenícios, gregos, púnicos e, mais tarde, romanos fizeram deste território um lugar desejado por todos, uma terra repleta de minerais e de recursos naturais inesgotáveis. Desde a época pré-histórica que circulavam lendas por todo o Mediterrâneo sobre os navios fenícios que partiam da península carregados de prata e ouro. Obviamente, as histórias eram do conhecimento de outros povos, que mostravam interesse em conhecer o território. Como a história está sempre a repetir-se, desde a época pré-romana que todos os estrangeiros chegados à península procuravam metais (sobretudo prata) para poderem financiar as suas guerras e batalhas. A Ibéria era, sem dúvida, um lugar estratégico: as suas minas de prata permitiam sufragar uma economia monetária, e é por isso que as grandes civilizações mediterrânicas desejavam o nosso território.



Os séculos da Idade Média

D. Henrique e D. Teresa

Os titulares do condado aquando da sua restauração, em finais do século XI, segundo uma imagem da Genealogia dos Reis de Portugal, de António de Holanda (século XVI)



Quando Portugal era um condado

De 868 a 1096 desenvolveu-se, na parte meridional do noroeste peninsular, o Condado Portucalense, entidade política que viria a transformar-se num Estado independente por João Ferreira* ao mesmo tempo, deu o apoio necessário às iniciativas

Entre 711 e a vitória cristã em Covadonga em 722, os poderes islâmicos tomaram a maioria da Península Ibérica, sendo que, nas décadas subsequentes, a linha do Douro acabou por se transformar lentamente numa fronteira instável e ao mesmo tempo crucial para qualquer plano de expansão territorial. Longe de ser um espaço inteiramente desprovido de gentes, via-se no entanto, a braços com uma ausência de elites laicas e eclesiásticas autóctones, capazes de conduzir as suas forças sociais. Com efeito, o *limes* galego-português serviu de casa a insurgentes berberes em 741 e foi alvo de múltiplas surtidas cristãs entre 739 e 757. Durante este período, Afonso I das Astúrias familiarizou-se com os particularismos da nobreza galega e ao mesmo tempo, deu o apoio necessário às iniciativas de organização social dos bispos galegos, que fugindo do avanço muçulmano, se tinham exilado nas dioceses de Iria-Santiago, Lugo e Mondonhedo. Contudo, só em 766 se cristalizaria a soberania asturiana até ao vale do Minho, dando origem a várias revoltas de magnatas galegos entre os anos de 768 e 783.

De forma a apaziguar e a assimilar esta aristocracia, Afonso II conseguiu canalizar todos os seus impulsos bélicos para um conjunto de fossados bem-sucedidos, primeiramente, em Lisboa e no vale do Tejo em 798, e depois em Viseu e no vale do Douro em 839.

Apesar do surgimento de várias quezílias no campo islâmico – agravadas pelos ataques normandos de 843-844 a Lisboa, Beja e Algarve –, a costa galaico-portuguesa foi alvo de múltiplas pilhagens de piratas muçulmanos e escandinavos, dissolvendo-se a frágil arquitectura social construída até então.

Limes
Fronteiras, ou regiões fronteiriças, do Império Romano



Alvazil
Governador muçulmano de uma localidade



Os séculos da Idade Média

Quando Portugal era um condado

A expansão asturiana

Na verdade, a monarquia asturiana apenas recuperaria o seu impulso expansionista em 854, quando, com o apoio de uma poderosa nobreza condal, conseguiu tomar Leão, Astorga e Tui. A presúria de Tui pelo conde Afonso Betotes afigura-se, portanto, como um momento relevante na reconquista cristã do século IX, na medida em que, fruto do perfil territorial da antiga diocese tudense, permitiu o controlo de um vasto espaço entre a ria de Vigo e o curso português do rio Lima, e ao mesmo tempo, serviu de tiro de partida para a rápida assimilação de Portucale, ou seja, do Entre-Douro-e-Minho, e de Coimbra juntamente com a maior parte das Beiras. Em 868, o conde Vímara Peres levaria a cabo a presúria de Portucale; pouco tempo depois, em 872, o conde Odoário ocuparia Chaves; e em 878, o conde Hermenegildo Guterres tomara Coimbra.

Hoje sabemos que o sucesso destas campanhas se deveu em grande medida, a um alinhamento estratégico de interesses entre estas novas elites territoriais e a aristocracia condal galega que desde os inícios da centúria, controlava já a região vizinha de Lugo, encabeçada, naquele momento, pela família do conde Ero Fernandes.

Ao contrário do que se presumiu durante muito tempo, a autoridade feudal exercida por cada uma destas famílias condais não corresponderia exactamente a um estatuto de soberania territorial e jurisdicional alargada, de cariz quase plenipotenciário e aplicável a um espaço geográfico claramente delimitado através da consignação de um «estado» condal. Se por um lado, a jurisdição política e judicial de cada conde não ultrapassaria em grande medida as fronteiras dos seus «condados», por outro, o seu extraordinário património fundiário e avultados direitos senhoriais distribuía-se por quase todo o espaço galaico-português, e em certos casos, pelas vertentes mais ocidentais das Astúrias, Astorga e Leão. Importa referir também, que os velhos condes portugalenses nunca usufruíram de uma soberania plenamente autónoma, permanecendo sempre sob a tutela atenta da coroa leonesa, com a qual mantiveram vários conflitos ao longo do século X.

As duas casas condais

Nos alvares deste século, o **entrecruzamento das famílias de Ero Fernandes, Afonso Betotes, Vímara Peres e Hermenegildo Guterres deu origem a duas grandes casas condais, titulares de jurisdição sobre Portucale e Coimbra.**

De uma forma geral, os descendentes de Vímara Peres apostaram mais num estreitar de laços com a família de Afonso Betotes, resultando numa concentração das jurisdições sobre Portucale e Tui nas mãos da célebre condessa portugalense Mumadona Dias – a grande patrona do mosteiro de Guimarães, em 959 - e do seu marido Mendo Gonçalves I, provável filho de Gonçalo Betotes, descendente do presor de Tui.



Vímara Peres
O primeiro conde de Portucale e fundador de Guimarães, no século IX.

Assim sendo, tanto o Entre-Douro-e-Minho como o Entre-Minho-e-Lima, foram sendo governados ao longo da segunda metade do século X pelos condes portugalenses Gonçalo Mendes e Mendo Gonçalves II, filho e neto deste casal. Só através do casamento de Ildoara Mendes, filha de Mendo Gonçalves II, com o conde Nuno Alvites, se verificaria o regresso ao poder de um descendente varonil de Vímara Peres, que viria a ser pai e avô de Mendo Nunes e Nuno Mendes, últimos condes de Portucale. Já a casa condal conimbricense firmaria mais alianças com os descendentes de Ero Fernandes, dando origem aos antigos condes de Coimbra e a múltiplas linhas colaterais, destacando-se os patronos do mosteiro de Sever do Vouga e, acima de tudo, a família de São Rosendo, fundador do mosteiro galego de Celanova.



Os séculos da Idade Média

Quando Portugal era um condado

O domínio dos descendentes de Hermenegildo Guterres sobre Coimbra, seria interrompido pela perda desta urbe em 987, fruto da colaboração da família do conde Froila Gonçalves com as operações dos muçulmanos, visível na forma como hostilizaram os condes portucalenses, os seus parentes colaterais, especialmente os patronos de Sever, e apoiaram a surtida de Almançor contra Compostela em 997. Coimbra seria recuperada apenas em 1064, pela mão de Fernando I de Leão e Castela, ficando então sob a tutela do alvazil moçárabe Sisnando Davides – e não nas mãos do último conde portucalense Nuno Mendes. Esta divisão de áreas de influência entre Portucalense e Coimbra, terá surgido, aparentemente, de uma assinalável diferença sociocultural entre as duas regiões, vincada desde o período romano e suevo-visigodo, visto que o Douro servia de fronteira às antigas províncias da Galécia e da Lusitânia, onde a ruralidade castreja e atlântica do norte se opunha à urbanidade e interesses comerciais mediterrânicos das elites hispano-romanas do sul.

Castelo de Guimarães



Fundado pela condessa Mumadona Dias, para defesa das incursões normandas, o convento que antes mandara erguer, é popularmente designado «berço da nacionalidade»

Esta velha oposição perfilava-se agora nas diferenças e complementaridades existentes entre o sul moçárabe conimbricense e o norte senhorial portucalense

Endogamia e decadência

As causas da paulatina decadência da velha aristocracia condal portucalense são sobejamente conhecidas, tendo tido o seu trágico fim na batalha de Pedroso em 1071, onde morreria, despojado de toda a sua relevância política, social e patrimonial, o conde Nuno Mendes, às mãos dos fiéis de Garcia II, filho de Fernando I e monarca interino da Galiza, que acabaria por ser deposto por Sancho II de Castela e mais tarde, por Afonso VI de Leão, seus irmãos.

Este processo deveu-se, acima de tudo, ao apertado regime de casamentos endogâmicos praticado pela aristocracia condal portucalense, gerador de acidentes biológicos que propiciaram desvios na transmissão da autoridade condal, deixando a região entregue a jovens ou a viúvas de antigos condes; ao crescente poderio expansionista de Almançor - principalmente durante as campanhas de 987 e 997, contra Coimbra e Compostela - dos Abássidas a partir de 1039, e dos Almorávidas desde 1061, que se viu cerceado apenas pelas campanhas de reconquista das Beiras, lideradas por Fernando I entre 1055 e 1064; à enorme pressão criada pelas cíclicas incursões normandas, que até cerca de 1024 assolaram os domínios nortenhos da família condal portucalense, sendo de sublinhar o saque de Tui pelo caudilho norueguês Olaf Haraldson; à atomização da aristocracia condal coimbrã e às suas quezílias com as restantes estirpes condais, resultantes na perda de Coimbra em 987 e na sua exclusão dos círculos de poder cristãos em 1017; ao seu constante envolvimento nos pleitos sucessórios da monarquia leonesa, visíveis na oposição dos condes Gonçalo Mendes de Portucalense e Gonçalo Moniz de Coimbra, a Sancho I de Leão em 962 e 966 respectivamente, na revolta galega de Gonçalo Mendes contra Bermudo II em 987 e na participação de vários magnatas portucalenses na rebelião contra Bermudo III entre 1029-1030; e à paulatina ascensão de uma nova nobreza territorial de menor peso social, que José Mattoso identificou e classificou como os «infanções».

Apesar de já se encontrarem solidamente documentados desde os inícios do século XI, os infanções portucalenses – antepassados longínquos de várias famílias seminais da nobreza portuguesa - como os Sousa, Ribadouro, Maia ou Bragança, por exemplo - e que, em certos casos, como os Baião ou Lanhoso, podiam reclamar a sua ascendência em ramos secundários das antigas famílias condais – passaram a assumir uma liderança plena sobre a região apenas durante os reinados de Fernando I e Garcia II, já que, graças aos laços forjados durante a reconquista das Beiras, foram retirando à família condal toda a sua influência territorial e jurisdicional,



Os séculos da Idade Média

Quando Portugal era um condado

retirando à família condal toda a sua influência territorial e jurisdicional, aliando vastos domínios fundiários a inúmeros cargos de governo regional e formando um triunvirato, que no reinado deste primeiro monarca, exercia justiça em seu nome - na qualidade de vicários régios. Longe de serem figuras omnipresentes na corte castelhano-leonesa do século XI, os infanções foram indispensáveis à afirmação de uma nova ordem pública em Portucale, que para além de esvaziar os poderes dos condes Mendo Nunes e Nuno Mendes - herdeiros de uma casta conhecida pela sua volatilidade política -, assentava num controlo mais directo do território pela monarquia,

D. Raimundo e D. Henrique

Apesar da sua vitória contra Nuno Mendes em Pedroso no ano de 1071, Garcia II não foi capaz de evitar o avanço das tropas castelhanas de Sancho II ou a reunificação do ocidente peninsular por Afonso VI, acabando a sua vida no cativeiro dourado do castelo de Luna em Castela.

Com efeito, nem Senando Davides, alvazil de Coimbra e genro de Nuno Mendes, nem os grandes líderes das linhagens infancionais, hostilizaram a autoridade de Afonso VI, aceitando a continuidade dada às reformas de Fernando I e Garcia II e o surgimento de novas figuras no cenário portucalense, como o poderoso vicário régio Paio Guterres da Silva.



através de uma malha senhorial mais coesa criada por estas novas famílias.

A ausência da linhagem condal portucalense de qualquer uma das campanhas de Fernando I em Portucale, serve de testemunho à degradação das suas relações sociais com a monarquia leonesa, que ostentava agora uma ligação quase familiar a esta nova nobreza, visível nos laços sociais e patrimoniais que Garcia II manteve com os Ribadouro.

A divisão do império de Fernando I por Garcia II da Galiza, Sancho II de Castela e Afonso VI de Leão e futuro rei da Galiza, Castela e Leão em 1072, pressupunha também uma reconstituição do antigo mapa diocesano ibérico, que através da restauração de várias igrejas - no caso galego encabeçadas por Braga), transformaria muitos bispos em verdadeiros lugar-tenentes dos novos monarcas.



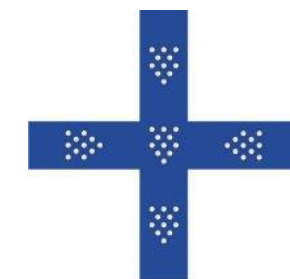
No entanto, o casamento de Raimundo de Borgonha com a infanta D. Urraca em 1087 e a sua condição de conde da Galiza, geraram as circunstâncias ideais para a emergência de um espaço cortesão, onde através da nomeação para cargos curiais e territoriais, os infanções viam por fim, serem plenamente premiados todos os seus esforços.

Apenas os falhanços de D. Raimundo na defesa de Portucale contra a pressão muçulmana e o seu constante envolvimento na alta política leonesa - já muito marcada pela formação de diferentes partidos sucessórios em torno do trono imperial de Afonso VI - ditariam o casamento do conde D. Henrique de Borgonha com a bastarda régia D. Teresa e a concessão lúgia da região de Portucale e de Coimbra, a uma nova família condal em 1096, que alavancada pelos vários impulsos autonomistas da sua aristocracia, construiria um novo projecto de soberania, resultante na ascensão de D. Afonso Henriques e na independência de Portugal.



AFONSO HENRIQUES

O PORTUGUÊS NÚMERO UM



A fundação do reino...

Movendo-se habilmente no contexto, fundou, a partir do Condado Portucalense e de terras tomadas aos «mouros», o reino de Portugal.

Mas quem foi este homem, em cuja biografia conhecida a realidade se confunde com a lenda?!...

Com licença do Dr. João Barroso de Fonte, ilustre historiador barrosão, que cá estará para nos corrigir se fôr caso disso, diremos que era uma vez um menino que nasceu no castelo de Guimarães fruto da ligação ilícita entre uma princesa e um aio, que veio ao mundo para cumprir altos destinos. Com o passar dos anos, o jovem dizem que miraculado, transformou-se num gigante dotado de uma força prodigiosa que nem sempre aplicava da melhor forma. Um dia, na véspera de uma grande batalha travada contra os mouros, teve uma visão de Jesus Cristo a anunciar-lhe que o Ocidente ibérico seria para sempre um país independente. Dotado de espantosa bravura, talhou a golpes de espada o estado que viria a chamar-se Portugal e que sem ele jamais teria existido.

E isto porque Coimbra e Viseu, são também desde 1990, apontados como possíveis locais do nascimento do primeiro rei de Portugal, uma possibilidade surgida - e contrariada por Barroso da Fonte - desde que Torquato de Sousa Soares aventou a possibilidade no Dicionário Enciclopédico da História de Portugal dirigido por José Hermano Saraiva e publicado pelas edições Alfa, defendeu tal tese.

O problema está, por conseguinte, em saber onde se encontrava a mãe de D. Afonso Henriques no momento do parto, e é seguindo o rasto deixado por D. Teresa de Leão em documentos que os detectives do passado arquitectam as suas teorias que procuraremos lá chegar. Na falta de uma certeza, a maioria dos historiadores, entre os quais o estudioso do primeiro rei, Barroso da Fonte, prefere manter-se fiel à tese de Guimarães, tal como são os casos do medievalista José Mattoso, igualmente autor de muitos trabalhos sobre a época e a biografia de D. Afonso Henriques, e do falecido político e jurista Diogo Freitas do Amaral, que, não sendo propriamente historiador, deu em 2006 à estampa o livro D. Afonso Henriques – Biografia. Desconhece-se também a data precisa do nascimento de D. Afonso Henriques, embora o verão de 1109 reúna um certo consenso. Entre 1100 e 1111, várias são, porém, as datas sugeridas.

• A paternidade do ‘gigante’

No meio de tudo isto, fica uma certeza: a de que D. Afonso Henriques nasceu do ventre de D. Teresa, filha bastarda de Afonso VI de Leão e Castela, cujos domínios incluíam a parte norte do Portugal de hoje, onde se incluía Barroso.



Os pais de Afonso Henriques

Estas breves linhas resumem os conhecimentos da generalidade dos portugueses acerca da mais popular das figuras históricas nacionais - D. Afonso Henriques, o fundador e o primeiro chefe de um Estado parcialmente erigido em territórios arrancados aos muçulmanos de proveniência magrebina e árabe.

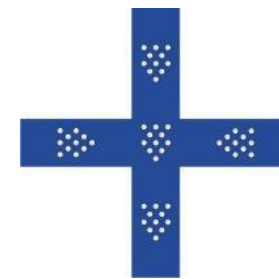
Hoje porém muitas dúvidas se levantam e para começar, não há a certeza de que tenha nascido em Guimarães, nem poderia haver, uma vez que não existe qualquer registo que o indique taxativamente.

Quando, há pouco mais de 30 anos, surgiram hipóteses de historiadores apontando para outras localidades, ia “caindo o mundo” na chamada cidade-berço, que vive à sombra do icónico castelo e da estátua do guerreiro.



AFONSO HENRIQUES

O PORTUGUÊS NÚMERO UM



A fundação do reino...

De acordo com a versão popular, o fundador da nacionalidade portuguesa era um gigante dotado de força prodigiosa. Sendo certo que ainda há uns escassos cem anos a média de altura dos portugueses era bastante inferior à atual, nada impede que D. Afonso Henriques tenha constituído uma daquelas exceções que confirmam as regras. Contudo, o mais provável é que, dentro do espírito de mitificação da personagem, se lhe tenham atribuído uns décímetros a mais, no intuito de engrandecer também fisicamente aquilo que já era moralmente descomunal.

• Relações atribuladas com a mãe

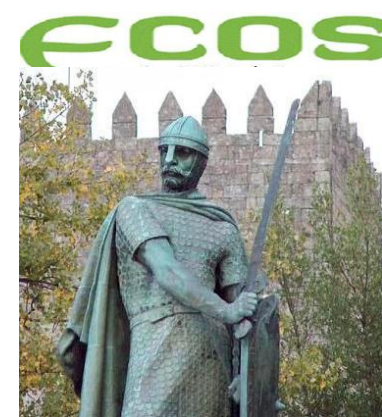
A mais conhecida e propalada a nível popular das facetas de caráter vulgarmente atribuídas a D. Afonso Henriques é a de que «batia na mãe». Qual o fundamento desta crença tão enraizada? D. Teresa era, como vimos, filha de Afonso VI de Leão e Castela e mulher do conde governador de Portucale.

Depois da morte do marido, que ocorreu quando Afonso Henriques tinha apenas 3 anos de idade, viu-se ela à frente dos destinos do condado. As suas ligações com a nobreza da vizinha Galiza, sobretudo desde que passou a manter uma ligação amorosa com o conde galego Fernão Peres de Trava, motivaram o descontentamento dos senhores portugalenses, teoricamente seus vassallos, que se viram preteridos de cargos importantes em favor de «estrangeiros» (galegos). Ora, um desses nobres irritados era Egas Moniz, o nosso já conhecido aio do pequeno Afonso Henriques, que se viu assim educado num clima de contestação às orientações de D. Teresa.

Como o nosso jovem era filho do falecido conde de Portucale e pertencia a uma linhagem duplamente real (Leão-Castela e França), nada mais natural do que ter sido escolhido para chefe simbólico pelos barões contestatários. E quando Afonso tinha 19 anos, em 1128, liderou mesmo uma representação de nobres portugalenses contra cavaleiros galegos na batalha (ou torneio, como pretendem alguns, como Freitas do Amaral) de S. Mamede, em Guimarães.

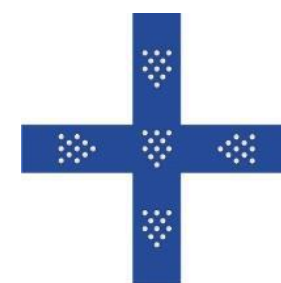
Uma crónica redigida nos finais do século XIII diz que, vencida a mãe em S. Mamede, Afonso Henriques a «pôs a ferros». Este ato estaria na raiz de uma maldição proferida pela mãe contra o filho, a qual se teria cumprido no chamado «desastre de Badajoz», quando, muito mais tarde, o já idoso rei fraturou gravemente uma anca ao tentar tomar esta cidade





AFONSO HENRIQUES

O PORTUGUÊS NÚMERO UM



A fundação do reino...

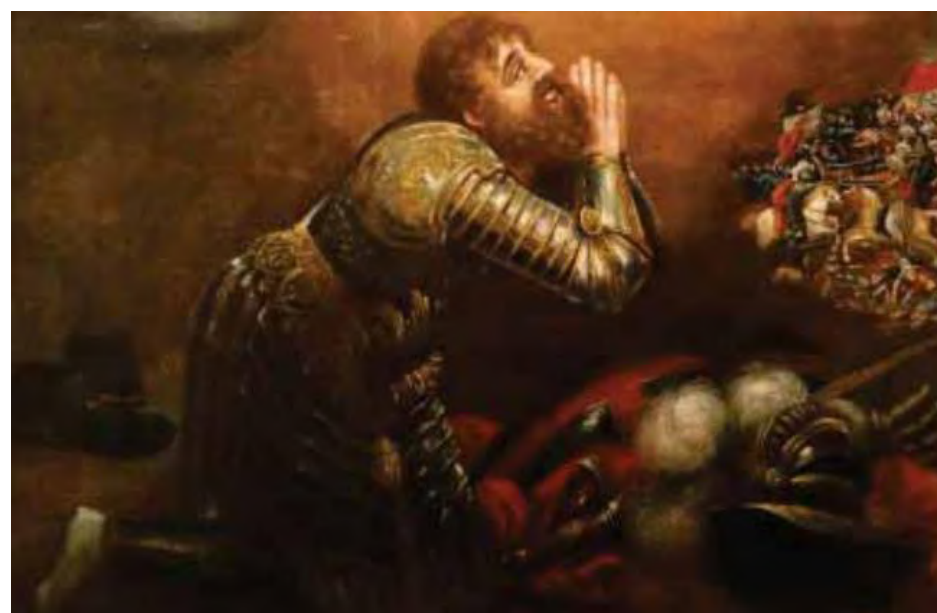
- **Batalha milagrosa e conquistas reais**

O nome do bairro lisboeta de Campo de Ourique evoca uma das mais conhecidas batalhas da história e da mitologia portuguesas. Mitologia porque, segundo se conta, uma pequena força cristã comandada por D. Afonso Henriques terá desbaratado um grande exército muçulmano de dezenas de milhares de combatentes e encabeçado por «cinco reis mouros», algures nos campos de Ourique, no Baixo Alentejo, em plena mourama profunda, a centenas de quilómetros da base de operações portuguesa, que era então Coimbra. Terá sido na sequência desse combate que D. Afonso Henriques foi proclamado rei pelos seus barões. No século XIX, Alexandre Herculano, sem pôr em causa a veracidade da batalha, retirou-lhe importância no contexto da fundação de Estado português.

Mas há quem não pense assim, e de qualquer modo trata-se de um dos mitos (ou elementos, se preferirmos) fundadores do Estado Português. Ora, essa refrega terá tido mesmo lugar na Ourique alentejana? Existe a possibilidade de se ter travado em Vila Chã de Ourique, na zona do Cartaxo, ou numa terra chamada Campo de Ourique, perto de Leiria. Pelo menos tão interessante como o problema da localização é o milagre associado à batalha. Narra a crónica de Duarte Galvão que, na noite da véspera, apareceu no acampamento de D. Afonso Henriques um eremita que lhe disse que quando, ao raiar da aurora, ouvisse tocar um sino, saísse da tenda – e teria então a visão de Cristo crucificado. Segundo a lenda, assim terá acontecido, assegurando o cronista que dessa forma «foi o príncipe D. Afonso certificado por Deus de sempre Portugal haver de ser conservado em reino».

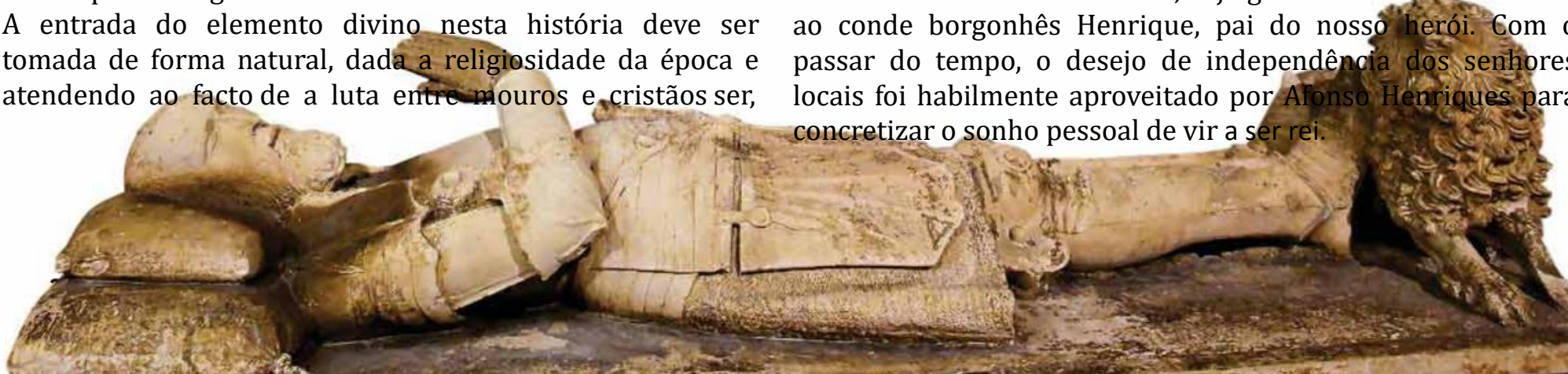
A entrada do elemento divino nesta história deve ser tomada de forma natural, dada a religiosidade da época e atendendo ao facto de a luta entre mouros e cristãos ser,

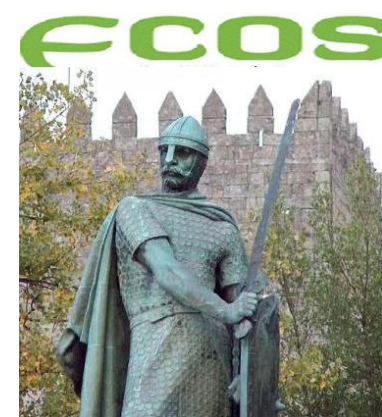
antes do mais, um embate entre fés. Este episódio estava – insiste-se – destinado a ser, durante séculos, um dos esteios da independência de Portugal, até Herculano o ter posto em causa. Não restam dúvidas de que D. Afonso Henriques, à força de espadeirada, alargou para o dobro a área do território que governava, e de que em 1140, aos 31 anos, passou a intitular-se rei. Numa primeira fase, tentou expandir os seus domínios para norte e leste, à custa de territórios da Galiza e de Leão, tendo por isso muitos confrontos (uns armados, outros diplomáticos) com o seu primo Afonso VII, filho de Raimundo e Urraca. Face à impossibilidade de conseguir por esse lado os seus intentos, voltou-se então para as terras muçulmanas do sul, onde foi bem sucedido.



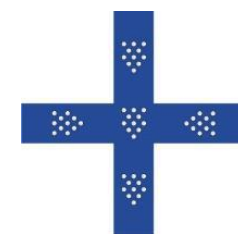
- **O reconhecimento papal**

Sim, porque D. Afonso Henriques – que em jovem não terá passado de uma espécie de estandarte humano dos barões durienses – fundou efetivamente um Estado independente, que depois se encarregou de alargar para o dobro. Claro que antes de este Estado existir já havia Portugal: era, como vimos, o condado leonês de Portucale, cujo governo Afonso VI confiou ao conde borgonhês Henrique, pai do nosso herói. Com o passar do tempo, o desejo de independência dos senhores locais foi habilmente aproveitado por Afonso Henriques para concretizar o sonho pessoal de vir a ser rei.





D. AFONSO HENRIQUES E O SEU SANTO PROTECTOR



SÃO TEOTÓNIO

O primeiro santo português e o mais íntimo confidente do primeiro Rei de Portugal

Nascido em 1082 e natural de Ganfei, Valença do Minho, São Teotónio tornou-se no primeiro Santo português ao ser canonizado um ano após a sua morte, em 1163. Pelo seu papel de conselheiro e confessor de D. Afonso Henriques, Teotónio ficou conhecido como um dos grandes reformadores da vida religiosa no reinado da Dinastia Afonsina, vinculando-se no processo político-religioso que levou ao reconhecimento da independência do reino de Portugal.

Durante a sua vida fez duas peregrinações à Terra Santa onde nesta última, viria a ser convidado pelos Cónegos Regulares do Sepulcro – guaritas do Santo Sepulcro de Jesus Cristo – a viver com eles. Após a negação deste apreciável convite e já em Portugal, São Teotónio implanta a sua ideia trazida desta experiência, tornando-se um dos doze cofundadores de uma das maiores casas monásticas da Dinastia, o Mosteiro de Santa Cruz em Coimbra, onde se estima ter estudado um dos maiores poetas portugueses, Luís Vaz de Camões.

- **Quando o Concelho de Valença esteve no Vaticano para entregar ao Papa uma imagem de São Teotónio, considerado o primeiro santo português.**

Foi no dia 24 de Outubro de 2018 que uma comitiva da Câmara Municipal de Valença – à qual se associou o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa – se deslocou a Roma, para entregar ao Papa uma imagem de São Teotónio, considerado o primeiro santo português.

O presidente da República associou-se ao gesto, evocando um “santo padroeiro de Portugal”.

“Fomos e somos importantes porque fomos sempre fiéis à nossa história, aos nossos costumes e àquilo que nos define. Somos conhecidos por todo o mundo. E começou aqui, na vossa capacidade de luta e na vossa capacidade de acreditar e também na inspiração de São Teotónio que, curiosamente, acabou por ser alguém próximo do começo da nossa nacionalidade”, referiu então Marcelo Rebelo de Sousa, num texto divulgado pelo Município de Valença.

A autarquia da região do Alto Minho explicou a iniciativa com o objectivo “de promover a figura e o legado daquele que é considerado a figura maior do concelho e uma referência para a fundação de Portugal”.



A delegação em Roma era constituída, entre outros, pelo padre Manuel Pereira do Vale, arcebispo de Valença, pela Diocese de Viana do Castelo; o presidente da Câmara Municipal de Valença, Jorge Salgueiro Mendes; e o deputado Luís Campos Ferreira. O encontro aconteceu após a audiência pública semanal, na Praça de São Pedro, tendo o Papa Francisco recebido uma representação do santo português em metal, com cerca de 40 centímetros de altura e 10 de largura. Trata-se de uma réplica da estátua de São Teotónio que está colocada no Largo da Tardinhade, em Ganfei, da autoria do escultor José Rodrigues. São Teotónio foi educado na fé cristã desde a infância. Depois de ordenado sacerdote, foi nomeado prior da igreja da Sé de Viseu, fez duas peregrinações à Terra Santa e no regresso da segunda peregrinação fundou o mosteiro da Santa Cruz em Coimbra. O primeiro santo do novo país morreu em 1162 e a sua canonização foi aprovada e celebrada pelo Papa Alexandre III em 1163.

A autarquia de Valença recorda esta figura também como “o padroeiro dos cristãos escravizados, por ter amparado 1000 moçárabes, capturados numa incursão à Andaluzia por D. Afonso Henriques”. Uma “figura maior” pelo muito que contribuiu para a “nacionalidade” portuguesa e para a “fundação do país”, pode ler-se.

A REGIÃO NO PRÉ E NO PÓS CONDADO...



GONÇALO MENDES DE SOUSA

O mais antigo documento que se refere às Terras de Montalegre, data do século VI e alude à divisão do território em dioceses e paróquias. Trata-se de um velho e muito importante documento que Pierre David parece ter tido o bom senso de reconstituir com muita fidelidade. Entre as paróquias aí arroladas aparece *Ad Saltum*, sem dúvida, a paróquia actual do Baixo Barroso – vila de Salto..

Do Tombo de Celanova constam também antiquíssimas referências à nossa região:

- **Em 942**, uma doação de São Rosendo ao Mosteiro de Celanova, que incluía 100 mulas e cavalos, 150 éguas adultas e várias manadas de vacas em Barroso.
- **Em 948**, Dona Ilduara, mãe de São Rosendo, faz também uma doação de muitas propriedades e bens ao dito Mosteiro, composta por “uma manada de vacas em Catavello” - era assim que se apelidava o Cávado desde a nascença à foz do Regavão – portanto, a zona do “Rio”, e outra em Moranea – talvez Mourela. No mesmo ano doa ainda mais cem ovelhas no Catavello.
- **Em 953**, um tal Aloito e sua mulher Bonella doam ao São Rosendo os bens que possuem em Travaços do Rio “*ipsa villa quam vocitant Travazos, subtus monte Iunias prope rivulo Catavello...*”
- **Em 976**, o monge Fafila doa a São Rosendo e ao Mosteiro uma herdade entre os montes Toro e Barroso junto ao Rio Mau – herdade que ficaria situada perto de Travaços do Rio, não longe da raia.
- **Em 1065**, uma tal Eilona doa também ao dito Mosteiro, herdades que possuía em Tourém, e em 1074, os padres Adaulfo e Salamiro, doam ao Mosteiro de Celanova a Igreja de Santa Maria e as propriedades adscritas: “... sita est in finibus Galletie território Psallare sub Alpes Ugeres et zebrario secus rivulo Psallare...” – situada nos confins da Galiza, território do Salas sob os montes Gerês e Zebreiro não muito longe do rio Salas... Tratava-se de propriedades enormes cujos limites iam de “Requiás pela água do Salas e termo de Guntumil, ao porto de Andrias, pela arca e pelo outeiro de sobre o porto da Regina e pelo termo de Santo Estêvão, pelo outeiro de Fonte Fria e pela presa do Salasinho, do moinho que foi de Salamiro Gemondes e Deiro Sarrazins e pelo Sapatelo, daí à arca da portela sobre a casa de Leonigildo Framires e daí pelo combro como entra no agro de Espinhela sobre a casa do irmão Osário e torna pela fonte do curro de Mouro até que entra na água do Salas.”
- **Em 1100**, as irmãs Ilduara e Gatoni, doam a Celanova as herdades de Eroselo e Tourém com reserva de usufruto em suas vidas: “... *damus... hereditates nostras... de Tuderedi et Erosello medio qui jacent in territorio Psallare et rio Caldo et determinat per monte de junias et dividet per achas de Junias et dividet inter Sallare et Barroso et per Requillanes usque in termino de Randini; et villa de Erosello iacet in rio Caldo subtus Ogeres, discurrente rivulo Maravaia et Aventes et feret in termino de Lovios et de alia parte usque in Roccas.*” A partir daí, as principais fontes de informação e as principais notícias sobre o nosso território encontram-se nas Inquirições de D. Afonso III e D. Dinis, dos fins do século XIII e princípios do seguinte; no Catálogo das Igrejas do reinado de D. Dinis, de 1220 e no Numeramento de D. João III, de 1530.

Gonçalo Mendes I de Sousa

Casa de Sousa

Herança familiar



Precedido por
Mendo Viegas I

Sucedido por
Mendo Gonçalves I

Senhor da Casa de Sousa

1130-1179

Ofícios políticos



Precedido por
Fernão Peres de Soverosa O Cativo

Sucedido por
Vasco Sanches de Celanova
Pedro Fernandes de Bragança

Mordomo-mor do Reino de Portugal

1157-1167

GONÇALO MENDES DE SOUSA

A ESTÓRIA DE UMA ALEGADA TRAIÇÃO E ADULTÉRIO

O 1.º GOVERNADOR DA TERRAS DE BARROSO...

Casa de Sousa	
Estado	Condado Portucalense Reino de Portugal
Título	Rico-Homem Duquesa de Lafões Marquês de Arronches Conde de Sousa Conde de Miranda Senhor de Mafra Senhor de Ericeira Senhor da Enxara dos Cavaleiros Senhor de Miranda Alcaide-mor de Arronches
Origem	
Fundador	Sueiro Belfaguer
Fundação	século IX
Casa originária	Casa de Coimbra
Etnia	Caucasianos
Atual soberano	
D. Afonso Caetano de Bragança, 7º Duque de Lafões	
Linhagem secundária	
Sousa-Prado Sousa-Arronches Sousa-Moela	

Gonçalo Mendes de Souza, o Bom, sabe-se ter nascido nos anos 20 do século XII e falecido em Março de 1179. Foi um cavaleiro medieval, militar, primeiro Tenente das Terras do Barroso, que com Afonso Henriques viriam a fazer parte do Reino de Portugal, e um importante membro da nobreza portuguesa, como chefe de uma das principais famílias nobres da época – os Souzas. Uma família também das mais influentes do Reino da Galiza. Era filho de D. Mem Viegas de Souza, e Teresa Fernandes de Marnel. Herdou cedo as terras da família, e começou desde logo a tentar exercer maior influência na corte com Afonso Henriques, de quem viria a ser mordomo-mor entre 1157 e 1167. Participou ao lado dele na Batalha de Ourique, travada numa das incursões cristãs.

Como recompensa pelo apoio prestado, terá recebido em 1155, uma herdade no Couto de Pombeiro e o reconhecimento como senhor e Governador da Terra, que ocupa hoje a área geográfica de Barroso e arredores. Após abandonar Barroso, Gonçalo de Sousa escolheu o casal de Unhão para sua residência e fez erguer a igreja local no ano de 1165, com o auxílio do Arcebispo de Braga D. João Peculiar.

Gonçalo Mendes de Sousa, casou por três vezes. O primeiro casamento foi com Urraca Sanches de Celanova, filha de Sancho Nunes de Celanova e de Sancha Henriques

O segundo casamento foi com Dórdia Viegas de Ribadouro, filha de Egas Moniz. - *o aio de Afonso Henriques* – e Teresa Afonso de Celanova.

O terceiro casamento foi com Sancha Álvares, cuja filiação se desconhece.

Fora dos casamentos, teve ainda descendência documentada com Goldora Goldares, de quem teve dois filhos. Segundo os Livros de Linhagens, sobretudo o Livro Velho de Linhagens, Gonçalo terá chegado a hospedar Afonso, já rei de Portugal, em sua casa, onde terá supostamente tido relações com a sua já terceira esposa de nome Sancha. Gonçalo terá expulso a sua mulher de casa, mas não se livrou de uma ameaça do rei. A história de uma traição do rei face ao nobre não é nova na tradição literária, e os Souzas, sobretudo, carregavam consigo uma memória especialmente desprestigiante face ao poder régio.

A ideia de que o rei trai o nobre na casa deste, repete-se assim nas pessoas de Gonçalo e Afonso Henriques. O primeiro é vítima do segundo, que trai a sua confiança e ainda ameaça com o mesmo destino do avô daquele.

Apesar de tudo não há provas documentais que comprovem a existência deste episódio.

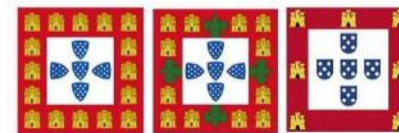
Gonçalo Mendes de Souza viria a falecer em Outubro de 1179. Aquando das suas últimas vontades, escolheu o Mosteiro de Pombeiro, do qual foi padroeiro, para sua sepultura, deixando ao Mosteiro todas as suas herdades de Basto, três libras da igreja de Margaride, cinco libras da Igreja de São Veríssimo, a Igreja de Samarim para refazer as vestes sacras e a torre -actual casa do Paço de Pombeiro, que ali edificara para hospício e albergaria dos peregrinos que passassem a caminho de Santiago de Compostela.

A sua história, foi posteriormente aproveitada para tema do curioso romance histórico, de título *O Pecado de D. Afonso Henriques*, da autoria do dramaturgo D. João de Castro.

A ESTÓRIA DE UMA ALEGADA TRAIÇÃO E ADULTÉRIO...



Um dia, D. Afonso Henriques foi visitar o bom amigo Gonçalo de Souza. Depois dos cumprimentos, o anfitrião deixou o rei na sala a conversar com a sua mulher enquanto foi à cozinha dar instruções aos criados. Quando voltou, deparou com o rei a fazer amor com a condessa sobre um tapete de pele de urso. O jantar decorreu, se não como previsto, pelo menos como pôde ser. Mas, como a violência doméstica já existia no século XII, mal D. Afonso Henriques se foi embora, a ira do conde abateu-se sobre a mulher: rapou-lhe o cabelo e devolveu-a a casa dos pais montada numa mula e voltada para a garupa. Mesmo assim, em comparação com exemplos de ontem e de hoje, convenhamos que foi liberal... O que nos interessa aqui não é, porém, a eventual magnanimidade de D. Gonçalo, nem a “fraqueza” da seduzida. A incontinência sexual de Afonso Henriques é que é de realçar, mesmo sabendo que tinha do seu lado a lei do mais forte.



DAS TERRAS DO BARROSO...

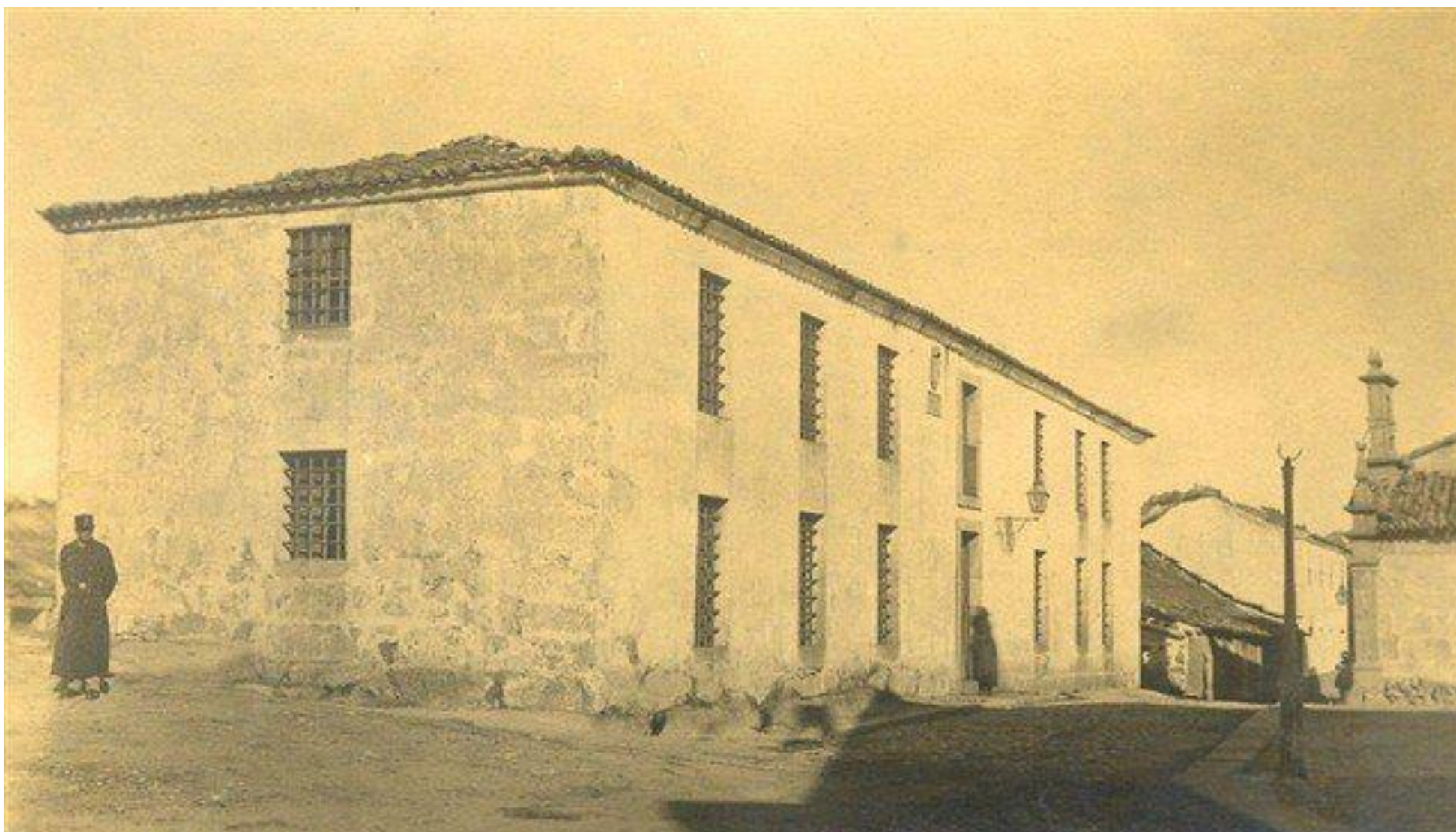
Região, como dissemos, de antigas origens e de fortes tradições, as Terras de Barroso influenciaram na modernidade a vida e obra de múltiplos escritores como Ferreira de Castro, Miguel Torga, Bento da Cruz e mais recentemente Lourenço Fontes e Barroso da Fonte, entre muitos outros...

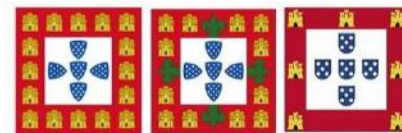
O termo "Barroso" conserva ainda hoje o nome de uma das antigas "terras", circunscrições administrativas e judiciais em que o território português estava dividido desde o século XI. Possivelmente, o castelo que servia de centro a esta terra era o de São Romão, hoje um sítio desabitado na margem Sul da Barragem do Rabagão. A primeira menção incontroversa ao termo Barroso está num documento galego de 1100 que indica o Barroso servir de termo à *villa de Tourém*. Antes, em 942, o testamento de São Rosendo refere que ele possuía um rebanho de vacas "*in Barosa*". Esta terra foi incluída nas Inquirições Gerais de 1220 mas não sobrevivem os textos relativos a esta visita.

Já o texto das Inquirições de 1258 relativo a esta circunscrição sobreviveu e através dele se percebem os limites da Terra do Barroso. Além dos territórios actuais dos concelhos de Boticas e Montalegre, a terra incluía as freguesias de Canedo, hoje concelho de Ribeira de Pena, e Vilar de Vacas – hoje Ruivães, no concelho de Vieira do Minho.

Na *Taxatio* de 1320 - documento conhecido como Catálogo das Igrejas de 1319-1320, o arcediagado do Barroso, incluía ainda a terra de Guilhofrei, no concelho de Vieira do Minho, e também Santiago de Serzedo, de localização desconhecida.

A 9 Junho de 1273, D. Afonso III em carta de foral fundou a vila de Montalegre e ergueu o respectivo castelo. Montalegre tornou-se assim a cabeça da Terra de Barroso em detrimento do castelo de São Romão. Este foral foi depois modificado por D. Dinis em 1289, por D. Afonso IV em 1340, e por D. João II em 1491. Em 1515, D. Manuel I converteu-o em foral novo. No reinado de D. João I e na sequência da Guerra da Independência, a Terra de Barroso foi doada a Nuno Álvares Pereira e por ele passou à Casa de Bragança.





DAS TERRAS DO BARROSO..

Região, como dissemos, de antigas origens e de fortes tradições, as Terras de Barroso influenciaram na modernidade a vida e obra de múltiplos escritores como Ferreira de Castro, Miguel Torga, Bento da Cruz e mais recentemente Lourenço Fontes e Barroso da Fonte, entre muitos outros...

Em 6 de Novembro de 1836, o concelho de Montalegre foi dividido, criando-se o novo município de Boticas e perdendo-se no processo, para o município de Vieira do Minho, o município de Vilar de Vacas - sediado em Ruivães, e também, o Couto Misto de Santiago de Rubiás - Tourém. Depois de tudo quanto ficou dito, é pacífico, que a região do Barroso já existia, quando do reconhecimento do Reino, em 1143. A partir desta data, sabe-se que administrativamente dependia do Alcaide de Montalegre, a quem eram pagos parte dos tributos da terra, que era pertença da corôa. Tais tributos, eram devidos, pelo facto, daquela que hoje é sede de concelho, ser ao tempo e no seguimento da organização administrativa, que vinha do Reino de Leão, aquilo a que se chamava «Cabeça da Terra de Barroso», onde funcionava e era organizada toda a administração civil, judicial e militar. A partir de 1273, as regras tributárias dos habitantes de Barroso, foram significativamente alteradas. Através da carta de foral de 1273, atribuída a Montalegre, como «Cabeça das Terras de Barroso», cuja motivação principal, era a intensificação do povoamento e desenvolvimento agrícola da região, motivo porque o Rei D. Afonso III, concedeu às populações «todos os direitos e rendas reais, com excepção dos direitos de hoste, moeda e padroado das igrejas, que reservava para a corôa». Impunha ao Alcaide, «...o tributo anual de 3.500 morabitanos», que este deveria cobrar, junto das populações das diversas aldeias que tutelava e pagar à corôa, em três prestações: 1 de Outubro, 1 de Fevereiro e 1 de Junho. A falta de pontualidade deste pagamento, seria penalizada com uma «multa» de 10 morabitanos, por cada dia de atraso. Com a dita carta de foral, foram ainda proibidos todos os abusos que alguns fidalgos da «Cabeça», exerciam sobre os aldeões, designadamente, o uso da força que muitas vezes utilizavam para extorquir determinados bens de que necessitavam, bem como a sua aquisição sem a necessária contrapartida de pagamento. Só que tal «politica» não resultou.

A intensificação do povoamento e o desenvolvimento agrícola pretendidos, não tiveram sucesso, muita gente morreu, em consequência da fome e de uma grave epidemia que na época por ali passou e procurando fugir à doença e à fome, alguns povoadores saíram das suas terras e procuraram novas paragens, em busca de melhores meios de subsistência. Outros ainda fugiram às acções de violência e extorção de bens, de que eram vítimas por parte de alguns fidalgos da «Cabeça». Mais tarde, após tomar conhecimento de todos estes factos, o rei D. Dinis, encarregou então, o clérigo Pedro Anes, de proceder ao estudo da situação e encontrar as necessárias soluções, que permitissem inverter os dados referidos, tendo confirmado o Foral que havia sido conferido por seu pai em 1289, onde se estabelecia uma nova divisão dos terrenos, para serem entregues aos povoadores, cada um dos quais, ficaria obrigado a pagar 1 maravedi de foro. Se para a divisão efectuada, não houvesse os necessários povoadores, cada um poderia adquirir mais de um terreno, pagando 1 maravedi por cada unidade a mais que possuísse. O período mínimo de aforamento era de 3 anos e ao fim deste tempo, o foreiro poderia continuar na posse das terras, aliená-las, dá-las ou vendê-las, mas sempre com a condição, de que o novo possuidor pagasse o respectivo «imposto». Nos casos de venda, alienação ou doação das terras, os agricultores só seriam obrigados a entregá-las aos novos proprietários, depois de efectuadas as colheitas, pagando-lhes no entanto as rendas, que os «homens bons» da povoação, julgassem ser justas.





DAS TERRAS DO BARROSO..

Entre o Minho e o nordeste Transmontano, envolvido a norte pelas serras do Gerês e do Larouco, a leste por Chaves, a sueste por Boticas, a sul por Cabeceiras de Basto, a sudoeste por Vieira do Minho e a oeste por Terras de Bouro, encontramos o “Reino Maravilhoso”, onde se situam duas vilas e vinte e cinco freguesias aglutinadoras de cento e trinta e seis lugares.

A partir daqui e tendo em conta o número de forais ou cartas reais de foro, referentes à região do Alto-Barroso, poder-se-à concluir, que como consequência das medidas levadas a cabo, pelo rei D. Dinis, ali tenha ocorrido um significativo desenvolvimento agrícola.

Os forais falam frequentemente em «casais» (bens), que se desdobram em dois, três ou mais, e terras incultas, transformadas em propriedades produtivas. A multiplicação de terras cultivadas, aumentando a rentabilidade agrícola para as populações foreiras, constituía assim, apreciável fonte de receita para os Alcaides, que na ausência de moeda, viam muitas vezes os seus tributos serem pagos em géneros.

Os rendimentos dos povoados no século XIV, comparados com o estado actual das paróquias de Barroso, leva-nos a concluir, que algumas das actuais freguesias, progrediram com o tempo, enquanto que relativamente a outras, se deu precisamente o inverso. A título de exemplo veja-se o caso de Montalegre: apesar de administrativa e militarmente ser «Cabeça da Terra de Barroso», no aspecto económico, era inferior a Mourilhe, Viade, Salto, Cervos e Mosteiro das Júnias, estando ao nível de Cabril, Cambeses e Ponteira.

Hoje a região de Barroso, reparte-se por duas zonas distintas: o Alto e o Baixo Barroso, a que correspondem administrativamente dois concelhos: a sul, o de Boticas, que ocupa a região dos vales fundos e escavados dos rios Tâmega, Beça, Terva e Covas - é o chamado Baixo Barroso. A norte, onde se incluem as serras do Gerês, do Larouco e do Barroso, formando uma zona natural de serras, carvalhais, rios e ribeiros, o de Montalegre - o qual se designa como o do Alto Barroso.

Talvez pelo seu passado - a que porventura não serão alheias razões históricas -, para os barrosões, são indiferentes estas divisões e classificações. Sejam do “baixo” ou do “alto”, todos são de Barroso, e quanto ao resto, fale-se de política, de agricultura, de bruxas, de bois ou de vacas, nada os fáz mudar de opinião.



No tempo em que reinou D. Dinis, existiam já vinte e três das actuais vinte e cinco freguesias, oito então designadas por paróquias do concelho de Montalegre. No âmbito eclesiástico, como no administrativo, estava esta região perfeitamente organizada.



Mas porque a “estória” não acaba aqui, é justo que se diga também, que além de Boticas e Montalegre, as terras de Barroso ainda cobrem a freguesia de Soutelinho da Raia, no concelho de Chaves, bem como algumas freguesias dos concelhos de Vieira do Minho e de Cabeceiras de Basto.



ASSIM SE VIVIA NAS TERRAS DO BARROSO...

Entre o Minho e o nordeste Transmontano, envolvido a norte pelas serras do Gerês e do Larouco, a leste por Chaves, a sueste por Boticas, a sul por Cabeceiras de Basto, a sudoeste por Vieira do Minho e a oeste por Terras de Bouro, encontramos o “Reino Maravilhoso”, onde se situam duas vilas e vinte e cinco freguesias aglutinadoras de cento e trinta e seis lugares.

Esta dita identidade geográfica de Barroso actualmente apenas histórica em função da Reforma Administrativa operada a partir de 1836, tem porém uma grande tradição autonómica regional: corresponde à antiga terra de Barroso, dotada de foral em 1273 por D. Afonso III, aí se incluindo o actual concelho de Montalegre e de Boticas, mas também o antigo concelho minhoto de Vilar de Vacas - do qual faziam parte as terras de Arco, Botica, Espindo, Frades, Paradinha, Ponte, Quintã, Roca, Soutelos, Santa Leocádia, Vale, Vila e Zebral - localidade hoje designada por Ruivães, uma freguesia situada na margem esquerda do rio Rabagão, nas fraldas da Serra da Cabreira, parte do concelho de Vieira do Minho.



Como todas as regiões, também a “região natural barrosã” tinha e tem ainda nos dias que correm, tradições, características, psicologias próprias e hábitos ancestrais, herdados e transmitidos tantas vezes de viva voz, através das sucessivas gerações. As crianças cedo despertavam para a vida!... Nasciam no único aposento da casa, coberta que era de colmo esburacado, de rudes paredes de pedra sobreposta, por cujas fendas entrava o frio e o vento. Era assim nestas aldeias remotas e “perdidas no tempo”.

Nasciam sem assistência médica e só raras vezes com o auxílio de uma parteira - **como tão bem nos conta Custódio Montes, em “Nasci à Lareira”** - improvisada, no mesmo leito tosco e bárbaro do noivado.



O ritual era sempre o mesmo!... Momentos antes de dar á luz, a futura mãe colocava junto ao fogo do lar o pote de ferro com água para o banho.

O mar Acontecia por vezes uma vizinha chamá-lo para ver o filho que havia nascido. Quatro ou cinco dias depois, a mãe aparecia pela primeira vez após o parto na rua com o filho ao colo, e uma semana depois já o levava para o monte. Neste “meio tempo” tem também lugar o baptizado. Durante dois anos - às vezes mais - a criança alimentava-se do leite materno. Por vezes já comia pão e ainda mamava. Exposta às intempéries da vida, ao calor e ao frio, ao sol e á chuva como um “animalzinho bravio” nascido no monte sob uma lapa, a criança ou sucumbe ou fortalece. Eram as agruras do tempo e da época.

A maioria das vezes cria-se bem resistente e forte, nesse severo regime de selecção natural. Apartada do leite, é então invariavelmente abandonada á educação do próprio instinto. Aos cinco anos ensinam-lhe a rezar, e aos sete já lhe confiam a guarda das vacas e das ovelhas. Muitas vezes, a criança passa já os dias no monte, solitária, pastoreando o gado. O monte é a sua primeira escola e quase sempre a única. Aos dez anos, começa a preparar-se para a comunhão “indo á doutrina”. Era assim que o “senhor padre” queria e determinava. Quem não seguisse a regra, entrava em “pecado”. Aos doze anos comungava e a vida de trabalho ininterrupto principiava. Rapaz ou rapariga e de comunhão feita, era já uma criatura emancipada. Se os pais são pobres, vão “servir”. Se são filhos de um lavrador remediado, fazem em casa o tirocínio árduo da lavoura. O “criado de servir”, começa por ganhar o que come e bebe, bem como os “usos da casa”.



Raros são aqueles que têm direito a “jorna”, e quando tal acontece, não ultrapassa os dois mil réis por ano. Mais tarde - dos dezoito aos vinte anos - os mais diligentes e ao serviço de lavradores mais abastados, chegam a ganhar três moedas.

Mas este salário é um fenómeno. Os usos variam também com a idade dos “criados”!... Uma a três camisas de estopa, um ou dois pares de calças de cotim ou saias de riscado, um colete e um par de sócos, é o prémio pelo seu trabalho.

Aos rapazes, as patroas remendam-lhes e lavam-lhes a roupa. As raparigas fazem-no por conta própria. As relações entre estes “servos pobres” e estes amos tão pobres como eles são quase familiares mas sempre com a noção inata da hierarquia. Por volta dos vinte e dois, vinte e três anos, o moço de lavoura, tendo concluído a sua aprendizagem e livre de “ser soldado”, casa,



ASSIM SE VIVIA NAS TERRAS DO BARROSO...

Entre o Minho e o nordeste Transmontano, envolvido a norte pelas serras do Gerês e do Larouco, a leste por Chaves, a sueste por Boticas, a sul por Cabeceiras de Basto, a sudoeste por Vieira do Minho e a oeste por Terras de Bouro, encontramos o “Reino Maravilhoso”, onde se situam duas vilas e vinte e cinco freguesias aglutinadoras de cento e trinta e seis lugares.

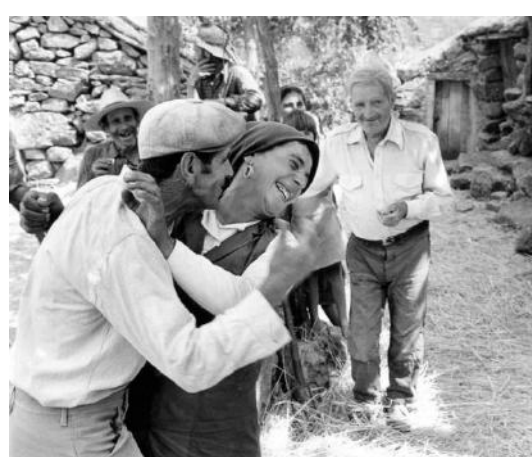
É tão raro ficar um lavrador sem casar, como haver moço que não lute tenazmente, para se furtar ao tributo do sangue.

O casamento por estas terras funcionava como base essencial á independência. Moço ou moça que não case fica condenado a servir toda a vida ou a trabalhar para os “bezinhos”. O casamento é por isso a aspiração unânime, o fim para que tendem todos os esforços, o prémio conquistado com as canseiras mais indescritíveis. O idílio, meio sensual e meio lírico iniciado nas segadas, nas malhadas, no arranque das batatas, ou até no adro da Igreja, termina com a boda para se converter numa obstinada refrega pelo pão. O idílio, meio sensual e meio lírico iniciado nas segadas, nas malhadas, no arranque das batatas, ou até no adro da Igreja, termina com a boda para se converter numa obstinada refrega pelo pão. Ordinariamente, a noiva leva para o casal um cordão e umas argolas de ouro e o noivo as alfaias indispensáveis para o granjeio das terras. O idílio, meio sensual e meio lírico iniciado nas segadas, nas malhadas, no arranque das batatas, ou até no adro da Igreja, termina com a boda para se converter numa obstinada refrega pelo pão. Ordinariamente, a noiva leva para o casal um cordão e umas argolas de ouro e o noivo as alfaias indispensáveis para o granjeio das terras. Os parentes e os amigos oferecem aos esposados, alguns duas galinhas, outros uma raza de centeio, outros dois pedaços de pano de linho, um pote, meia dúzia de tigelas ou de pratos de barro, meio alqueire de pão, a pá para o forno ou um carro de lenha.

Se um deles é filho de lavrador abastado, este abona-lhes o gado!... Uma junta de “bacas” medianas para principiar e raras vezes um bezerro para a engorda. Algumas vezes, também raras, levam ainda em dote uma “céba” de porcos e um “odre” de vinho. O primeiro dia de casados é para os noivos pobres o primeiro dia de trabalho árduo. Vão tratar os dois umas terras a “mêas”, que tomam a algum “bezinho”. Desde o nascer do dia até noite fechada, trabalham ambos no campo ou na eira. À noite, até altas horas, a mulher fia junto da lareira a teia com que há-de fazer as primeiras camisas e os primeiros lençóis. O homem descansa da labuta do dia, ajudando a mulher a dobar o fiado. Feitas as sementeiras e antes das colheitas, quando a lavoura abranda, o homem vai ás feiras, vende os bezerros e ás vezes as “bacas”, compra outras mais baratas e vai ganhando alguns favores em carretos de pedra, de lenha ou de estrume.

A mulher, no entanto, cora a teia, lança ninhadas de frangos e galinhas e engorda os porcos para sustento no ano que se segue. Mas esses pobres têm uma riqueza: São independentes!... Enquanto pagarem com o que a terra lhes dá, essa terra que eles lavram cavam e semeiam pertence-lhes. É dessa terra, adubada com o seu suor, que lhes vem com o sustento, o orgulho de um domínio que se lhes afigura sem partilha. São deles as aguas, os campos, as árvores, os montes, as eiras e as casas. Não existe para eles, como para o operário citadino, um patrão dominador e imperativo. Só eles mandam na “sua fabrica”. No início do século passado, o alimento destes casais, reduz-se a pouco mais do que a caldo e pão. O homem que trabalha de manhã até á noite, a mulher que o acompanha na sua lida incessante, comem menos do que hoje as crianças da cidade. Mas se a gravidez a não deformou, é uma mocetona corada e jovial de larga bacia, de grandes seios e de roliços braços de trabalhadora. O homem é musculoso e rijo.

(Continua)





ASSIM SE VIVIA NAS TERRAS DO BARROSO...

Entre o Minho e o nordeste Transmontano, envolvido a norte pelas serras do Gerês e do Larouco, a leste por Chaves, a sueste por Boticas, a sul por Cabeceiras de Basto, a sudoeste por Vieira do Minho e a oeste por Terras de Bouro, encontramos o “Reino Maravilhoso”, onde se situam duas vilas e vinte e cinco freguesias aglutinadoras de cento e trinta e seis lugares.

Ambos cantam enquanto sacham. Nenhuma tristeza perturba esses casais pacíficos e laboriosos, que não conhecem o dinheiro. Gozam amplamente os dois saúdes humanas: a moral e a física, de cuja união resultam as felicidades perfeitas. O trabalho é o seu regime moral. O caldo destes trabalhadores infatigáveis reduz-se a algumas couves galegas, apanhadas na horta, a alguns feijões e a um magro fio de azeite, ou um “bocado de unto” como adubo.

O pão é de centeio, cozido em grandes fornadas no forno do povo para durar uma ou duas semanas. O cozer pão a miúdo é prejudicial á economia, porque se come mais enquanto é fresco e quantas mais vezes se acende o forno mais lenha se consome. Raras, muito raras vezes, há sardinhas ao jantar ou à ceia. Petiscos como este só de longe a longe. Quando o sardinheiro as vende a mais de 5 ao vintém, a mulher aventura-se a gastar dez réis nesse luxo supérfluo. Um quartilho de azeite, podia custar seis ou sete vinténs e durava a um casal pobre, de 15 dias a um mês. Anos há, em que o pão (centeio) escasseia e a caixa (arca) se esgota.



Aí surgem de Montalegre os compradores, oferecendo oito tostões por alqueire. Á salgadeira – os que a têm – vão apenas pelas festas do ano: no Entrudo, na Pascoa e no Natal, ou em dias de trabalho extraordinário, quando não podem de todo, sozinhos, granjear as terras, e rogam o auxílio dos vizinhos que vêm ajudar, sem direito a “jorna” e só pelo favor e pela manutenção.

Nestes tempos, uma família de lavradores, que não satisfeita com as dádivas generosas da terra - pão, batatas, hortaliça, feijão e lenha, gasta em alimentação, vestuário e demais necessidades da vida para cima de dez tostões por mês, ou é rica ou está perdida.

Parecendo á primeira vista impossível que tão insignificante quantia possa chegar ao orçamento de uma casa, verifica-se, que ele é suficiente e não é mesmo atingido na maior parte das das vezes.

O exíguo “orçamento” de um casal de lavradores no início do século passado por terras de Barroso para as primeiras necessidades, assentava fundamentalmente em quatro modestíssimas verbas: 240 réis para o azeite, 100 para as sardinhas, 20 para sal e 60 para sabão. Fora do “orçamento”, ficam as despesas de vestuário. Uma “andança” de roupa para homem, que pode custar aproximadamente 8 réis, dura entre 5 e 10 anos. Quase sempre usando “sócos”, o lavrador não chega a romper um por ano. A boina, que custa de seis a dez tostões, serve apenas para usar nos dias de feira ou nas festas. No trabalho diário, o lavrador usa uma capucha de burel no Inverno e um lenço da mão no verão. As mulheres gastam ainda menos do que os homens!... Uma saia de chita, um avental com barras a enfeitar e um lenço para a cabeça, são as peças essenciais e que duram “uma vida”. Roupa branca, lençóis, toalhas e ainda as calças de uso dos homens saem do linho, da estopa ou dos tomentos – da teia fiada em casa. O gado, é considerado fortuna comum.



A própria doença, parece respeitar todo este culto sagrado da economia dos lavradores de Gralhas e de outras aldeias vizinhas. Só a velhice mata esta gente. Quando entram na agonia, a família manda chamar o padre para os confessar e ungir. Depois do padre, vem então o médico - se o houver - que raro receita e as mais das vezes chega a tempo de verificar o óbito. E assim morreu economicamente todo este mundo e toda esta gente. Exactamente, como economicamente nasceram e viveram. Só a emigração a partir da década 60, mudaria os hábitos e o “bem-estar” destas gentes...



O BARROSO VISTO PELOS ESCRITORES DA ÉPOCA...

O escritor, Ferreira de Castro era um homem que gostava de conhecer o ser humano em todas as suas vicissitudes, um estudioso das questões sociais, utilizando as suas observações para a realização da maioria dos seus livros. “Terra Fria”, escrito segundo as observações feitas em Padornelos, durante a época do Estado Novo, é exemplo que aqui trazemos,

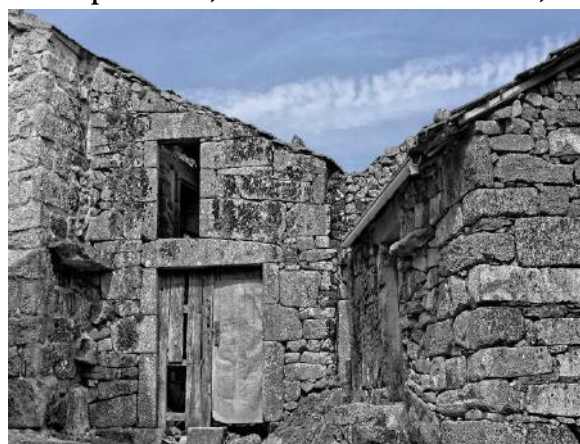


“Terra Fria” é mais um dos romances onde Ferreira de Castro, aplica o fruto das suas longas observações, traçando-nos um retrato da vida do povo do nordeste transmontano, evidenciando o sofrimento, a luta quotidiana e o modo de vida quase medieval que se fazia sentir nos inícios dos anos 30 do século passado. E, para mim, é aqui que reside a principal beleza deste romance. Escrito em 1934, Ferreira de Castro pretendeu transmitir a imagem de vida nessa região. Hoje em dia, mais de 80 anos depois, esse cenário desapareceu ou poucos vestígios existem, pelo que, é nas páginas de “Terra Fria”, que descobrimos esse passado e que faz deste livro uma espécie de romance histórico. Na aldeia de Padornelos, Leonardo luta dia a dia pelo sustento da sua família. Ele e a mulher, ainda sem filhos, procuram em trabalhos esporádicos e principalmente no contrabando, ganhar algum dinheiro enquanto sonham em se estabelecer por conta própria com uma venda. É neste contexto que Ferreira de Castro nos descreve a actividade do contrabando, tão em voga nessa altura e nos dá como exemplo um homem que havia estado emigrado na América, e que como era apanágio, fica conhecido pelo “americano”. Depressa dá mostras da sua riqueza que o leva a ser considerado um dos homens mais importantes e influentes da aldeia e é ele que dá origem ao drama que irá assolar a terra. É um romance que nos faz sentir uma constante solidão!... Somos assaltados por imagens de uma terra desoladora, fria, onde a pobreza é a única condição conhecida e onde o rico julga ter todo o poder sobre o pobre. A meu ver, Ferreira de Castro para além de evidenciar a pobreza do Portugal profundo, neste caso em Terras do Barroso, lança aqui uma crítica feroz ao abuso de poder do regime caracterizado no “americano” e a sua forma de agir.



TERRA FRIA | A DESCRIÇÃO

Lá bem no alto das Terras do Barroso, há quem lhes chame também a “Terra Fria”!... Região de vida primitiva, baixa densidade populacional, de pequenos e médios proprietários, de jornaleiros e pastores, de montanhas despidas de vegetação, de economia agrícola dominada pelo cultivo do centeio, batata e pastoril, e equilibrada pela criação de gado, em que o bovino de raça barrosã se tornou justamente famoso. Os varões, alguns na adolescência, emigravam para a América ou para o Brasil!... “Metem – anotou Miguel Torga – toda a quimera num saco de retalhos, e lá vão eles. Mourejam como leões, fundam centros de solidariedade humana por toda a parte, deixam um rasto luminoso por onde passam, e voltam mais tarde,



aos sessenta, de corrente ao peito, anel no dedo e com a mesma quimera numa mala de couro. Gastam cem contos numa pedreira para fazerem uma leira, constroem um casarão com duas águas no telhado, e respondem com ar manhoso a quem lhes censura um amor tão desvairado às berças: - “infeliz pássaro que nasce em ruim ninho”. Continuam a comer talhadas de presunto crú e a cavar a vida inteira. A Serra do Larouco, ponto mais elevado – 1527 metros – do Alto Barroso, vai marcando o limite transmontano a separar o solo português do galego espanhol, com limite impreciso durante larga duração. Ainda no século XVI, escreveu Virgílio Taborde: “a Serra do Larouco não estava delimitada, levando galegos e portugueses a pastar aí em comum os seus gados”. Na aldeia de Tourém, até parecia existirem por ali outros enclaves no espaço galego, propícios quanto bastassem ao contrabando.



Documento humano, de impressionante e trágico verismo é “Terra Fria” de Ferreira de Castro, romance ligado ao ciclo da sua ficção e ao jornalismo profissional de reportagem a que se dedicava, ou seja: à experiência pessoal e à observação experimentada. Escreveu-o já no último século, em pleno Estado Novo, depois de passar diversas épocas do ano entre essa gente barrosã, humilde e boa. Também para Alves Redol, a Terra Fria barrosã, “constitui um marco relevante na germinação que começa a desvendar-se igualmente nessa época, da forte geração que lançou em Portugal o movimento neo-realista”. Na aldeia de Padornelos e imediações, enraízam quer um, quer o outro, mas principalmente Ferreira de Castro (continua na página seguinte)



O BARROSO VISTO PELOS ESCRITORES DA ÉPOCA...

O escritor, **Ferreira de Castro** era um homem que gostava de conhecer o ser humano em todas as suas vicissitudes, um estudioso das questões sociais, utilizando as suas observações para a realização da maioria dos seus livros. “Terra Fria”, escrito segundo as observações feitas em Padornelos, durante a época do Estado Novo, é exemplo que aqui trazemos,

com a intriga romanesca que acaba em tragédia com a morte de um barrosão adúltero, emigrado da Califórnia donde regressara rico. Padornelos é ainda hoje uma das demarcações da raia luso-espanhola, ao tempo uma aldeia de sorte igual à de outras aldeias barrosãs, que no inverno mais parecia uma pocilga, que um lugar habitado por humanos. A pobreza e o desconforto, tomavam-na quase por inteiro. Lembra o autor de Terra Fria: “as casas possuíam dois pisos!... Em baixo para vacas, suínos, cabras ou ovelhas. Em cima, para os homens, as mulheres e a filharada. Não se sabia onde acabava o curral e onde começava a habitação para gente.



As crianças cresciam entre os animais nas vielas, nos pátios, por toda a parte, e muitas vezes, o choro manso de um recém-nascido, era abafado pelo mugir lamentoso da vaca a quem tinham vendido a cria. Havia casebres em que pais, filhos e netos viviam em tal promiscuidade - oito, dez, doze corpos de sexos e idades diferentes dormindo no mesmo quadrilongo fosco, com as camas a procurar a vizinhança do borralho, hoje como há cem anos, há quinhentos há mil”. Com a Espanha ao lado e a mira numa habitação melhor e sobrevivência mais protegida, alguns destes raianos deixavam-se aliciar pelo contrabando de peles, levadas por trilhos pedregosos, para o país vizinho. Ao tempo, porém, os lucros eram magros: “os galegos estragavam tudo, quer pagando quantos direitos os Guardas Fiscais exigiam, quer andando na calada da noite”, clandestinamente a fazer concorrência.

Ainda na região do Barroso, a partir da aurícula do Gosto Frio, confinante com a fronteira, serpenteando por Montalegre, Donões, Vilar de Perdizes, Gralhas, e canalizado pela raia de Padroso e Tourém – aldeia setentrional da cordilheira que liga o Larouco ao Gerês, e uma das mais populosas e ricas daqueles lugares, de influências galegas e relações coniventes, compreensíveis pela chegada vizinhança – situa-se o **Lobo Guerrilheiro**, romance de Bento da Cruz, médico, largo tempo em terras do Barroso, aparecido em 1992, de sabor camiliano e aquilinesco. Os anos do segundo quadriênio do século em que arranca a dinâmica da *estória*, eram, na região, vedados ao progresso e presos dos males endémicos, o analfabetismo, a ignorância, a superstição, o trabalho, a fome, o frio, e doenças e misérias vergonhosas. Do tempo anterior à guerra civil espanhola, o contrabando já se praticava por ali, mas acentuou-se durante a mesma. Eram terrenos de passagem, os Picos de Sendim e do Portelo, “com um caminho de carros entre touças e batedeiros de lobos e contrabandistas”, onde se traçavam dois consagrados circuitos: o galego e o português.



O primeiro era mais curto uns quinze quilómetros, mas tinha o inconveniente de atravessar o termo e a população galega de Vilar, paróquia de Randin. O segundo media aproximadamente trinta, e atravessava a serra da Mourela, indo por Covelães. Estreitos e fraternos eram os contactos das populações de uma e outra banda, e colaboradores também mutuamente, as duas autoridades do policiamento: a Guarda Fiscal e a Guarda Civil. Simpatias que conduziram até, à fuga para França dos dois principais protagonistas do romance: o Guarda Fiscal Lobo, desertor e guerrilheiro, e a professora Consuelo, confessa militante frente-populista. Envolvidos no contrabando, num sentido e no outro, contavam-se entre os residentes, famílias com mulheres empenhadas no tráfico, gente de alguma posição económica e social, ao lado dos “pataqueiros”, e até clérigos galegos, que alcançavam por esse meio largos lucros – tudo servindo para se investir em Espanha, mesmo dinheiro surripiado. Era o tempo em que se deixava esposa na “flor da idade” com filhos de colo para alimentar, de quem o marido, emigrante na América nunca mais se lembrara, e que para enfrentar a vida, abria uma chafarica na aldeia, vendia por feiras e arraiais, metida no contrabando, e encontrada “de noite pelas encruzilhadas da pistola à cinta e alazão lançado a galope”. Cabia neste mundo gente de toda a espécie: o marginal, o “vadio, o contrabandista, o assassino, o ladrão, o mulherengo, o arruaceiro, ou o filho rebelde e mau”. Será que aqui a realidade imitaria a ficção?!... A dúvida foi-nos deixada por Ferreira de Castro...



O PATRIMÓNIO CULTURAL Gastronomia



Por:
José Dias Baptista
Historiador e Investigador



Concelho de Montalegre: É HOJE um presente da natureza...

Dizia o poeta “que todo o mundo é composto de mudança” e é verdade. Tudo muda. Porém, as pessoas continuam a correr atrás dos manjares da avó, daqueles sabores tradicionais cada vez mais difíceis de encontrar. Por isso valerá a pena recordar alguns pratos com o tal quid que faz a diferença e se pode chamar Barrosão. Não se esqueçam da orelheira e do “Ranhão” (pé de porco) que são pratos obrigatórios no Entrudo, sempre acompanhados pela batata e a couve! E que dizer dos rojões (sobretudo os de suventre) que se guardam em unto até ao Verão? E o arroz de chouriço com espigos? E a alheira com grelos? E a costeleta (ou posta) de vitela barrosã com dois grãos de sal sobre as brasas? Desde logo o cozido barrosão que originariamente levava carne de diferentes partes do porco (salpicão, chouriça, sangueira, e farinhota) algum feijão, muita couve e batata, cenoura e nabo. E que dizer dos ossinhos da suã?

Quanto ao cabrito, se o animal comeu as nossas ervas e matos, acreditem no dizer popular: “Quanto ao cabrito, cozido, assado ou frito!” O mesmo podíamos dizer da vitela que, por melhor boca ou mais biqueira criatura, ninguém a rejeita. Não se esqueçam que há séculos atrás estes pratos eram acompanhados, não com batata mas com castanha. Quando puderem, experimentem.

Mas há outros pratos dignos de memória: caldo de castanha; água quente de natas ou de unto; chouriça cozida ou alheira com grelos; truta com presunto, etc... Também nas sobremesas haviam delicias que estão postas de lado! Pobres modernices! O palαιο, pedro ou bucho; o leite coalhado com mel; doce de castanha; doce de abóbora com nozes ou pinhões; amoras silvestres com mel e vinho, etc.

E depois uma quantidade de compotas, geleia e até licores que faziam água na boca ao mais esquisito. Façam encomenda destas especialidades gastronómicas e provem-nas que não tarda nada já voltam a encomendá-las e a comê-las.

O desenvolvimento turístico de qualquer região tem de assentar num conjunto de pressupostos de modo a reverter no interesse das populações residentes e nos visitantes. Assim, tendo em conta que o turismo é hoje a maior indústria do mundo, há que ficar atento ao impacto económico (emprego, balança de pagamentos e de investimento) e ao impacto ambiental e sócio-cultural. A globalização do comércio e das tecnologias dos meios de comunicação coloca uma série de desafios ao sector turismo a que urge estar-se atento. Não basta precavermo-nos quanto às infra-estruturas; é



O PATRIMÓNIO CULTURAL...

Gastronomia

necessário que as pessoas adquiram saberes, acompanhem as necessidades dos visitantes, que sejam exigentes em termos de qualidade e informação. As potencialidades ambientais e culturais da nossa região (que integra a Região de Turismo Alto Tâmega e Barroso) são enormes. Importa, por isso, passar da lógica territorial a que estamos apegados, à lógica de mercado de modo a suprir insuficiências e a variar as ofertas, através de programas integrados de desenvolvimento. Vamos ter de receber bem quem nos visita! Vamos ter de promover uma política activa junto das populações em geral, sensibilizando-as para a importância do turismo na nossa economia regional! Se não vendermos gato por lebre, temos futuro porque somos capazes de preservar o ambiente, os nossos valores culturais e as nossas tradições; porque o conelho de Montalegre tem os melhores ares do planeta; porque temos paisagens deslumbrantes, porque temos silêncios que falam na alma; porque temos locais para a meditação e para a aventura, espaços para actividades desportivas de competição e de lazer; condições para satisfazer os gostos mais exigentes na pesca e na caça; sendas para caminhadas na floresta e na montanha escalvada; águas para se fazer vela em cenários paradisíacos, para canoagem e provas de remo e para a prática do esqui aquático; porque temos serras para o alpinismo arrojado e para o montanhismo familiar; temos um mundo para a gente jovem e outro mundo para a gente menos jovem. Talvez nenhuma outra região europeia tenha tão perto e tão diferentes seis barragens à sua espera: Salamonde, Venda Nova, Paradela, Salas (Tourém), Seselhe e Pisões. Se é adepto das aventuras aéreas, procure a Papa-Ventos, associação que o acompanhará numas manobras de parapente ou asa-delta; se prefere as adrenalinas do pedal, coma bem para tentar fazer subidas iguais às da Torre ou da Senhora da Graça; se gosta do pedal das viaturas apareça nas manifestações de velocidade no nosso Autódromo; se quer paz no espírito e deliciar os olhos e o corpo todo, dê um mergulho nas piscinas naturais da Abelheira, no Parque Nacional.

Se não é isso que procura mas quer conhecer a nossa história, não esqueça: por aqui se forjou o arrojo, o ânimo e a força física dos primeiros portugalenses (os galaicos ou calécios) logo após, e mesmo durante, os primeiros avanços da Reconquista Cristã; por aqui se



começou a fazer este “jardim à beira-mar plantado”; e por aqui se referveu a índole característica dos portugueses.

Em resumo, diremos que estamos muito razoavelmente servidos de infra-estruturas, a todos os níveis, para que os visitantes do planalto barrosão fruam a natureza, os nossos espaços habitados, compartilhem o nosso pão de cada dia, as nossas alegrias, as nossas actividades, as nossas noites, os nossos silêncios, as nossas tradições e a nossa história. Pátria.

Temos instalações desportivas diversas, instalações hoteleiras de variado tipo e nível de qualidade e bem distribuídas pelo território concelhio, piscinas, albergarias, hospital, clínicas, etc.

• • •

■ Usos e Costumes...

Os usos e costumes dos barrosões lançam as suas raízes no húmus ancestral do comunitarismo e este perde-se na noite profunda dos milénios.

Ainda o homem era um simples recolector de alimentos e vagamundeava por vales e encostas, ao longo dos rios e das matas e usava processos e instrumentos de entreatuda. Depois de se instalar nas suas choupanas e arrotear as suas leiras refinou esses processos.

○ PATRIMÓNIO CULTURAL...

■ As vezeiras...



Quando todos os braços de trabalho eram porcos para apanhar as castanhas e as bolotas; quando era necessário que todo o povo se dedicasse à ceifa do centeio, do painço da cevada ou à debulha desses cereais, então juntavam-se os rebanhos, as cabradas, os porcos, os cavalos e entregavam-se à guarda de um ou dois guardadores permitindo assim que vinte ou trinta pastores ajudassem na recolha dos produtos que lhes iriam servir de pão de cada dia.

■ Águas de Rega...



Do mesmo modo se organizavam na divisão das águas de rega, na utilização do Forno do Povo, no pastoreio e engorda do Boi do Povo, na matança dos seus porcos, etc: *“Pelo Santo André Quem não tem porco Mata a mulher”!*

■ Os Coutos



Claro que todos estes trabalhadores eram organizados democraticamente, ouvindo todos os vizinhos e o decidido nesses ajuntamentos (a que chamamos Couto), passava a constituir lei, sujeita a penas por incumprimento. Durante milhares de anos estes usos, foram as leis desta gente indómita que tão depressa espetava a sachola no campo do vizinho para ajudar nas culturas como lhe espetava a sachola na cabeça se se via roubado ou ludibriado.

■ O Pastoreio...



A actividade pastoril, sendo obrigatoriamente subsidiária da agricultura, é a base da economia local e deve-se a conceitos próprios de antiquíssimos regimes comunitários. A existência de “vezeiras” – gados apascentados sob regras democráticas próprias – indica como foi excelente a nossa coesão social, fruto duma organização jurídica específica e da qual, entre nós, restam documentos manuscritos, ainda que

rudimentares, do Padre Diogo Martins Pereira, nascido em Pincães, em 1681. Esclarece-nos o reverendo sobre as fórmulas comunitárias adoptadas pelas populações cabrilenses no sentido de enriquecerem as suas casas e de melhorarem os seus termos territoriais, nomeadamente, os baldios.

Entre outras coisas, descreve detidamente os diferentes lugares da freguesia de Cabril e o funcionamento das assembleias: o modo como resistiam a inimigos de fora parte, como apascentavam as suas vezeiras, como perseguiam os animais selvagens que consideravam prejudiciais, como faziam queimadas controladas para melhorar os pastos e como decidiram inçar alguns montes e corgas de outras árvores nobres e também de medronheiros com que evitavam os malefícios da erosão e de cujos frutos alimentavam os bichos e faziam aguardente.

O Boi do Povo e as Chegas

O boi, foi em tempos, muito mais que o rei dos animais!... Era como um bicho “sagrado”.



Para qualquer barrosão o boi é muito mais que o rei dos animais, é um bicho “sagrado” e o que mais genuinamente representa os modos de vida, a cultura e as tradições deste povo. Esta ligação ao boi vem dos princípios do mundo e vai continuar até à consumação dos séculos. Também os egípcios, os minoicos, os persas, os gregos e os romanos alimentaram ligações muito estreitas com o boi mas nenhum deles vai tão longe como o povo barrosão. Na mitologia Júpiter, o deus dos deuses, tomou a forma de boi para seduzir a bela Europa que acabou por entregar-se-lhe. A esposa de Júpiter teve de transformar-se em vaca para recuperar o pai dos deuses!

A própria bíblia, o nosso livro sagrado, refere-se ao boi em dezenas de passagens, desde o Génesis ao Apocalipse de São João. Na simbologia cristã, São Lucas, evangelista e médico, é representado pelo boi – o animal dos sacrifícios. Esta simbologia bem pode ser extensiva ao homem barrosão pelos sacrifícios a que se submete cada dia e pela forma como se relaciona com este abençoado animal. Na maior aflição, na implacável doença, na eminente sentença de prisão, a maior dádiva que o homem de Barroso poderia entregar, ao santinho da promessa e do milagre, era o bezerrinho que se criava com todo o amor. E o bezerro mais bonito, mais perfeito, havia de ser o boi do povo, o pai de centenas de crias do lugar e o orgulho da população. Por causa dele roubam-se canastros, tulhões e moinhos. Por causa dele o barrosão é capaz de matar e de morrer.

O boi do povo em Barroso é o símbolo máximo da vida comunitária, da virilidade, da fecundidade, da força e da honra da freguesia.

No castelo de São Romão gravaram uma cabeça de boi, há milhares de anos, em sinal do culto que lhe devotavam; no século passado, os de Travaços do Rio, terra de memórias firmes e longas, gravaram a cabeça do boi campeão numa torre que lhe dedicaram. Não há muitas décadas, dezenas e dezenas de bovinos faziam novenas à roda da Capelinha do Santo António de Viade que os protegera de doenças e desastres.

As inseminações artificiais retiraram à “divindade de cornos” o poder dos testículos mas não impediram que os barrosões continuem a praticar o seu desporto favorito que são as chegas. Até estão organizadas num campeonato ao longo do ano! Se os leitores forem ao futebol, em Montalegre, verão a assistir umas cem ou duzentas pessoas; se esperarem para ver uma chega de campeões, tenham cuidado!... não sejam atropelados por alguma multidão de cinco ou seis mil pessoas cheias de emoção! Esperemos que os homens de hoje não deixem morrer as nossas mais vincadas tradições ligadas à nobreza deste excelente animal como pretende significar o monumento que lhe levantaram a norte da vila de Montalegre, em rotunda para o efeito! Se pretendem conhecer este desporto característico (que é o mais humano de todo o reino animal) leiam a Antologia das Chegas que a Câmara de Montalegre mandou publicar.

AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS...

CONSEQUÊNCIAS



**Se nada mudar, as alterações climáticas
irão gerar uma crise pior que a
pandemia...**

O mundo à beira da catástrofe...

CIMEIRA DO CLIMA 2021



COP26

Papa Francisco diz que o tempo de agir pelo clima está a esgotar-se...

O Papa Francisco pediu à comunidade internacional reunida em Glasgow na cimeira do clima das Nações Unidas, para não perder esta oportunidade de acção contra as alterações climáticas porque "o tempo esgota-se".

O Vaticano, publicou a carta que o Papa enviou aos bispos escoceses por ocasião da 26.ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, na qual lamenta não ter podido participar como estava previsto.

O Papa afirmou que a COP 26, está "destinada a abordar uma das grandes questões morais" da actualidade: "A preservação da criação de Deus". "Imploramos os dons da sabedoria e da força de Deus aos encarregados de guiar a comunidade internacional para que enfrentem este grave desafio com decisões concretas inspiradas na responsabilidade para com as gerações presentes e futuras", escreveu Francisco. Para o Papa, "o tempo acaba-se" e esta oportunidade não deve desperdiçar-se.

- **Dia da Terra: "Estamos no limite. É hora de agir", afirma o Papa**

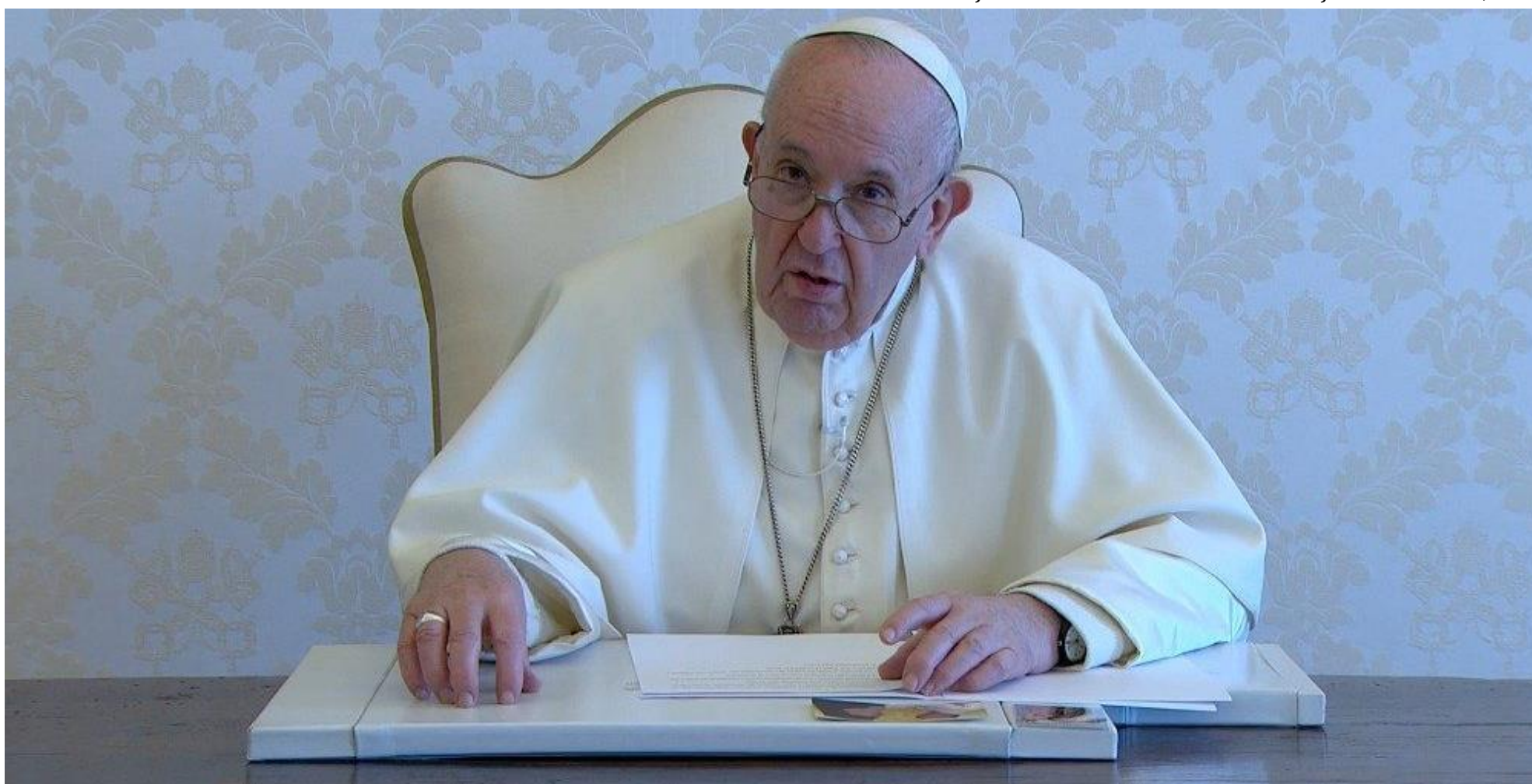
Não temos mais tempo para perder, como demonstram duas ca-

tástrofes globais: o clima e a Covid. Na videomensagem em espanhol para o Dia Internacional da Terra, o Papa Francisco renova seu convite a agir para preservar o meio ambiente.

A mensagem tem início com um apelo para não deixar cair no esquecimento as já conhecidas recomendações para tutelar o planeta. "Há tempos estamos nos conscientizando sempre mais de que a natureza merece ser protegida, também pelo simples fato de que as interações humanas com a biodiversidade de Deus devem ocorrer com a máxima atenção e com respeito. Aspectos estes que se tornaram ainda mais evidentes com a pandemia."

- **O alerta da Covid-19**

Francisco menciona o que aconteceu quando, por causa das excepcionais restrições impostas por governos nacionais para controlar a crise, o mundo mudou de ritmo. Para o Santo Padre, tratou-se de um modo "tristemente positivo" de perceber o impacto da desaceleração na natureza e nas mudanças climáticas,



COP26

Papa Francisco diz que o tempo de agir pelo clima está a esgotar-se...

mesmo que por poucos meses. Em outras palavras, a mudança exige o comprometimento de todos, de formas múltiplas, mas inequívocas.

“É o momento de agir, estamos no limite.”

O Papa cita um antigo ditado espanhol: “Deus perdoa sempre, os homens perdoam de vez em quando, a natureza jamais perdoa”. E quando tem início esta destruição da natureza, é muito difícil parar.

“Mas ainda estamos em tempo”, afirma confiante Francisco. E seremos mais resilientes se trabalharmos juntos ao invés de fazê-lo sozinhos.

Para o Pontífice, a adversidade que estamos vivendo com a pandemia, e que já sentimos na mudança climática, deve nos impulsionar a inovar, a inventar, a buscar novos caminhos. De uma crise não se sai iguais, repetiu. Saímos melhores ou piores. “Este é o desafio. E se não sairmos melhores, percorreremos um caminho de autodestruição”, adverte.

- **Mas ainda há tempo**

A humanidade, portanto, pode mudar o decurso dos eventos para

proteger a Criação. Francisco renova o seu apelo a todos os líderes do mundo para que actuem com coragem, com justiça e digam sempre a verdade às pessoas, para que saibam como se proteger da destruição do planeta e como proteger o planeta da destruição.

“Deus perdoa sempre, os homens perdoam de vez em quando, a natureza jamais perdoa”. E quando tem início esta destruição da natureza, é muito difícil parar.

Refira-se que a COP26 decorreu seis anos após o Acordo de Paris, que estabeleceu como meta, limitar o aumento da temperatura média global do planeta entre 1,5 e 2 graus celsius acima dos valores da época pré-industrial.

Apesar dos compromissos assumidos, as concentrações de gases com efeito de estufa atingiram níveis recorde em 2020, mesmo com a desaceleração económica provocada pela pandemia de covid-19, segundo a ONU, que estima que ao actual ritmo de emissões, as temperaturas serão no final do século superiores em 2,7.°C.

O Papa Francisco recebeu no Vaticano uma delegação do Movimento Católico Global pelo Clima, encorajando o seu trabalho... ..



A DECLARAÇÃO FINAL DA CIMEIRA DE GLASGOW

IMPULSIONAR A ACÇÃO CLIMÁTICA PARA CUMPRIR OS OBJECTIVOS DO ACORDO DE PARIS

Pacto climático assinado com reservas, devido a alterações propostas pela Índia. António Guterres reafirma: “Catástrofe climática continua a bater-nos à porta.”

O pacto climático de Glasgow é “imperfeito”, mas mostra “consenso e apoio” sobre “algo significativo para as pessoas e vital para o planeta”, segundo o Presidente da Conferência Climática COP26. A forma polémica como o acordo climático foi conseguido na Cimeira do Clima das Nações Unidas, na Escócia, levou mesmo Alok Sharma a pedir desculpa.

A declaração final tem 10 páginas e foi assinado por todos os 197 países participantes, apesar das fortes reservas e decepções expressas por muitos quanto à versão final, devido a uma alteração de última hora que suaviza o apelo ao fim do uso de carvão. A minutos da aprovação do documento, a palavra “*phase-out*” (eliminação progressiva) foi substituída por “*phase-down*” (redução progressiva) a pedido da Índia e com acordo da China.

A situação levou mesmo o Presidente da COP26, Alok Sharma, a pedir desculpa, de forma emocionada, pela forma como as negociações de última hora decorreram. “*Peço desculpa pela forma como este processo foi desenvolvido. Peço imensa desculpa. Também percebo a profunda desilusão. Mas também é crucial que protejamos este acordo*”, afirmou na sessão final, parando por momentos a intervenção para se recompor e bater com o martelo que dava a cimeira como encerrada, 26 horas depois do previsto.

Várias delegações, como a da Suíça e a da União Europeia, manifestaram o desagrado pelas alterações. O Vice-Presidente da Comissão Europeia, Frans Timmermans, interveio para dizer que “*o carvão não tem futuro*”, frisando que “*a UE queria ir ainda mais longe em relação ao carvão, consequência da sua própria experiência dolorosa*”. O Ministro português do Ambiente e Acção Climática, João Pedro Matos Fernandes, considerou que as expectativas da cimeira de Glasgow foram “*razoavelmente cumpridas*” e que, ainda que se pudesse ter ido mais longe, há um acordo. “*Estamos a falar de um exercício multilateral, e ainda que haja algumas partes deste acordo em que manifestamente devíamos ter ido mais longe, eu começo por dizer uma coisa: há acordo, coisa que não tivemos em Madrid, e não tivemos em Katowice nas duas anteriores reuniões*”, disse. Sobre o fim do carvão e dos combustíveis fósseis o Ministro disse que Portugal preferia, “*obviamente*”, a primeira versão, que falava do desaparecimento do carvão, em vez da aprovada, que fala da redução. “*Mas seja como for isso nunca tinha sido escrito. E há um acordo de todos os países para tal*”.



Glasgow Declaration

ANTÓNIO GUTERRES: Declaração Final da Cimeira é “um compromisso cheio de contradições”

Já para o Secretário-Geral das Nações Unidas, o acordo assinado em Glasgow “*ainda não chega*” e “*a catástrofe climática continua a bater à porta*”. Em comunicado, António Guterres considerou que a COP26 “*deu passos em frente que são bem-vindos*”, mas ressaltou que se trata de “*um compromisso*” cheio de “*contradições*”.

• Mantém ambição de Paris

Apesar da polémica, o documento é histórico, prevê apoio aos países em desenvolvimento para se adaptarem aos novos desafios climáticos e mantém a ambição do Acordo de Paris de manter o aumento da temperatura a 1,5°C.

Documento que diz ainda ser necessário reduzir as emissões de dióxido de carbono em 45% até 2030, em relação a 2010.

Apesar dos compromissos assumidos em Paris, as concentrações de gases com efeito de estufa atingiram níveis recorde em 2020, mesmo com a desaceleração económica provocada pela pandemia de Covid-19, segundo a ONU, que estima que ao actual ritmo de emissões, as temperaturas serão no final do século superiores em 2,7. ° C.

Por: **Catarina Pereira**
Jurista

A DECLARAÇÃO FINAL DA CIMEIRA DE GLASGOW

**IMPULSIONAR A ACÇÃO CLIMÁTICA
PARA CUMPRIR OS OBJECTIVOS DO ACORDO DE PARIS**

“Chega de tratar a natureza como toilette, chega de nos matar com carbono”, afirmou o chefe das Nações Unidas em Glasgow.

ANTÓNIO GUTERRES: Declaração Final da Cimeira é “um compromisso cheio de contradições”. Em Glasgow, o Secretário-Geral da ONU, afirmou que a humanidade está cavando a sua própria cova; António Guterres reforçou que investir numa economia resiliente e de zero emissões de carbono é a melhor maneira de reverter situação e destaca o seu apoio ao “exército de jovens” que lutam pela acção climática.

“Chega de tratar a natureza como toilette, chega de nos matar com carbono”, afirmou o chefe das Nações Unidas em Glasgow. Guterres, lembrou que o aumento do nível do mar já dobrou nos últimos 30 anos, que os oceanos estão mais quentes do que nunca e que áreas da Floresta Amazônica já emitem mais carbono do que absorvem.

Guterres destacou ainda, que o último levantamento sobre as Contribuições Nacionalmente Determinadas mostra que as propostas dos governos poderão levar o mundo a um aumento “calamitoso” da temperatura para 2,7 °Celsius.

O Secretário-Geral afirmou ainda “que estamos no caminho para um desastre climático”. “falhar é uma sentença de morte” e este é o

momento da verdade”, ao estimular os investimentos numa economia resiliente ao clima e “net zero”, ou seja, de zero emissões de CO₂. Segundo o Secretário-Geral, “vários países já firmaram compromissos credíveis de acabar com as emissões até meados do século”, muitos já deixaram de financiar a indústria do carvão e mais de 700 cidades estão a liderar o caminho para a neutralidade climática. Guterres falou ainda do “exército da acção climática, liderado pelos jovens que não para e está cada vez maior e mais barulhento vindo para ficar”. Um exército a quem o Secretário-Geral reafirmou o seu total apoio.





ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS



Vamos deixar uma “herança negra” a quem vier atrás de nós...

Por muito que não queiramos admitir, o óbvio é que já “estoiramos” com o planeta e que as consequências desse desatino mundial e histórico, serão catastróficas, provavelmente não para nós, mas com certeza absoluta, para os nossos filhos e netos.

Assim, e porque me parece essencial desmontar o “ruído” que apenas favorece quem está mais empenhado em manobrar, que realmente em salvar o planeta, exponho dois pontos que se me afiguram como ponto de partida para uma discussão lúcida e para soluções eficientes. São, repito, apenas, pontos de partida.

1.- O planeta está claramente em perigo!,,, Em gravíssimo perigo. De tal forma eminente, que inquestionavelmente vamos deixar uma “herança negra” a quem vier atrás de nós. E a prova disso muito, mais que nas alterações climáticas, que no fundo são recorrentes na história da Terra mesmo sem influência humana, está nos níveis avassaladores de poluição e na inevitável escassez de recursos naturais.



Generalizar de forma unânime essa certeza, é pois fundamental. É necessário que todos, desde o aldeão do concelho de Montalegre, ao indígena do Brasil, tenham essa consciência.

2.- Dito isto, é pois fundamental que se diga, que os grandes e decisivos problemas não estão a juzante, mas sim a montante!... Sendo certo que são os nossos comportamentos que geralmente determinam as estratégias produtivas, não deixa também de estar nos “centros de decisão” a enorme quota de responsabilidade pela poluição e pela extinção.

E neste ponto há pelo menos duas alíneas que parecem representar a gigantesca percentagem do problema climático: a utilização do carvão, e a desflorestação. Enquanto os países continuarem a usar o carvão como recurso energético, não há clima que resista. E neste ponto, os 3 principais responsáveis são a **China, os EUA e a Índia**.

Só eles, representam metade da “contribuição” poluidora. Principalmente a China, que por si só, é responsável por quase um terço da poluição mundial. Não são de forma alguma despicientes quer a Rússia que está no 4º lugar do “ranking” e perto da Índia, quer a UE que se considerada em conjunto estará seguramente no “top 3”.



E depois vem a desflorestação!... O crescente, avassalador e implacável abate de árvores conduz “sem apelo nem agravo” à diminuição da capacidade “respiratória” da Terra e à extinção progressiva da vida selvagem. No “pedestal” da minha óbvia ignorância, estes parecem ser os dois – entre muitos outros - mais graves problemas ambientais que enfrentamos.

Espero por isso através da simplicidade das minhas palavras para que todos percebam, estar a ajudar e não a contribuir para a confusão generalizada sobre o tema, a bem de todos nós.



A TERRA

e a Gente...



A TERRA e agente



AS PERSONALIDADES DO ANO

MEDALHA DE OURO



Orlando Alves

MEDALHA DE PRATA



Germano Batista

MEDALHA DE LATA



José Rodrigues



Orlando Alves, Presidente do Município desde 2013, cumpriu e bem a sua missão!... E foi por isso que à partida para o seu último mandato e à semelhança dos dois anteriores, fechou este último desígnio com chave de ouro, obtendo pela terceira vez consecutiva uma maioria absoluta. E não foi por obra do acaso!... Se o conseguiu, é porque o povo que o elegeu lhe reconheceu o mérito devido pela obra feita. Tudo o resto são falácias!... Orlando Alves colocou Montalegre no mapa e conseguiu-o de uma forma brilhante, resistindo a tudo. Resistiu ao desgaste provocado pelos dois últimos mandatos; à rivalidade artificialmente criada por alguns, entre Montalegre e Salto; às acusações sobre a sua alegada familiaridade com a exploração mineira; e até à sua condição de arguido. Mas não só!... Orlando Alves, resistindo a tudo isso, resistiu também à ingratidão e às traições de eleitores da sua própria área política. Dando a cara, nunca se escondeu por detrás de uma qualquer barricada e com a sua conduta e a equipa que o acompanhou, ganhou não só a Câmara, como também, 19 das 25 freguesias do concelho, “reservando” para a Oposição e independentes apenas 6, para dividirem em partes iguais. Foi o povo que assim o ditou e “o povo é quem mais ordena”!... Na política como na vida, as coisas não funcionam como alguém em particular quer, isso sim como tem que ser. Para ele a nossa Medalha de Ouro, inteiramente merecida.

Germano Francisco Pires Batista, sabe que nós sabemos, que há muito ambicionava chegar onde chegou, isto é, à presidência da Junta de Freguesia de Montalegre, agora também de Padroso. Se noutros tempos e noutras andanças, vários factores contribuíram para a sua resignação, desta vez, sem VAR e com a ajuda da “mão de Deus”, Germano Batista, conseguiu finalmente alcançar o seu objectivo. Fez por isso mais que ninguém, e quem espera, como é vulgar dizer-se, sempre alcança. Aos 55 anos de idade e ainda muito jovem, dele se espera um trabalho profícuo em benefício como é óbvio das gentes da vila de Montalegre e da aldeia de Padroso, que em conjunto se apresentam como a freguesia mais populosa do concelho de Montalegre. Para o Germano Batista, ficam as felicitações da A Barrosana, não apenas pela sua persistência, juntando o útil ao agradável, mas fundamentalmente por ter arrebatado uma freguesia que foi socialista durante mais de 30 anos. Para ele que soube gerir os acontecimentos, vai a nossa Medalha de Prata.

José Rodrigues, é o tal “politico” que dizendo-se interiorizar os desígnios da social-democracia, protagonizados que foram pelo fundador do PPD/PSD, Francisco Sá Carneiro e agora rejuvenescidos por Rui Rio, foi o primeiro a subvertê-los. E o primeiro exemplo a cuja herança renunciou, foi o da ética política. Dizia Sá Carneiro, que “a política sem risco é uma chatice e sem ética uma vergonha”. Ora é precisamente perante este tipo de discurso, que se diferenciam os grandes líderes. Enquanto a dita ética sobrou em Sá Carneiro, faltou na mesma proporção a José Rodrigues. Nunca arriscou, não se lhe conhecem propostas reformadoras, e a sua conduta política mais parece a de um polícia, que a de um Vereador com responsabilidades. Mau de mais, quando através de portas e travessas se fomenta a descredibilização das instituições, a desconfiança e os atropelos à tal dita ética de que Sá Carneiro fez bandeira. A questão do lítio de que foi um dos impulsionadores e o voto dos emigrantes, imputando a terceiros comportamentos menos dignos, que o próprio usou em proveito da sua Coligação, são reveladores do lema, de que em política não vale tudo. Não admira por isso ter-se desviado de Rui Rio, o tal homem que coloca os interesses do país acima de todos os demais. José Rodrigues, pelo contrário, sempre “esticou a corda” em proveito próprio e por isso perdeu. Para ele, a nossa medalha de lata...



António Chaves
Economista e escritor

Um território ímpar...

Bento da Cruz, a par de brilhante escritor, sentiu e partilhou o pulsar do coração do povo que o acolheu, numa singela aldeia de montanha, quando chegou a este mundo. Conheceu de perto as dificuldades da vida rural desta região agro-pastoril, em que o povo ia vivendo.

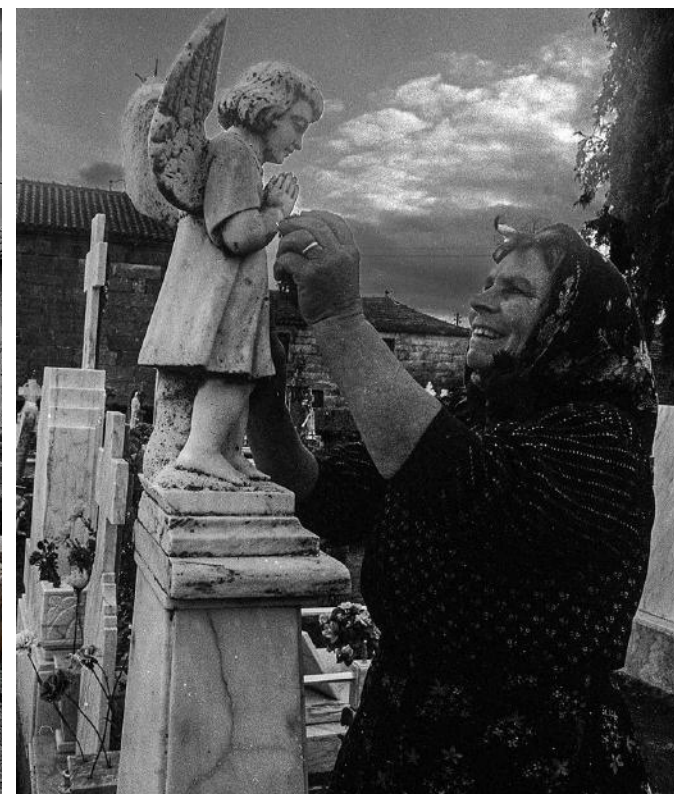
Partilhavam um território comum de terras de cultivo, pastos de erva para o gado bovino e serras que alimentavam cabras e ovelhas, em luta diária contra os lobos por ali abundantes. Para as crianças, a escola de vida consistia simplesmente em “pão numa mão e pau na outra”, prontos a subir e a descer a montanha em cada jornada diária; estivesse calor, frio, ou sol, chuva ou neve, os gados eram levados ao pasto. “- Sempre que vais até ao cimo da serra, cresces um palmo”! Diziam-lhes para irem mais contentes.

Cada aldeia tinha o seu termo, onde cortava os matos para as cortes do gado e alimentava os seus animais. As propriedades muradas eram de acesso restrito aos respetivos proprietários. O resto do espaço de montanha constituía pasto comunitário. Cabras e ovelhas mais nutridas eram fruto apenas da dedicação e empenho do cada pastor.

A abundância do que designavam por termo foi alvo de brutalidade física e psicológica pelo Estado, onde os seus agentes transformaram o carácter das gentes, os estilos seculares de vida comunitária, a base social e económica, o cultivo da confiança e a reciprocidade e entreajuda dos seus membros.

A comunidade silvo pastoril barroã venceu todas as ameaças que os séculos colocaram no seu trajeto; e não foram poucas. Mas na terra de nascimento deixou de haver forma de lutar contra a força brutal e sem meios para aguentar e prolongar a resistência. O tecido rural entrou em falência acelerada e colapsou, logo que o fim da segunda grande guerra uma alternativa, abrindo as portas à mão-de-obra de Portugal e de Espanha para ajudar a fechar as feridas da guerra, abalando a base dos recursos comuns que mantinham a sociedade local com base na entreajuda e na solidariedade do tecido humano comunitário.

Créditos das fotos: Artur Pastor e Gerard Fourel...





A TERRA e agente

Censos2021



TOTAIS NACIONAIS | População portuguesa decresceu dois por cento nos últimos 10 anos...

O saldo migratório positivo “não foi suficiente para compensar” a redução da população portuguesa, que nos últimos 10 anos, decresceu em dois por cento. Foi a primeira vez que tal aconteceu desde os Censos entre a década de 60 e 70 do século passado. Conheça aqui o principal dos resultados preliminares dos Censos2021.

Portugal tem hoje 10.347.892 residentes, menos 214.286 do que em 2011, segundo os resultados preliminares dos censos 2021, divulgados pelo INE-Instituto Nacional de Estatística.

Segundo o INE, em termos censitários, a única década em que se verificou um decréscimo populacional foi entre 1960 e 1970. A população residente em 2021 tem um valor próximo do registado em 2001, quando residiam em Portugal 10.356.117 pessoas.

O decréscimo populacional registado na última década com menos 2%, resultou do saldo natural negativo menos 250.066 pessoas - dados provisórios, sendo que o saldo migratório ocorrido, apesar de positivo, não foi suficiente para inverter a quebra populacional, sublinha o INE.

Os dados mostram que há em Portugal 4.917.794 homens e 5.430.098 mulheres. A análise por Município permite verificar que os territórios localizados no interior do país perderam população, sendo que os Municípios que assistiram a um crescimento populacional situam-se predominantemente no litoral, com uma clara concentração em torno de Lisboa e na região do Algarve.



O Algarve com mais 3,7% e a Área Metropolitana de Lisboa com 1,7%, são as únicas regiões que registam um crescimento da população, sendo o Alentejo aquela que regista o decréscimo mais expressivo.

As restantes regiões viram decrescer o seu efetivo populacional, com o Alentejo a observar a quebra mais expressiva -6,9%, seguindo-se a Região Autónoma da Madeira com -6,2%.

• • •

Nos últimos 10 anos, dos 308 Municípios portugueses, 257 registaram decréscimos populacionais e apenas 51 registaram um aumento. Na década anterior tinham assistido a quebras populacionais em 198 Municípios.

Segundo os dados recolhidos dos censos 2021, cerca de 50% da população residente em Portugal concentrava-se em apenas 31 Municípios, localizados maioritariamente nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto.

• Odemira regista maior crescimento e Barrancos maior decréscimo de população

Odemira, Mafra, Palmela, Alcochete e Vila do Bispo são os cinco Municípios que registaram maior crescimento da população na última década, enquanto o maior decréscimo se verificou em Barrancos. Em decréscimo populacional, os cinco Municípios que se destacam são Barrancos -21,8%, seguindo-se Tabuaço -20,6%, Torre de Moncorvo -20,4%, Nisa -20,1% e Mesão Frio -19,8%, revelou o INE.

• Portalegre o Distrito que mais perdeu...

Portalegre, com uma queda de 10,3%, é a capital de Distrito que mais perdeu população nos últimos dez anos. A seguir a Portalegre, as maiores diminuições de população nas capitais de Distrito foram em Beja -6,8%, Castelo Branco -6,8%, Guarda -5,6% e Évora -5,4%. As outras capitais de Distrito em que diminuiu a população residente, foram Santarém -4,8%, Vila Real -4,3%, Viana do Castelo -3,2%, Bragança -2,2%, Porto -2,4%, Lisboa -1,4% e Coimbra -1,8%.



• **Concelhos do Alto Tâmega**
Perdas por concelho em termos percentuais



Perdas por concelho em termos percentuais no distrito...

• **Ranking:**

A sede do distrito foi a que menos população perdeu.

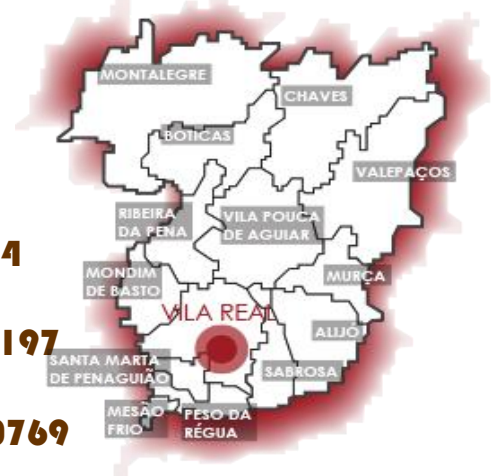
Montalegre ocupa o quinto lugar entre os 14 concelhos do distrito que perdeu menos população



Número de concelhos - 14

Número de freguesias - 197

Número habitantes - 430769



A lista por ordem crescente de perdas de população em termos percentuais

- Vila Real - 4,30 %;
- Chaves - 8,80%;
- Ribeira de Pena - 10,00%;
- Vila Pouca de Aguiar - 10,30%;
- Montalegre - 11,90%;
- Murça - 11,90%
- Alijó - 12,10%;
- Mondim de Basto - 12,10%;
- Sabrosa - 12,7%;
- Boticas - 13,00%;
- Régua - 15,00 %;
- Santa Marta de Penaguião - 17,00%
- Mesão Frio - 19,8 %.

• **Ranking:**

Chaves foi o concelho que menos população perdeu em relação a 2011.



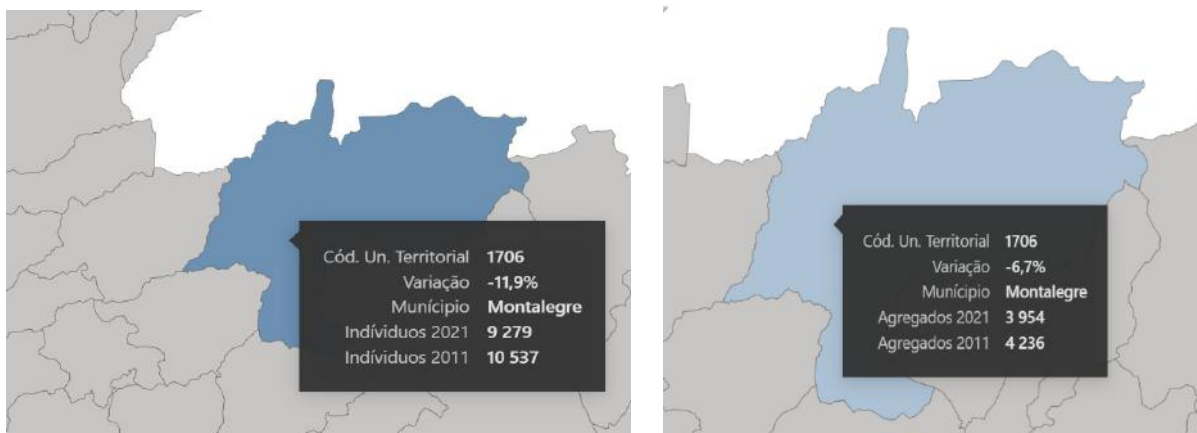
- 1.º - Chaves - decréscimo de 8,80%;
- 2.ª - Ribeira de Pena - decréscimo de 10,00%;
- 3.º - V. Pouca de Aguiar - decréscimo 10,30%;
- 4.º - Montalegre - decréscimo de 11,9;
- 5.º - Valpaços - decréscimo de 12,8%;
- 6.º - Boticas - decréscimo de 13,00%.



• CENSUS 2021 | “RADIOGRAFIA” DO CONCELHO



O concelho de Montalegre perdeu 1.258 residentes nos últimos dez anos. Tem agora menos 11,9% de população comparativamente a 2011. A freguesia de **Santo André**, foi a que mais gente perdeu - **menos 69 pessoas**.



A freguesia de **Sarraquinhos**, é a única que ganhou residentes – mais 6. - **Estava em perda desde 1960**.

Veja-se, a seguir, os resultados no concelho de Montalegre, em número de habitantes das respectivas freguesias e a variação comparativamente a 2011:

- **Cabril** 512 | -7,4%
- **Cervos** 227 | -16,2%
- **Chã** 771 | -6,3%
- **Covelo do Gerês** 166 | -14,4%
- **Ferral** 293 | -26,2%
- **Gralhas** 186 | -10,6%
- **União das Freguesias de Cambeses do Rio, Donões e Mourilhe** 273 | -11,7%

- **União das Freguesias de Montalegre e Padroso** 1784 | -7,2%
- **União das Freguesias de Meixedo e Padornelos** 265 | -20,4%
- **União Das Freguesias de V. Perdizes e Meixide** 540 | - 1,5 %
- **Morgade** 195 | -14,5%
- **Negrões** 132 | -25,4%
- **Outeiro** 143 | -8,3%
- **União das Freguesias de Paradela, Contim e Fiães** 245 | -20,5%
- **Pitões das Júnias** 151 | -6,2%
- **Reigoso** 131 | -21,6%
- **Sarraquinhos** 300 | +2%
- **Salto** 1264 | -11,5%
- **Santo André** 149 | -31,7%
- **União das Freguesias de Sezelhe e Covelães** 229 | -17,3%
- **Solveira** 151 | -1,9%
- **Tourém** 112 | -25,8%
- **União das Freguesias de Venda Nova e Pondras** 346 | -12%
- **União das Freguesias de Viade de Baixo e Fervidelas** 693 | -9,1%
- **Vila da Ponte** 167 | -6,2%

Como se pode verificar, Sarraquinhos a **descer desde 1960**, passou agora de 294 habitantes em 2011, para 300 em 2021 – uma subida de 6, correspondente a 2%.

Enquanto isso, Santo André foi a que mais perdeu e situou-se no último lugar.

Registou uma quebra record de 31,7%. **Igualmente a descer desde 1960**, passou agora de 218 em 2011, para 149 habitantes.



A TERRA e agente

• CENSUS 2021 | “RADIOGRAFIA” DO CONCELHO

OUTROS DADOS DO CONCELHO DE MONTALEGRE

Segundo os dados do Censos 2021 e os últimos registos oficiais do Concelho, é hoje possível comparar de forma simples e imediata, vários indicadores de diferentes temas, e a sua evolução em quase uma década. Ficam então as estatísticas mais importantes sobre o concelho comparativamente à média nacional:

“Em termos populacionais, o concelho de Montalegre ocupa o 192.º lugar do ranking entre os 308 Municípios que compõem o país. Lisboa lidera, seguido de Sintra e V.N. Gaia. No continente, os últimos 3 são, Mourão, Alvito e Barrancos”.



- Habitantes com residência permanente 9.279!... Destes 4466 são homens e 4813 mulheres. Entre uns e outros contam-se 98 estrangeiros.
- Por cada 1000 residentes, 10 são estrangeiros;
- Por cada 100 residentes, há 8 jovens com menos de 15 anos, 57 adultos e 35 idosos com 65 ou mais anos
- Existem 461 idosos por cada 100 jovens, o que significa, mais 304 idosos do que a média nacional
- A população activa representa 56,4%. A média nacional é de 64,2%.
- O número de desempregados inscritos no IEF, representa 5,4 %, sendo a média nacional de 5,8%.
- A taxa de mortalidade é de 8,4% contra a média nacional de 11,00%.
- 831 alunos estão matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário.
- Por cada 100 residentes com 15 ou mais anos, há 53 pensões

atribuídas pela Segurança Social e pela Caixa Geral de Aposentações.

10. 875 euros, é quanto ganham em média os trabalhadores por conta de outrem no Município, isto é, 313 euros abaixo do ganho médio a nível nacional.

11. O rendimento médio anual declarado por habitante, é de 5.941 euros.

12. Em termos do actual parque automóvel, Montalegre tem 6,00 carros por cada 10 habitantes e 26,6% desses, são de luxo e premium. A média nacional destes, é de 18%.

13. As receitas do Município provenientes de impostos no concelho, representam 5,1%. A média nacional é de 38,2 %.

14. O valor médio de avaliação bancária da habitação foi de 754 euros por m2. Um valor de 438 euros, inferior à média nacional.

15. O número de crimes registados no último ano, foram de 318, menos 68% que a média nacional.



• O COVID - 19 E O DILEMA DE QUEM TRABALHA DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA...

Os habitantes da raia voltaram a conhecer o que significava a fronteira com a pandemia. Presos a regras legislativas diferentes em Portugal e Espanha e a uma dependência social e económica comum, os trabalhadores transfronteiriços temem agora pelo dia em que lhes voltem a erguer barreiras de cimento em passagens que para eles são hoje mais uma rua no seu quotidiano

O Covid, desta vez com o Ómicron à cabeça, voltou em força e a confusão voltou à raia com a ameaça de novo fecho da fronteira. A comunicação do Governo português, longe de ser clara, suscitou dúvidas entre quem tem nos seus planos e faz parte da sua vida, atravessá-la todos os dias. E a dúvida gera obviamente desinformação dos dois lados. Até agora, o certificado de vacinação era garantia de mobilidade dentro do espaço da União Europeia, mas a propagação da nova variante e a precaução para que não se repita um cenário de hospitais cheios no pós-Natal levaram a que fossem ponderadas medidas adicionais de controlos terrestres: “A realidade exige a adopção imediata de medidas preventivas, de modo a tentar evitar o agravamento da situação epidemiológica”, ditou a resolução do Conselho de Ministros que gerou mais dúvidas do que certezas. De forma unilateral, por parte de Portugal falou-se na exigência de testes a todos os que cruzassem as fronteiras nacionais e o próprio Governo de Espanha acabou por recomendar que não se atravessasse a fronteira sem um teste negativo, causando cancelamentos nos restaurantes e hotéis portugueses. Bruxelas chegou a avisar Lisboa que os detentores de certificado de vacinação não deveriam ter restrições adicionais na mobilidade, mas entre o deve e o haver, foram muitas as pessoas que passam a fronteira para trabalhar a ficarem assustadas com os eventuais regressos dos controlos. Felizmente, caiu a exigência de teste para os transfronteiriços a quem basta o Cer-



tificado de vacinação e os controlos serão aleatórios. Esta é a terceira vez em menos de dois anos que se impõem restrições à mobilidade na fronteira entre Portugal e Espanha, e será assim, pelo menos, até 9 de Janeiro de 2022. Ninguém sabe ao certo quantos são os transfronteiriços. A falta de um estatuto oficial há muito prometido empurra estes trabalhadores para um limbo administrativo em que qualquer passo do seu quotidiano é condicionado pela burocracia de ter dois países desarticulados: da matrícula do carro com que circulam ao pedido de um subsídio de desemprego.

• O padeiro que mudou de rota

Vamos a um exemplo na raia do concelho montalegrense e como as decisões tomadas nas capitais ibéricas podem causar grandes transtornos quando o legislador não equaciona todas as consequências do que legisla. Em Tourém, o fecho de fronteiras deu em caso de polícia. Os padeiros galegos que por lá abasteciam a população viram-se bloqueados pelas barreiras de cimento que se ergueram onde antes nem se dava conta de

Que se mudava de país, o que significa que a pandemia empurrou um país de novo para casa e ergueu de novo muros nas fronteiras, habituadas a ser ponto de passagem entre Portugal e a Galiza, Tourém tornou-se assim numa estrada sem saída.

Não é que o isolamento não seja comum nesta aldeia igual a tantas outras habituadas que estão ao sazonal rigor dos Invernos, mas, no meio de uma pandemia e com regras definidas a partir de um gabinete de Lisboa ou Madrid, esta gente raiana, nunca percebeu porque tinha de ficar sem pão. A solução teve assim de vir da freguesia portuguesa mais próxima - Pitões das Júnias.

Conta a população que, apesar de não compensar ao padeiro a sinuosa viagem, teve de ser a GNR a “obrigar” o carro do padeiro português a percorrer a ziguezagueante estrada que nos Invernos congela, refém do seu traçado a 1200 metros de altitude, em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês. Mas, por muitas barreiras que se colocassem, há quem tenha regressado a uma espécie de amostra dos tempos do contrabando. A aldeia não compreendia porque tinha de dar uma volta maior quando a sua vida estava desde sempre, ligada ao que se passava no outro lado e até o transporte que leva os miúdos à escola, em Montalegre, costuma seguir caminho pela Galiza, em vez de optar pela sinuosa estrada portuguesa.

É que, entre a passagem legal na fronteira de Chaves-Verín, a mais de 70 quilómetros de automóvel para cada lado, ou a travessia num qualquer caminho secundário nos arrabaldes da aldeia, houve quem não tivesse outra alternativa senão fugir à lei para poder ir trabalhar ou voltar a ver parte da família. Foram dias de angústia: iam levá-los à fronteira e depois, do lado de lá, havia quem estivesse de carro à espera para os passar”.



• O COVID-19 E O DILEMA DE QUEM TRABALHA DO OUTRO LADO DA FRONTEIRA...

Os habitantes da raia voltaram a conhecer o que significava a fronteira com a pandemia. Presos a regras legislativas diferentes em Portugal e Espanha e a uma dependência social e económica comum, os trabalhadores transfronteiriços temem pelo dia em que lhes voltem a erguer barreiras de cimento em passagens que, para eles, são hoje mais uma rua no seu quotidiano.

Tourém é o exemplo de um lugar que não vive sem os que passam para o outro lado da raia.

• Uma raia seca de gente

A fronteira mais despovoada da Europa não tem guerra nem crises migratórias e os anos do contrabando já são só memórias na cabeça dos mais velhos. Aqui, a população decresce todos os anos. Mostram-nos os dados do último recenseamento que uma em cada quatro pessoas saiu de Tourém ou morreu nesta última década. Resta a alegria do regresso

dos que emigraram em grande parte para terras de França e que voltam quando o calor de Agosto se faz sentir. Viver na raia Tourém perdeu um em cada quatro habitantes na última década. Já só existem 112 pessoas na freguesia. Os anos de contrabando acabaram com a abolição das fronteiras na era Schengen, já em meados dos anos de 1990 e ninguém estava preparado para que os controlos voltassem. Com a ameaça do ainda desconhecido coronavírus, em Março de 2020 o Primeiro-Ministro, António Costa, anunciava então um pacote de medidas a que se somava a reposição do controlo nas fronteiras terrestres com Espanha: “Vamos manter a liberdade de circulação de mercadorias, garantir os direitos dos trabalhadores transfronteiriços, mas restringir a circulação para efeitos de turismo ou de lazer”. Era uma mal menor, mas que afectou e muito os trabalhadores fronteiriços.

Antes, quem vivia do contrabando tinha dinheiro e as pessoas viviam disso”. A grande “indústria” da raia era a passagem ilegal de produtos entre os dois territórios. Também havia lojas, todas viradas para as compras das pessoas que vinham do outro lado em busca de preços mais baixos ou de produtos diferentes — certo é que os produtos há muito deixaram de ser diferentes para despertar outro tipo de curiosidades. “Daqui a dez ou 15 anos, a gente desaparece daqui, se não houver como fixá-la. Nos nossos dias, os lugares da raia não são alheios ao despovoamento crescente que assola o meio rural da Galiza e Portugal. Se a falta de serviços já agrava a vida destes lugares, a situação piora quando falamos de vilas interdependentes, entre as quais não existe nenhum tipo de ligação de transporte público. A forma como as concessões de serviço público estão desenhadas e como estas são subsidiadas faz com que os operadores terminem o serviço quando atingem a fronteira, não continuando para o outro lado da raia. E isto não afecta só a povoação envelhecida, mas também é impeditivo do regresso de novos habitantes. É o fim da linha e o encerrar de portas desta terra...





• AS CAUSAS DA PAISAGEM: A NATUREZA, A CASA E O GADO



Dr. Herminio da Costa Machado
Professor e Vice-Presidente da Casa de Trás-os-Montes
e Alto Douro - Braga



Custódio Montes é um cidadão nascido em Parafita, Montalegre, terra de uma famosa banda de música, da qual já foi presidente e com a qual correu cidades e festas; é um juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, jubilado; é um escritor intensivo e interveniente nas questões do desenvolvimento local e regional. Este ano pandémico de 2021 lançou três obras: *Sonetos*, livro que faz jus ao título, porque é constituído apenas por produções poéticas que recebem o nome dessa estrutura formal de criar e apresentar o poema; *Lampejos da Memória e Contos*, uma narrativa de suas vivências na aldeia onde nasceu, depois em Coimbra onde estudou e se formou e no exercício da sua profissão de juiz; *Regresso*, uma coletânea de poesias soltas sobre os mais variados temas.

Custódio Montes investiu na técnica de fazer *Sonetos* e experimentou todas as modalidades de agrupamento de versos, de desenvolvimento temático, de contagem das sílabas, de disposição das rimas. Um soneto é uma técnica de argumentação ou de exposição de ideias, requer precisão verbal e progressão hierarquizada das expectativas para a síntese final. A análise literária escolhe modelos e agrupa-os segundo correntes estéticas, colhe exemplos paradigmáticos de poetas que se dedicaram ao soneto e interpreta-os exaustiva e renovadamente. O leitor verá que Custódio Montes se sente à vontade nesta técnica e a usa tanto para a expressão confessional de estados de alma, como para o divertimento, como ainda para a polémica social.

O livro *Regresso* reúne a poesia lírica, pessoal, resultante da dinâmica do confronto com as mais variadas realidades e situações de vida. As ideias fortes dos poemas são de pendor biográfico, o poeta ilustra a superação de dificuldades em tempos outros e em condições adversas de vida; o passado, o tal regresso

à infância, é um gerador de bem, o mundo actual é um desmerecedor desse passado, não obstante ser o presente um tempo de abundância e de fartura quando comparado com as carências desse passado. Outra ideia forte é a representação da terra matricial, (*A minha terra*, pp. 36-40), a terra berço de nascimento e de educação, a terra da infância, como paraíso de relação imaginária e vivida entre a natureza e a presença humana, uma renovação da *aurea mediocritas* para modelo de vida. Não falta nesta colectânea poética a expressão dos mais vivos sentimentos de defesa ambiental do Barroso, de luta pela preservação da paisagem e de oposição às minas a céu aberto para exploração intensiva. Trata-se, em suma, de um livro que propõe como orientação ideal de vida futura o equilíbrio entre homem e natureza.

Lampejos de Memória e contos é um livro de histórias autobiográfico: a infância, a orfandade, o serviço de pastor, o prosseguimento de estudos, a vida no seminário, a formação superior em Coimbra, o exercício da magistratura, as promessas da mãe, a construção ou reconstrução da casa de família; é também uma excursão narrativa pelos usos e costumes locais e regionais, com destaque para a vida comunitária de entejuda nas tarefas agropecuárias e com destaque para as refeições, merendas ou comezainas de ocasião laboral ou ritual, não podendo faltar a matança do porco; é também uma divagação picaresca por tipos e casos que definem a vivência de tempos e de condições peculiares: o cavador, o moleiro, (Continua)



• AS CAUSAS DA PAISAGEM: A NATUREZA, A CASA E O GADO

(continuação)

o soqueiro, a banda à de música, o contrabandista, o veterinário, o réu.

No conjunto dos três livros, o leitor ficará surpreendido pela extensão ou dispersão temática do escritor, mas esta não é um acaso, pois quem muito viveu, muito tem para escrever, quem muito pensa e lê, muito tem para dizer.

Todavia, no interior da vastidão de assuntos, a fixação temática emerge e acaba por se tornar o motor de produção do escritor: essa fixação é a paisagem da sua terra e da sua região matricial, o Barroso. Ande por onde andar, pense o que pensar, diga o que disser, no meio da variedade florestal da escrita pulsa o coração da infância, pulsa o coração da terra-mãe, pulsa a paisagem barrosã, não obstante esta ter sido já um produto de muitas intervenções, a principal das quais foi a construção de um complexo de albufeiras e barragens, Pisões, Venda Nova e Paradela, com aproveitamento das águas dos rios Cávado, Rabagão e Bessa. A paisagem barrosã, na sua dimensão da natureza pura e dura e de paisagem humanizada, tronou-se uma temática obsessivamente procurada pela literatura. Custódio Montes não fica a desmerecer perante quantos já fizeram caminho na literatura de temática local e regional. O caso singular de esta região estar a atravessar um período crítico do seu desenvolvimento socioeconómico, seja por diminuição de população residente, seja por falta de actividades nos sectores primário e secundário da economia, período crítico esse que enfrenta a decisão da exploração mineira a céu aberto para obtenção de lítio como um desafio determinante, dá origem a um dos vectores da escrita de Custódio Montes: o sentido apologético em defesa do Barroso livre de minas a céu aberto. O quadro de valorização da matriz rural e rústica, aberto a dinâmicas empresariais de sustentação ambiental, nomeadamente em actividades de produção e de turismo e de aproveitamento de recursos florestais e aquíferos, desencadeia uma escrita de contos e de lampejos narrativos que servem depois de base telúrica e de horizonte paisagístico para a invectiva contra as decisões de foro político que contrariem o quadro de valores sentimentais, afectivos, memorialistas, vivenciados e em desenvolvimento.

Trata-se de uma defesa de «reino maravilhoso» enquanto imaginário civilizacional de ganhos e perdas, mas de ansiada preservação no futuro. A fonte criativa, ou seja, o que move as forças inspiradoras do poeta, pode resumir-se a uma tríade: a infância vivida e revivida como paideia ou educação num paradigma de esforço pessoal e familiar e de mérito de competências, a formação profissional como prática de desenvolvimento humano pautada pela justiça e pelo bem, a vivência do mundo como território temático em contínua exploração.

A linguagem, a poética e a narrativa, arrasta em si uma cognição pessoal que celebra tanto a vida como caustica desvios de comportamento e de perspectiva de valores, que elogia bons exemplos como fustiga modelos impróprios, que se espanta tanto quanto se enerva, que mais se empolga se mais for desafiada pelas circunstâncias.



O facto de esta produção literária intensiva e extensa se ter originado em tempo de pandemia já diz do espírito de resistência e da boa condição em que o autor a viveu: a criação literária é um factor de bem-estar. Os aspectos formais, sempre em caminhos de depuração, hão-de merecer a continuidade, o aprofundamento e a surpresa. Aguardemos.

(Texto escrito fora do AO)



LANÇADA PLATAFORMA DO COZIDO BARROSO

No início do ano surgirá outra, dedicada à descoberta do território

Foi lançada publicamente, no espaço envolvente à sede do Ecomuseu de Barroso, em Montalegre, a nova plataforma online cozidobarroso.pt a cargo dos *chefs* Vítor de Oliveira e António Dias. Um projecto que promete alavancar o potencial deste emblema gastronómico do concelho de Montalegre.

O objectivo passa pela promoção e comercialização desta iguaria territorial e do respectivo território.

De uma forma mais detalhada, o www.cozidobarroso.pt é uma loja online, onde para além dos packs compostos pelas carnes salgadas e fumadas e pelos enchidos necessários para confecionar o famoso cozido, é oferecido um conjunto de produtos ou marcas originárias de Barroso Património Agrícola Mundial, nomeadamente doces e compotas, vinhos e até a famosa batata de Montalegre.

A ideia é que estes produtos possam ser comprados individualmente e recebidos directamente em casa, nas doses certas, sem desperdícios e acompanhados pelas receitas dos *chefs* anfitriões.

No início do próximo ano, está já em preparação o lançamento de uma nova plataforma, inteiramente dedicada à descoberta do território, com a oferta de alojamento de qualidade, circuitos, experiências, provas e programas completos de visita.



Nessa altura, será apresentada publicamente e oficialmente junto dos organismos de promoção turística nacional como o Turismo de Portugal e o Turismo Porto e Norte de Portugal tendo em vista a comunicação nacional e internacional. Com esta iniciativa pretende-se alavancar a imagem do território de Barroso como um destino de excelência em termos produtivos, etnográficos, gastronómicos e vinícolas, assim como zelar pela sua consolidação como território natural protegido.

Segundo o Chef António Dias, “a intenção é projectar Montalegre. É uma região que merece ter destaque no país e no Mundo por tudo o que somos e temos. É mais um pormenor e que seja exemplo para mais pessoas. É uma plataforma direccionada para o cozido, mas teremos mais produtos endógenos do Barroso. Falamos do mel, das compotas e fumeiro dos nossos produtores. Cada um tem receitas únicas na sua confecção que lhe conferem sabores únicos. A partir do dia 20 de Novembro estará tudo a funcionar. O único produto que é da nossa responsabilidade é o cozido. Os outros produtos são da responsabilidade dos produtores. A venda acontece apenas nesta época específica” - disse.



David Teixeira, Vice-Presidente do Município, considera esta iniciativa “mais um canal para o Mundo e mais uma janela aberta para o território e de uma forma muito saborosa. O “cozido à barrosã” sempre foi uma das iguarias mais procuradas durante o Inverno. É um prato rico e com uma diversidade de sabores única. Com esta iniciativa privada, lançamos um novo potencial de promoção para a gastronomia local e para o território. É o nome de Montalegre e a qualidade dos produtos. Quem receber este pack vai, também, querer vir a Montalegre comer o cozido e ver toda a envolvente desta paisagem. Hoje fez-se justiça com muita gente. Quem ama esta terra e os nossos produtos, vai ter a oportunidade de os ver chegar a casa. Os nossos emigrantes vão sentir-se mais perto de nós” - referiu.



A TERRA e a gente

REGRESSO DA FEIRA DO FUMEIRO OCORRE A 22 DE JANEIRO...

A trigésima primeira edição da "rainha do fumeiro" já tem data marcada!... Ocorrerá entre os dias 20 e 23 de Janeiro de 2022, com a particularidade do regresso aos moldes tradicionais.

Vem já aí mais uma Feira do Fumeiro - A rainha de todas as feiras!... Será a 31.^a e “rezamos” para que possa decorrer entre 20 e 23 do corrente mês de Janeiro, como foi antecipadamente programada. Trata-se de uma feira económica que tem por denominação Feira do Fumeiro e Presunto de Montalegre e é bastante popular não só pelos enchidos e presuntos da região mas também pelas gentes da terra que ajudam todos os anos na elaboração de uma das principais festas da terra. A Capital do Barroso pode assim anunciar não só o bom fumeiro, mas também a feira que é transmitida de geração para geração com um futuro certo pela frente. Ao longo dos tradicionais 4 dias de festa, são cerca de 60 toneladas de fumeiro - alheiras, chouriças, sangueiras, salpicões - e mais de uma centena de expositores que estão disponíveis para os milhares de visitantes. O Pavilhão Desportivo de Montalegre fica pequeno para tanta animação permanente, onde os visitantes podem degustar os petiscos da região. Razões não faltam por isso, para sentir o aroma inconfundível do fumeiro de Montalegre.

Para David Teixeira, Vice-Presidente da Câmara de Montalegre, a feira “mexe com toda a economia local” e representa uma oportunidade de negócio para os produtores, comércio, restauração e hotelaria. De acordo com o autarca, no recinto do certame espera-se um volume de negócio a rondar os 1,5 milhões de euros, valor que se espera possa ser elevado, se o surto de pandemia o permitir, para valores acrescidos e de acordo com o movimento gerado na restauração, comércio e hotelaria ao longo dos quatro dias. Ainda para David Teixeira, a feira é “muito importante para a região porque é dela que muitas famílias dependem e sobrevivem. E é também uma oportunidade de mostrar toda a região ao país” - sublinhou.

Nesta 31.^a edição, a feira conta com perto de uma centena de expositores, dos quais 80 são produtores locais de fumeiro, que irão ter à venda cerca de 60 toneladas de enchidos. Trata-se para o autarca, de uma “montra do mundo rural” e do “melhor que se faz no Barroso”. “É a qualidade dos produtos que explica a longevidade da feira” que já é conhecida como a “rainha do fumeiro”. Refira-se que para além do fumeiro, haverá à venda ainda pão caseiro, bolos, folares, mel, compotas, ervas aromáticas e medicinais e licores regionais.

A inauguração da Feira do Fumeiro de Montalegre, ocorrerá a 24 do corrente mês e como já vai sendo habitual, contará com muita animação que estará a cargo de grupos musicais, ranchos folclóricos e ainda a com as originais chegadas de bois, próprias da região barrosã.





MUNICIPIO ESTABELECE PROTOCOLO PARA A CONSERVAÇÃO DA VIDA SELVAGEM, BIODIVERSIDADE E CLIMA COM A OPWAL...

A Câmara de Montalegre assinou um protocolo de cooperação com a Operation Wallacea, mais conhecida como Opwal. Trata-se de uma organização britânica que realiza projetos de pesquisa sobre conservação da vida selvagem, biodiversidade e clima. Tem atividade em vários países do Mundo e vai começar a trabalhar em Portugal com uma investigação no concelho de Montalegre. Anualmente, no período de Verão, o território vai receber equipas de cientistas e alunos de todo o Mundo.

A Operação Wallacea é uma organização de pesquisa na área da biodiversidade e do clima. Ao longo dos 25 anos de existência, tem realizado expedições de campo na área da biodiversidade para apoiar na pesquisa de centenas de académicos que pretendem experiência de trabalho como cientistas. Está presente em 14 países – além das Honduras e Madagáscar, também México, Cuba, Indonésia, Peru, Cuba, África do Sul, Transilvânia e Guiana, entre outros – em locais

onde existem ameaças em termos de conservação sobre as quais falta conhecimento científico, fundamental para sustentar candidaturas a fundos internacionais para a conservação.

Nestas expedições, que decorrem todos os anos durante o período de Verão, foram já descobertas cerca de 30 espécies novas para a ciência – como o *Periclimenes colesi*, um camarão encontrado nas Honduras e "batizado" em homenagem ao fundador da Opwall, o britânico Tim Cole – e as pesquisas deram origem a mais de 200 artigos publicados em revistas científicas. A Opwall é gestora de uma rede de organizações. Os projetos de conservação são administrados pelo Wallacea Trust (uma instituição registada no Reino Unido), enquanto os passeios da Wildlife Experience nos locais de pesquisa de Opwall e fora da temporada de Verão são administrados por uma organização parceira - Friends of Wallacea.





A TERRA e a gente

Agricultura

“Gado barrosão está a crescer no concelho”

O concelho de Montalegre tem assistido a um aumento de animais de raça barrosã. Mais efectivos e mais criadores. É no Alto Barroso onde está registada a maior subida nos últimos anos. A garantia é dada por Nuno Sousa, Presidente da Associação Nacional de Criadores de Gado de Raça Barrosã. Decisivo tem sido o apoio permanente por parte do Município de Montalegre, que no último ano e à semelhança dos anteriores, procedeu à entrega de cheques aos produtores. Um subsídio à produção de 100€ por cada nascimento, num total próximo dos 140 mil euros. Os vitelos registados atingem já os 1.400.



A raça barrosã está por isso a viver um bom momento. Os registos não enganam. Nos últimos anos, há mais produtores e explorações no concelho de Montalegre. Dados que invertem uma tendência que estava a colocar em causa a sobrevivência deste património do Barroso. A garantia do que estamos a afirmar, sai da boca do representante máximo da Associação Nacional de Criadores de Gado de Raça Barrosã. Nuno Sousa não esconde o orgulho. Destaca o bom trabalho que vem sendo feito ao longo dos últimos tempos: “temos assistido ao crescimento da raça barrosã, principalmente na zona do Alto Barroso. Tem havido mais explorações, sinal que as pessoas estão a apostar nesta raça” - disse.

• APOIO CAMARÁRIO

O também líder da Coopbarroso - Cooperativa Agrícola do Barroso, aplaude o apoio incondicional da autarquia de Montalegre. Uma verba que cresce à medida que o tempo passa, sinal que o agricultor barrosão voltou a virar a agulha para a produção desta raça, cujo solar reside na vila de Salto: “é com agrado que vemos, cada vez mais, gente que olha para este produto como uma mais valia económica. O dinheiro que recebemos da Câmara de Montalegre é fundamental. Este ano recebemos quase 140 mil euros. Cresceu a verba em relação ao ano passado. É bom sinal. É sinal que há mais produtores inscritos. Mais vitelos que nascem”.

• IGP RESGATADO

Lembramos que recentemente a Coopbarroso conseguiu resgatar a IGP (Indicação Geográfica Protegida) da Carne de Bovino Cruzado dos Lameiros do Barroso. Uma vitória em toda a linha que volta mais valia na venda do produto. No momento, a equipa de trabalho da Cooperativa Agrícola do Barroso está a colocar esforço no resgate da IGP de outros dois produtos: O Cordeiro de Barroso e Cabrito de Barroso.

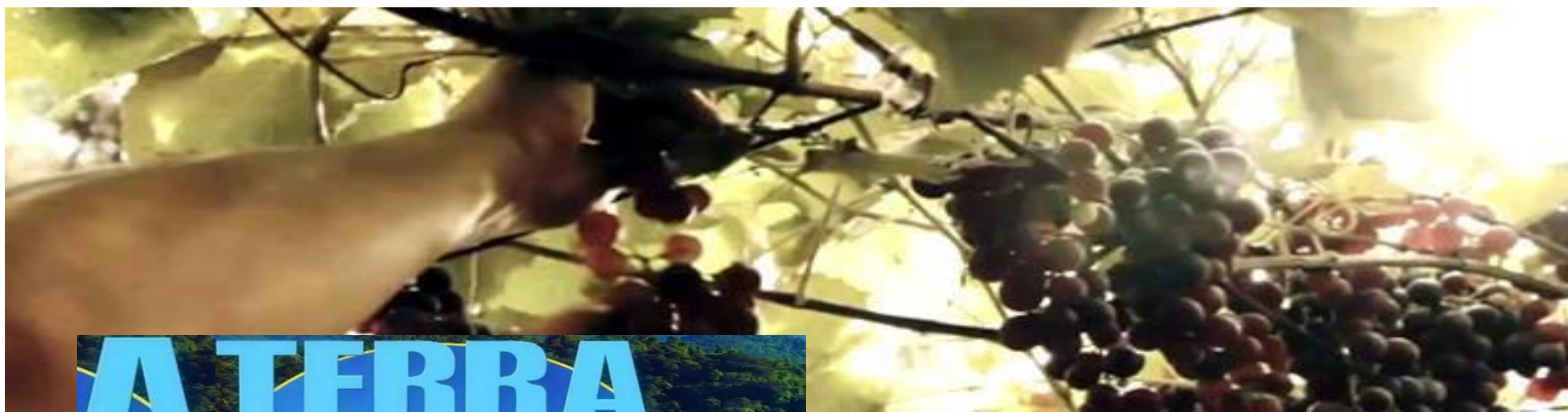


Temos aqui a melhor carne do mundo e há muita gente de fora que vem cá de propósito para a comer, mas também para levar para casa”



ALBERTO MARTINS
FERNANDES





A TERRA e agente

VINHOS “MONTALEGRE” PREMIADOS ALÉM FONTEIRAS...



MONTALEGRE



Montalegre, é uma jovem marca de vinhos de montanha, produzidos na zona de maior altitude do país e assinada por Francisco Gonçalves. Dois anos depois do seu aparecimento no mercado, foi agora classificado entre os 100 melhores vinhos brancos do mundo.

O Francisco Gonçalves, enólogo da região, avançou com o projecto "com o sonho de regressar às origens e colocar a terra no mapa dos grandes vinhos portugueses". É assim que surge a marca Montalegre.

Francisco Gonçalves, saíu do Douro para vir para Montalegre e criar um projecto diferenciador de algo que não é comum aqui, como é o caso do vinho. Deixou uma empresa ligada ao sector onde trabalhou durante 15 anos, e quis apostar na terra natal, desenvolvendo o dito projecto em conjunto com o irmão, Paulo Gonçalves. E se bem p pensou, melhor o fez!...

Já em plena pandemia do Covid-19, fizeram a primeira vindima naquela que dizem ser a vinha mais alta de Portugal, plantada em local soalheiro, a 1.070 metros de altitude, muito próxima da aldeia de Donões e a cerca de cinco quilómetros da sede do concelho.

Afirmam, terem-lhes chamado de loucos, porque – diziam as más línguas. Ser quase impossível vingar o projecto. Certo é que em 2020, viriam a fazer a primeira colheita, a qual embora ainda de dimensão reduzida se cifrou em cerca dos 250 litros de vinho. Já este ano, viram o seu trabalho recompensado, com a classificação do “Montalegre branco”, entre os 100 melhores do mundo. Agora, preparam “asas” para construir um centro de vinificação, na zona industrial de Montalegre, que querem ter em funcionamento tão



Depressa quanto possível. Não sendo Montalegre um território tradicional de vinho, ainda assim estes dois irmãos, não deixam de acreditar naquilo a que se propuseram, considerando mesmo que o território poderá no futuro vir a transformar-se num centro de oportunidades, tendo até em conra as alterações climáticas que se vão verificando. Registe-se ainda, que para além das uvas produzidas na região, os vinhos Montalegre são produzidos com outras das zonas de Chaves, Macedo de Cavaleiros e Mogadouro, sub-regiões de Trás-os-Montes. São vinificados no local de origem e, depois, levados para “estagiar em altitude” em Montalegre. O trabalho de escoamento está também a ser feito em conjunto com distribuidores, que os levam às grandes superfícies de Lisboa, Porto e além fronteiras.



REASCIMENTO DA BATATA DE MONTALEGRE EM PATRIMÓNIO AGRICOLA MUNDIAL...

O Vice-Presidente do Município de Montalegre deslocou-se ao Barracão onde acompanhou o processo de ensacamento da batata *kennebec* e *Agria* produzidas pela Coopbarroso. Ao todo, foram 40 toneladas recolhidas. David Teixeira destacou o trabalho em rede que está a ser levado a cabo pela Cooperativa Agrícola do Barroso e a empresa Agromontenegro no escoamento do "ouro branco" do concelho de Montalegre para as grandes superfícies comerciais da marca Continente.

O Ouro da Terra

“Montalegre volta ter o produto que deu nome à região e foi motor de divulgação há vários anos atrás. Chegamos a um bom ano de produção e temos várias toneladas para escoar”.

David Teixeira

A batata é e continua a ser um dos produtos mais famosos do concelho de Montalegre porque é a melhor batata que há para consumo.

A sua qualidade levou inclusive a que se produzisse batata de semente que era depois reproduzida com sucesso nas zonas mais quentes do país.

Foram anos que quebraram décadas de pobreza extrema e até de criação de riqueza no concelho. A par desta produção fazia-se batata para consumo próprio. Uma batata especial com um aspecto e um paladar únicos. É tudo natural e biológica por inteiro, ainda que não certificada.

Refira-se que a Câmara Municipal de Montalegre, vem desde há uns anos a esta parte a apoiar a comercialização da batata de semente do concelho, ao ponto de já ter sido patente na Expolimia, em Xinzo de Limia, na Galiza.

Hoje, David Teixeira, Vice-Presidente da Câmara de Montalegre, destaca a importância destas acções: “Montalegre volta ter o produto que deu nome à região e foi motor de divulgação há vários anos atrás. Chegamos a um bom ano de produção e temos várias toneladas para escoar. Esta parceria acontece em boa hora. A distribuição também acontece nos restaurantes de todo o país. É uma boa forma de promover o território e a nossa gastronomia. Queremos valorizar o trabalho dos agricultores. As grandes superfícies também são uma montra para quem se quer afirmar a nível nacional”.

O PROCESSO DE ESCOAMENTO

Os produtores do concelho de Montalegre que produziram batata de consumo podem vendê-la a 50 cêntimos por cada quilo, através da Coopbarroso numa parceria com a Agromontenegro. Os consumidores vão poder adquiri-la nas superfícies comerciais Modelo e Continente do Grupo Sonae. O processo de selecção acontece no armazém do Barracão, pelo calibre de consumo 40-70, exigido na ficha técnica.





O USO DOS BALDIOS EM DEBATE...



A Câmara Municipal de Montalegre reuniu, nos Paços do Concelho, com as juntas de freguesia e as comissões de baldios onde foi analisada a melhor forma de potenciar o uso dos baldios do concelho. A ideia foi projetar ações para serem postas no terreno ao longo dos próximos quatro anos. Há dinheiro para investir que exige planeamento e um trabalho em rede. Para breve, a autarquia vai fazer um périplo pelas freguesias de forma a sensibilizar as populações para o bom uso das queimas e queimadas.

«Desafiámos as juntas de freguesia e os baldios no sentido de, em conjunto, elaborarmos um plano de valorização do bom uso do baldio. Queremos olhar para a nossa paisagem e perceber que podemos retirar mais valias deste território.

A realidade mudou. Antes, o baldio era muito disputado. Agora a paisagem é usada praticamente só por pastores e caçadores. A mais valia resume-se só na área que está fora do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Para os próximos quatro anos queremos, em conjunto, desenvolver um projecto que consiga valorizar a paisagem, trazer mais valias aos agricultores e possamos, também, fazer o melhoramento de pastagens com o apoio dos fundos comunitários. Queremos que o nosso Gabinete Técnico Florestal lidere o processo de fogos controlados e renovação de pastagens.

Foi com estas Palavras que David Teixeira, Vice-Presidente do Município se referiu ao evento, deixando ainda um alerta à população!...

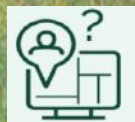
A nossa população tem que olhar para a nossa paisagem - classificada de forma extraordinária pela FAO - como uma oportunidade e não como algo que tem um destino traçado em cada Verão, sendo devorada pelo fogo. Isto não é forma de gerir o nosso património. Com os fundos comunitários, é possível que os Conselhos Diretivos de Baldios e as Juntas de Freguesia que fazem a gestão dos baldios se possam agregar.

Vamos fazer um périplo pelas freguesias no sentido de sensibilizar a população e dizer-lhe que as regras mudaram para serem feitas queimas e queimadas. É obrigatório assinalar o registo na página do ICNF para que tudo seja feito legalmente. Irmos às freguesias também pretende dizer a todos os pastores e a todos que usam o baldio, que a Câmara Municipal está disponível a liderar, de forma gratuita, um plano de fogo controlado de melhoramento de pastagens, de candidaturas a fundos comunitários para construção de pontos de água e outras possibilidades no sentido de valorizar a utilização desta área comum.»

ACÇÕES PREVISTAS:

- Promover o apoio ao pastoreio extensivo
- Uso do fogo como estratégia integrada de Gestão Florestal Rural
- Apoio à população na realização de queimadas e fogo controlado
- Comunicação especializada de proximidade
- Criação de mosaicos para renovação de pastagens Ações de vigilância e deteção de incêndios





A TERRA e agente

MONTALEGRE NA VANGUARDA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

O Executivo Municipal, decidiu aderir ao BUpi. uma valência recente que pode ser encontrada no edifício da Câmara Municipal de Montalegre. Estamos a falar do chamado Balcão Único do Prédio – **BUpi** - uma plataforma inserida no Sistema de Informação Cadastral Simplificado, que permite aos proprietários, sem custos, identificar os seus prédios rústicos ou mistos, de forma simples e gratuita, através de um balcão de atendimento presencial ou online em <https://bupi.gov.pt>. Para além do atendimento no edifício da autarquia, os técnicos contratados irão deslocar-se às sedes das Juntas de Freguesia para aí realizarem a RGG-Representação Gráfica Georreferenciada dos terrenos, evitando as deslocações dos proprietários à sede do concelho. Para realizar a RGG, o proprietário necessita apenas de ter consigo o seu Cartão de Cidadão e a Caderneta Predial com o número das matrizes da propriedade a georreferenciar e saber identificar a sua propriedade no mapa. Este projeto é financiado pelo **Portugal 2020**, através do PO Norte, e pela União Europeia, através do Fundo Social Europeu.

O QUE É O BUpi?!...

O BUpi - Balcão Único do Prédio, é uma plataforma dirigida aos proprietários de prédios rústicos e mistos, que permite mapear, entender e valorizar o território português, de forma simples e gratuita. Começou em 2017 como um projecto piloto em 10 Municípios. Após o seu sucesso, chegou agora a Montalegre.

David Teixeira | Vice-Presidente do Município

“Montalegre está entre os primeiros Municípios a avançar com o registo e o cadastro da propriedade rústica. Ao longo dos próximos dois anos temos uma equipa de técnicos que estão a tornar-se especialistas no registo da propriedade, na Georeferenciação dos terrenos.



Este trabalho para os barroões será oferecido de forma gratuita. É uma oportunidade única para quem está a fazer escrituras dos seus prédios. Deve também ser aproveitado para quem não está a fazer escrituras, fazer o registo de todas as suas propriedades e assim garantir, daqui a três/quatro anos, quando este registo for universal, não correr o risco de reverter a favor do Estado.

É importante que todos façam este registo. Seja privado ou público. Temos um objectivo a atingir. Queremos nos próximos dois anos fazer o registo de 50 mil terrenos. Estamos certos que vamos conseguir. A propriedade é ainda vista como um legado. Para surpresa nossa, tem havido uma adesão muito grande. Todos os técnicos têm tido muito trabalho neste primeiro impacto”.

Montalegre conta consigo.



1 Reúna o Cartão de Cidadão, a Caderneta Predial da AT e comprovativos de titularidade

2 Desenhe o seu terreno no balcão BUpi ou em bupi.gov.pt

3 Registe o seu terreno de forma gratuita

Identifique e registe os seus terrenos de forma simples e gratuita em bupi.gov.pt ou na sua Câmara Municipal.





VILAR DE PERDIZES | Município cria rota para divulgar lagares rupestres do concelho...

A Câmara de Montalegre inaugurou a rota dos lagares rupestres, na freguesia de Vilar de Perdizes, para dar a conhecer as estruturas escavadas na rocha onde antigamente se fazia o vinho.

O percurso paisagístico e cultural tem 5,5 quilómetros, com início e término junto à capela de Santa Marinha e percorre caminhos agrícolas, com desvios que permitem a visita aos lagares escavados na rocha.

Trata-se de um percurso pedestre de pequena rota, marcado nos dois sentidos segundo as normas da Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal, que tem a duração aproximada de duas horas e grau de dificuldade baixo. A autarquia, em comunicado, refere que em Vilar de Perdizes se encontra “um considerável número de lagares escavados na rocha, conferindo a esta freguesia uma característica peculiar que a diferencia do restante concelho”.



“Mas não são apenas os vestígios de lagares que documentam a produção de vinho neste pedaço do concelho. Merece igualmente destaque a existência de um podão - instrumento em forma de faca semicircular - gravado num afloramento da calçada de Santa Marinha, que representa a faca de vindima que o vindimador usava para auxiliar no corte dos cachos, a falcata vineatica”, referiu o Município.

E embora o cultivo da vinha e a produção de vinho “tenham tido um papel marcante nesta zona geográfica”, o que dela resta são apenas vestígios, acrescenta o comunicado.

Actualmente no concelho há apenas um projecto ligado à produção de vinho na aldeia de Donões, onde está a nascer a “vinha mais alta” de Portugal.

Os lagares rupestres são “estruturas constituídas por uma área de pisa da uva pelo pé humano, ou *“calcatorium”*, onde se forma o mosto proveniente da uva que escorre através de uma bica ou orifício, sendo recolhido por vasilhame ou depositado na lagareta ou *“lacus”*, quando existente.

De acordo com a explicação da autarquia, a “lagareta é localizada a uma cota inferior e no caso de ser escavada no afloramento é comum existir uma concavidade para escoamento total da mesma”.



Os lagares escavados na rocha são estruturas com pouca profundidade e ligeira inclinação. Os elementos de prensagem do vinho, que seriam construídos em madeira, seriam encaixados no afloramento, já talhado para o efeito, e posteriormente arrumados para a reutilização no ano seguinte. Em 2020, a IG-Indicação Geográfica Transmontano passou a incluir a vinificação em lagares rupestres como um método tradicional de produção da região. Este vinho, que já foi produzido em Valpaços, assume a designação de “vinho de lagar rupestre”, cabendo à Comissão Vitivinícola Regional de Trás-os-Montes as funções de controlo da produção e do comércio, de promoção, defesa e certificação dos vinhos da região.

Em 2018, foi criada a LARROUP-Associação Portuguesa de Lagares Rupestres para incentivar “tanto o estudo como a protecção” deste património, estando previsto o arranque de uma inventariação nacional para breve.



A TERRA e a gente



Custódio Pinto Montes
Juíz Conselheiro

Em tempo de Histórias

Dormir para os pés

I Hoje, para o aquecimento dos pés, de noite, na meia e alta idade, há cobertores eléctricos, sacos de água quente, meias protectoras, aquecimento central. Mas antes, nada disso havia, só dormir com uma pessoa quente resultava a quem não tivesse mulher para lhos aquecer. Os pés enregelados, as mantas frias, a casa de colmo, o frio a entrar pelas frinchas do telhado, portas e janelas.

De dia, no trabalho, a andar na rua, a tornar águas, a tapar paredes, a guardar gado, com meias de lã e socos ou botas, o frio era compensado com a ginástica dos pés. Mas à noite, em que tudo era escuro e frio, com mantas a servir de lençol e escassos cobertores, a partir de certa idade, os pés continuavam gélidos pela noite dentro.

E mesmo na meia idade, na ausência da mulher, a cuidar dos mais pequeninos, muitas vezes prometiam-se prendas aos pequenos para aquecer os pés. - prometo-me, minha filha, quando fores grande, um vestido verde escusas, se te deitares comigo e me aqueceres os pés. A menina imaginava logo um lindo vestido e ela toda “chançosa”, a mostrar aos amigos o seu traje, causando inveja às colegas de carteira e de brincadeiras; ir à missa, à feira e ouvir de lado, - que linda menina, tão bem vestida, donde é, de quem é ela? E a menina deitava-se aos pés do pai para lhos aquecer, indo mesmo além disso, afagando-lhos com as mãos, naquele enlevo do vestido que fora prometido.

Das “escusas” não sabia o significado, mas “vestido verde”, oh que maravilha...

Passava os dias, no monte, a guardar gado, a brincar, a saltar, ansiando que chegasse a noite para aquecer os pés ao pai. E sempre que ele a chamava não se fazia rogada.

O pai também a acarinhava porque era a sua predilecta, pequena sim, mas a Clara era a inteligência da família. Na escola corria mal o ano a uma sua irmã mais velha, mas ela, que frequentava a classe anterior era muito gabada pela sua esperteza e saber a tal ponto que a mãe, imbuída desses predicados que o casal lhe dispensava,

dizia-lhe frequentemente, - Vê lá se ensinas e ajudas a tua irmã para ela passar ...

Um ano, a Clara ficou a padecer duma doença rara e incapacitante que quase lhe ia fazendo perder o ano e uma “bruxa” da aldeia, mãe duma colega dela, fraca aluna, que também frequentava a escola, pelo que lhe tinha muita raiva, ao passar pela porta da mãe da Clara, disse-lhe, - Este ano a tua filha sempre vai chumbar. Respondeu-lhe aquela - Talvez não....

E mais não disse com a esperança de que a “bruxa” se enganasse, como de facto, aconteceu.

Era, como se disse, a preferida do pai para lhe aquecer os pés à noite, quando a mãe ia adormecer o filho mais novo. E ela, sempre contente, a pensar na promessa do vestido verde escusas. Mais tarde, quando aprendeu o significado de “escusas”, não ficou triste, antes contava aos seus amigos essas promessas com o riso geral a aflorar no semblante de todos.

2

O Bento, um seu vizinho, também dormia para os pés do avô paterno, já viúvo e idoso, mas sem promessas. Muitas noites ia ao serão a casa dos avós maternos que decorria sempre na cozinha com três escanos, masseira, louceiro, um forno de lenha e a “parroqueira” ao fundo.

Ouvia as estórias dos mais velhos, as discussões sobre os trabalhos do dia e do que havia a fazer no dia seguinte; as vantagens cometidas pelos mais valentes, os incidentes a evitar de futuro, lendas como as da moira encantada, de lobos esfaimados...

As mulheres, também à lareira, ou, mais retiradas, à braseira, fiavam nas rocas, faziam carpins, urdiam lã e teciam.



A TERRA e a gente



Custódio Pinto Montes
Juíz Conselheiro

Em tempo de **Histórias**

Dormir para os pés

O Bento havia confessado que dormia com o seu avô paterno para os pés e, de vez em quando perguntavam-lhe. - Ó Bento dizem que dormes para os pés do teu avô, mas ele é assim tão friorento?

Uma das vezes, a pensarem que diziam mal do seu avô, de quem tanto gostava, disse: - O meu avô é muito quentinho...também e aquece os meus; ao deitar-me para os pés, enfio-lhe os meus encostados à bolsa, que é muito grande e quentinha, ficando eu logo também bem quentinho.

Uma risada à volta da lareira (Na terra do Bento, bolsa não era termo sexual agressivo tendo, como é sabido, o significado de "bolsa escrotal"). Sempre que o Bento ia para aí ao serão lá vinha sempre a pergunta, - Oh Bento, ao te deitares para os pés do teu avô, como aqueces os teus. E o Bento, cheio de orgulho pela importância que lhe era dada dizia sempre, perante a risada geral - Enfio-lhos na bolsa ... ai que quentinhos ficam!!!

3

A nossa juventude é feita de estórias como estas. Muitas outras se lhes podiam aditar, estórias que gostamos de lembrar e que fazem parte de nós.... A elas, às nossas origens todos gostamos de voltar, o que aqui reafirmo nos livros dados à estampa este ano, começando o terceiro - REGRESSO - com este poema exaltando o nosso torrão natal:



REGRESSO

Eu canto em teu louvor
Terra lavrada e mãe
No teu seio foi gerada
A fonte do meu amor
A paz que hoje me vem
Em ti de novo encontrada



De volta, canto-te em verso
Raiz, fonte, inspiração
Meu presente e meu passado
Porque quando a ti regresso
Fica cá meu coração
Bem preso e apaixonado



Volto aqui e sempre em verso
Volto, volto, a ti regresso

Sinto o toque da saudade
Nas pedras da minha rua
Nos teus montes o florir
No som da água a vaidade
E à noite o olhar da lua
Tão contente a ir e vir



Sou homem já fui criança
Andei em ti a sonhar
Em anos que já lá vão
O mundo vai-se e avança
Quero para ti voltar
Terra do meu coração

Volto aqui e sempre em verso
Volto, volto, a ti regresso

Custódio Pinto Montes

COMO SALAZAR ENCHEU OS COFRES COM O VOLFRÂMIO DA BORRALHA...

As Minas da Borralha, Montalegre, guardam a história de uma aldeia que nasceu e cresceu com a exploração de volfrâmio, que chegou a mobilizar 2.000 trabalhadores e deixou memórias de um trabalho difícil a 210 metros de profundidade.

A exploração mineira começou depois de um engenheiro francês ter registado a concessão em 1902. Com o fecho definitivo das minas, em 1986, a localidade da Freguesia de Salto esvaziou-se de gente e o património ficou abandonado até começar a ser recuperado pela Câmara de Montalegre que, em 2015, abriu um centro interpretativo.

Na aldeia industrial foram construídas lavarias, uma fundição única na Península Ibérica e onde se fazia a transformação do volfrâmio no ferro tungsténio, para além de oficinas, armazéns, carpintaria, britadores, o 'stockwerk' e bairros que chegaram a albergar cerca de 5.000 pessoas.

Isto para dizer, que no início do século XX, as Minas da Borralha, se constituíram como o principal centro mineiro de Portugal na exploração de volfrâmio, o qual com pequenos intervalos se prolongou até 1986.

Aí se produziram em termos globais, cerca de 18.500 toneladas deste minério, com a quase totalidade a ser exportada para a Alemanha nazi, que havia iniciado a Segunda Guerra Mundial quando a 1 de Setembro de 1939 invadiu a Polónia e se iniciava um dos conflitos mais



sangrentos da História da Humanidade, se arrastou por 6 anos e no qual Portugal tentou manter a sua neutralidade procurando passar entre os "pingos da chuva" ou das balas da mesma.

Era o tempo em que o Estado Novo, regime assim chamado e liderado por António de Oliveira Salazar, mantinha o seu povo num estado de ignorância lactente - "pobrezinhos mas honrados", a lutar para sair da miséria que mais parecia areia movediça.

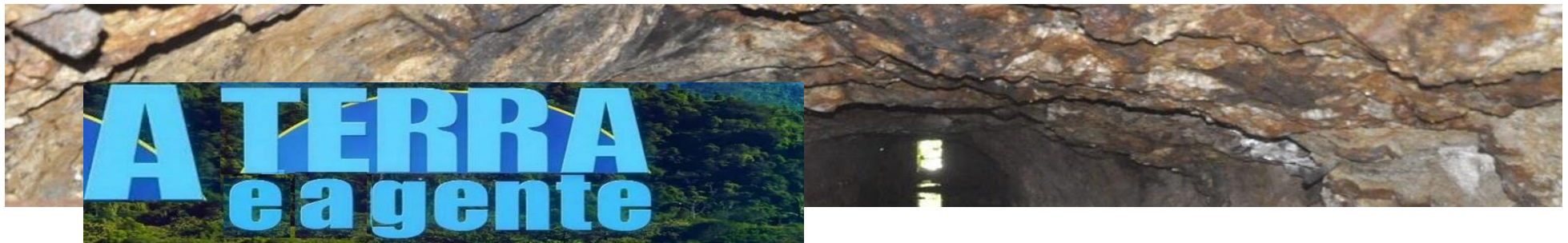
Nos meios rurais o concelho de Montalegre não fugia à regra e era ainda mais visível esse estado. O estado de um país parado no tempo e onde grassava o analfabetismo, a mortalidade infantil, serviços públicos e médicos inexistentes e uma agricultura de subsistência que apenas permitia aos pobres viverem daquilo que "arrancavam à terra".

Foi neste ambiente, que surgiu a exploração do volfrâmio ou tungsténio na Borralha, onde igualmente se acoitava também aquele que mais tarde viria a posicionar-se no 9.º lugar da pirâmide do Estado Novo. Assim e face à pobreza então existente e o anúncio da exploração do chamado "ouro negro", muita gente foi à procura da melhoria das suas condições de vida no dito lugar, que segundo as estatísticas, acolheu muitas

famílias de diversas regiões do país que para ali foram trabalhar. A Borralha tornou-se assim uma aldeia diferente e cresceu com a criação de diversas infraestruturas necessárias à dimensão da empresa exploradora, designadamente com lavarias, fundição, afinagem, oficinas, armazéns, carpintaria, britadores e stockwerks entre outras. Foram então construídos bairros, todos com características diferentes, para albergar cerca de cinco mil pessoas, metade da população de hoje em todo o concelho.

Era a loucura!... O preço do volfrâmio subia... subia, e o Estado Novo viu-se até obrigado a tentar controlar os preços e as remessas do minério que saíam do país e criou a então Comissão Reguladora do Comércio de Metais, por onde tudo passava.

Trabalhar no volfrâmio e na Borralha, era por isso rentável, principalmente para quem nunca nada teve. Uma ilusão que favoreceu o contrabando e a exploração clandestina, havendo até quem o explorasse nos seus próprios terrenos e o roubasse, apesar da apertada segurança dos guardiões do regime. Mas a ocasião faz o ladrão - tudo valia. Uma coisa é porém certa: toda esta gente estava longe de imaginar o CIRCUITO OBSCURO do volfrâmio e até a proveniência do dinheiro. Com o tempo, foi-se porém levantando a ponta do véu!...



COMO SALAZAR ENCHEU OS COFRES COM O VOLFRÂMIO DA BORRALHA...

Em tempo de
Histórias

OS ESQUEMAS ERAM MUITOS E A CORRUPÇÃO – que agora dizem não ter existido nesses tempos de má memória – fazia-lhes companhia. Com o começo da guerra, a moeda alemã, começou a ser rejeitada e o Terceiro Reich não teve outra alternativa senão encontrar outras formas de pagamento. Fazia-o então em ouro, jóias e porcelanas, tudo fruto das pilhagens efectuadas aos países invadidos e ocupados, e dos milhões de judeus espoliados e exterminados nos Campos de Concentração e nas Câmaras de Gás do HOLOCAUSTO.

No caso judeu, eram objectos confiscados, como jóias, obras de arte, barras de ouro, moedas e até dentes em ouro. Ouro em grande parte roubado aos bancos dos países ocupados que era refundido e colocado na Suíça, um país neutro - tal como Portugal, e passado para outros países também neutrais, como forma de pagamento através do Banco Nacional Suíço. Era a chamada "lavagem de dinheiro" ou melhor de ouro. Refira-se que o Banco de Portugal, possuía lá a então misteriosa "conta C", onde eram feitos os respectivos depósitos.

Segundo documentos encontrados na estação fronteiriça espanhola de Canfranc, na época controlada pelos alemães através das SS e da Gestapo que estavam do lado francês, da Alemanha chegavam a Portugal via ferroviária barras de ouro às toneladas, as quais eram descarregadas e transportadas por Espanha em camiões até Portugal. Era o chamado "OURO NAZI".



O Governo Português
resolveu suspender
a pedido da Grã-Bretanha
as exportações de volfrâmio

A Presidência do Conselho forneceu esta tarde á Imprensa a seguinte nota officiosa:

«Tendo o Governo de S. M. britânica feito apêlo á aliança anglo-portuguesa para que cessassem as exportações de volframio, como maneira de se contribuir para o encurtamento da guerra, o Govêrno deliberou aceder a esse pedido e determinou cessasse desde já a exportação daquele produto.

Ao tomar tão grave decisão, o Govêrno Português quis mais uma vez provar a sua fidelidade á tradicional aliança entre as duas nações, e regozija-se com o aprêço em que foi tida a sua resolução pelo Govêrno britânico e com o reconhecimento da importancia para o futuro de fortes laços entre os povos e govêrnos de Portugal e da Comunidade britânica, um e outro tão amistosamente afirmados na comunicação feita pelo secretario de Estado de S. M. britânica á Camara dos Comuns».

Foi o tal ouro que encheu as reservas de Portugal - o ouro que Salazar guardou religiosamente e fez dele uma das maiores reservas do mundo. Em 1939, no início da guerra, Portugal tinha cerca de 65 toneladas em reserva e em 1945 no final da guerra, atingiu as 310 toneladas.

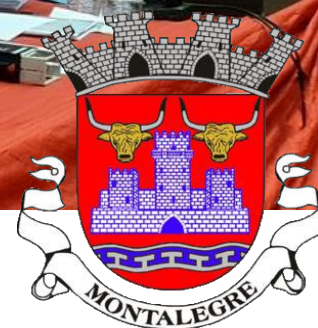
Por Canfranc, após Julho de 1940, altura em que a França foi ocupada pelos nazis e foi permitida a circulação terrestre até à Alemanha, passaram pelos menos 228 toneladas de ouro rumo a Portugal. Ouro, que obviamente nunca chegou aos exploradores do volfrâmio, ao contrário dos escudos e das notas que os mais excêntricos – diz-nos a História, chegaram a transformar em mortalhas de cigarros. É o chamado "queimar" literalmente dinheiro.

Mas tudo tem um fim!.. E o fim da "época de ouro" chegou no dia em que Salazar proibiu – por a isso ser obrigado por ingleses e americanos - a exploração de volfrâmio, sob pena da ameaça de ser deposto. O objectivo era terminar com a venda do volfrâmio aos nazis alemães, para que estes se vissem impossibilitados de alimentar a sua máquina de guerra.

Após a ameaça, o regime cedeu e obedeceu. Uma obediência diga-se que teve poucas repercussões!...

A guerra estava quase no fim e com ela acabou a "febre do volfrâmio", desvalorizou-se o metal e acabaram-se muitas fortunas.

Salvou-se o Banco de Portugal que tinha uma das maiores fortunas em reservas de ouro do mundo que havia sido roubado à custa de todo o tipo de atrocidades.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL

ANO POLITICO FECHOU COM A 4.ª SESSÃO ORDINÁRIA...

Nos termos e para os efeitos constantes no n.º 2, do artigo 53.º, da Lei nº 75/2013, de 12 de Setembro, o Presidente da Assembleia Municipal, Fernando Rodrigues, convocou a 4.ª e última Sessão Ordinária do ano, constando da mesma a seguinte Orde de Trabalhos:

1 – Período Antes da Ordem do Dia

- 1.1 – Pedido de suspensão do mandato pelo eleito da “Coligação Todos Por Barroso – PPD/PSD, CDS-PP” Sr. Dr. Pedro Jorge Pereira Barroso.
- 1.2 – Tomada de posse do Sr. Dr. Nuno Alves Pereira, eleito pela lista do Partido Socialista por não estar presente na sessão da instalação dos órgãos autárquicos no dia 18 de outubro de 2021.
- 1.3 – Tomada de posse do Sr. Adriano Alves da Costa, Presidente da Junta de Freguesia de Reigoso, eleito pela lista do Partido Socialista por não estar presente na sessão da instalação dos órgãos autárquicos no dia 18 de outubro de 2021.
- 1.4 – Tomada de posse da Sr. Alivio de Freitas Dias, eleito pela lista da “Coligação Todos Por Barroso” - CDS-PP, em virtude da suspensão do mandato do eleito Sr. Dr. Pedro Jorge Pereira Barroso.
- 1.5 – Comunicação da constituição do Grupo Municipal do PPD/PSD.
- 1.6 – Expediente para conhecimento. 1.7 - Intervenções e respostas dos membros da Assembleia.



- 2.7 – Eleição de um Presidente de Junta de Freguesia ou seu substituto para representação na Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP).
- 2.8 – Eleição de membros para a constituição da Assembleia Intermunicipal da CIM do Alto Tâmega.
- 2.9 – Alteração ao Regimento da Assembleia Municipal de Montalegre/ Ano 2021/2025 – proposta apresentado pela mesa da Assembleia.
- 2.10 – Proposta de alteração ao Regimento da Assembleia Municipal de Montalegre, apresentada pela Coligação “Todos Por Barroso” – PPD/PSD, CDS-PP.
- 2.11 - Informação relativa aos compromissos plurianuais assumidos no ano económico de 2021/ artigo 6º da Lei nº 8/2012, de 21 de fevereiro, na redação dada pela Lei nº 22/2015, de 17 de março.
- 2.12 - Aprovação do financiamento municipal para o exercício pela Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega das suas competências enquanto AUTORIDADE DE TRANSPORTES/ Proposta – 2021, e Minuta do Aditamento aos Contratos Interadministrativos de Delegação de Competências, Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega e Municípios Associados/ Município de Montalegre para aprovação.



2 – Período da Ordem do Dia

- 2.1 – Apreciação e votação da ata nº 3ª da sessão ordinária realizada no dia 14 de setembro, do ano em curso.
- 2.2 – Informação do Secretário executivo da CIM.
- 2.3 - Apreciação da informação escrita do Senhor Presidente da Câmara Municipal, acerca da atividade do município, bem como da respetiva situação financeira, nos termos do disposto na alínea c), do n.º 2, do artigo 25º, e n.º 4, do artigo 35.º, ambos do anexo I da Lei nº 75/2013, de 12 de setembro.
- 2.4 - Proposta de Aprovação dos Documentos Previsionais para o ano económico de 2022 – Grandes Opções do Plano de Atividades e Proposta de Orçamento da Despesa e da Receita / Mapa de Pessoal para 2022.
- 2.5- Eleição de representante dos Presidentes das Juntas de Freguesia, na Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios e na Comissão Local de Acompanhamento para a Estratégia de Adaptação às Alterações Climáticas.
- 2.6 – Eleição de um Presidente da Junta de freguesia em representação das freguesias do Conselho Municipal de Educação.

- 2.13 - Acordo de Prorrogação do Protocolo da Rede de Transportes Concelhia e respetiva Adenda 2018/ Proposta - novembro/ 2021, e respetiva Minuta do “Acordo de Prorrogação do Protocolo da Rede de Transportes Concelhia e Adenda 2018” /Estabelecimento de Obrigação de Serviço Público e de Compensação por Serviço Público, para aprovação.
- 2.14 - Minuta de Contrato-Programa Entre o Município de Montalegre e EHATB – Empreendimentos Hidroelétricos do Alto Tâmega e Barroso, EIM,SA.
- 2.15 – Minuta de Contrato-Programa entre os Municípios de Boticas, Chaves, Montalegre, Ribeira de Pena, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar e EHATB – Empreendimentos Hidroelétricos do Alto Tâmega e Barroso, EIM,SA.
- 2.16 – Moção de Protesto apresentada pelo grupo municipal do PPD/PSD reclamação no âmbito da celebração do contrato de concessão para a exploração de volfrâmio e de outros minerais na Borralha com a empresa Minerália – Minas, Geotecnia e Construções, Lda. 3. – Intervenção do Público.

Pedido online de registo de nascimento alargado a todos os portugueses residentes na UE...

Os portugueses residentes na União Europeia que pretendam requerer a nacionalidade portuguesa para os seus filhos nascidos na Comunidade ou no Reino Unido já podem fazer o pedido do registo de nascimento online. Segundo um comunicado conjunto dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Justiça, as duas áreas governativas envolvidas na iniciativa, o objetivo é que esta seja uma possibilidade para estar disponível a toda a comunidade portuguesa no estrangeiro.



de forma gratuita, sem necessidade de deslocação ao posto consular da área de jurisdição onde residem. Refira-se, que o pedido se aplica apenas a menores de um ano de idade, filhos de portugueses que possam proceder à autenticação através de chave móvel digital ou com cartão de cidadão, neste caso recorrendo a um leitor de cartões e aos códigos PIN da morada e de autenticação.

Tal como a entrega do cartão de cidadão por via postal aos cidadãos nacionais residentes no estrangeiro, esta medida encontra-se também prevista no novo modelo de gestão consular, que visa "facilitar a relação dos cidadãos com a rede consular através da desmaterialização e simplificação de atos administrativos", lê-se no comunicado.

- **Gratuito e sem necessidade de deslocação...**

O acesso online ao registo de nascimento é feito através do [Portal da Justiça](#) e permite aos progenitores solicitarem o registo de nascimento dos seus filhos

Os portugueses "estão mais preocupados com o emprego, do que com os riscos do vírus", que está a provocar a pandemia.

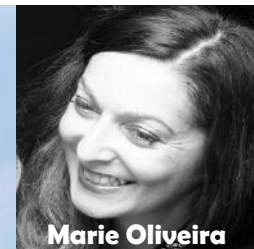


Parte dos portugueses na UE, está mais preocupada com o impacto económico da pandemia do Covid-19, nomeadamente no emprego, do que com os riscos que representa num país de passagem na Europa.

Para José Trindade, responsável do CASA . Centro de Apoio Social e Associativo para a comunidade emigrante, grande parte dos portugueses que "estão cá a receber o salário mínimo nacional, e ainda são uma boa parte da comunidade, estão mais preocupados com o emprego, do que com os riscos do vírus", que está a provocar a pandemia.

O fundador da CASA, uma das mais antigas instituições de solidariedade de apoio aos portugueses com sede no Luxemburgo e que celebra este ano 40 anos, agora com portas abertas a emigrantes de outras nacionalidades naquele país, sublinhou que já recebeu mais de 200 solicitações de portugueses a pedirem apoio, alguns para regressarem a Portugal, desde que o Governo luxemburguês declarou o Estado de Emergência, impondo o encerramento de cafés, restaurantes, empresas, incluindo as de construção.

"Nós estamos a aconselhar calma, embora não seja fácil as pessoas a terem quando se trata de famílias numerosas ou de pessoas que estão aqui sós e recebem o salário mínimo nacional, ao qual descontam, o aluguer - renda da casa - normalmente elevado, mais a factura do aquecimento e a alimentação e com pouco ficam todos os meses", relatou. Porém, "o Estado não fica a dever nada a ninguém e tudo será feito pelas instituições para que ninguém morra à fome", considerou, adiantando que é isso mesmo que diz aos seus compatriotas naquela situação.



PORTUGAL VISTO AOS OLHOS DE UMA BRASILEIRA

Ruth Manus, é advogada e professora universitária e escreve num blogue num Jornal de S. Paulo. E escreveu isto sobre Portugal, num texto que deve ser - é - um orgulho lermos:

«Dentre as coisas que mais detesto, duas podem ser destacadas: Ingratidão e pessimismo. Sou incuravelmente grata e optimista e, comemorando quase 2 anos em Lisboa, sinto que devo a Portugal o reconhecimento de coisas incríveis que existem aqui, embora me pareça que muitos nem percebam.

Não estou dizendo que Portugal seja perfeito. Nenhum lugar é. Nem os portugueses são, nem os brasileiros, nem os alemães, nem ninguém. Mas para olharmos defeitos e pontos negativos basta abrir qualquer jornal, como fazemos diariamente.

Mas acredito que Portugal tenha certas características nas quais o mundo inteiro deveria inspirar-se. Para começo de conversa, o mundo deveria aprender a cozinhar com os portugueses. Os franceses aprenderiam que aqueles pratos com porções minúsculas não alegram ninguém. Os alemães descobririam outros acompanhamentos além da batata. Os ingleses aprenderiam tudo do zero.

Bacalhau e pastel de nata? Não. Estamos falando de muito mais. De arroz de pato, arroz de polvo, alheira, peixe fresco grelhado, ameijoas, plumas de porco preto, grelos salteados, arroz de tomate, baba de camelo, arroz doce, bolo de bolacha, ovos moles.

Mais do que isso, o mundo deveria aprender a se relacionar com a terra como os portugueses se relacionam. Conhecer a época das cerejas, das castanhas e da vindima. Saber que o porco é alentejano, que o vinho do Porto é do Douro. Talvez o pequeno território permita que os portugueses conheçam melhor o trajeto dos alimentos até à sua mesa, diferente do que ocorre, por exemplo, no Brasil.

O mundo deveria saber ligar a terra à família e à história como os portugueses. À história da quinta do avô, às origens transmontanãs da família, às receitas típicas da aldeia onde nasceu a avó. O mundo não deveria deixar o passado escoar tão rapidamente por entre os dedos. E se alguns dizem que Portugal vive do passado, eu tenho a certeza de que é isso o que os faz ter raízes tão fundas e fortes.

O mundo deveria ter o balanço entre a rigidez e o afecto que têm os portugueses. De nada adiantam a simpatia e o carisma brasileiros se eles nos impedem de agir com a seriedade e a firmeza que determinados assuntos exigem.

Jair Bolsonaro, que defende ideias piores que as de Donald Trump, emergiu como piada e hoje se fortalece como descuido no nosso cenário político. Nem Bolsonaro nem Trump passariam em Portugal Os portugueses - *de direita ou de esquerda* - não riem desse tipo de figura, nem permitem que elas floresçam. Ao mesmo tempo, de nada adianta o rigor japonês que acaba em suicídio, nem a frieza nórdica que resulta na ausência de vínculos.

Os portugueses são dos poucos povos que sabem dosar rigidez e afecto, acidez e doçura, buscando sempre a medida correta de cada elemento, ainda que de forma inconsciente.

Todo o país do mundo deveria ter uma data como o 25 de Abril para celebrar.



Se o Brasil tivesse definido uma data para celebrar o fim da ditadura, talvez não observássemos com tanta dor a fragilidade da nossa democracia. Todo país deveria fixar o que é passado e o que é futuro através de datas como essa. Todo o idioma deveria conter afecto nas palavras corriqueiras como o português de Portugal transporta .

O mundo deveria aprender a ter modéstia como os portugueses, embora os portugueses devessem ter mais orgulho desse seu país do que costumam ter.

Gosto de ser chamada de “miúda”. Gosto de ver os meninos brincando e ouvir seus pais chamá-los carinhosamente de “putos”. Gosto do uso constante de diminutivos. Gosto de ouvir “magoei-te”? quando alguém pisa no meu pé. Gosto do uso das palavras de forma doce.

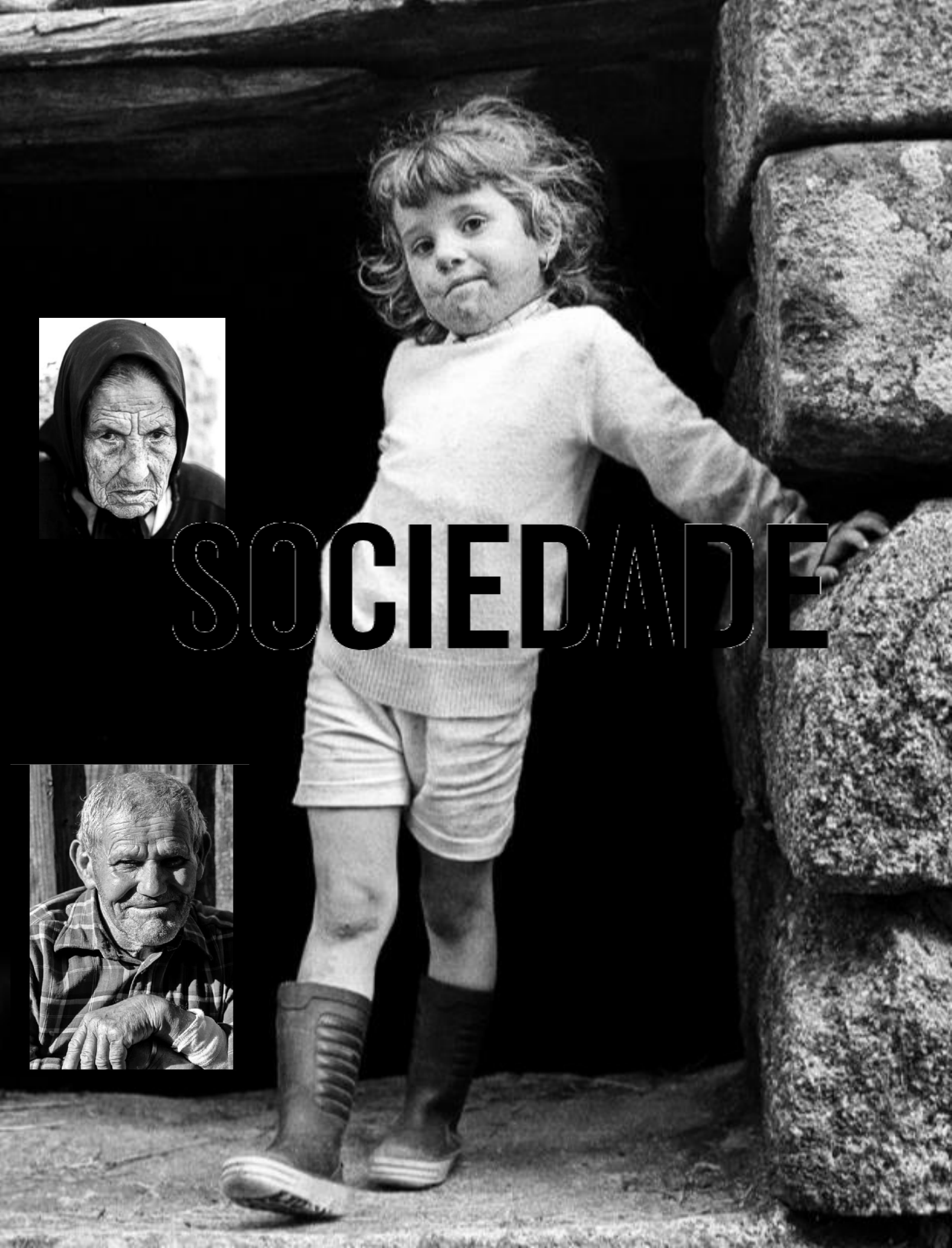
O mundo deveria aprender a ter modéstia como os portugueses, embora os portugueses devessem ter mais orgulho desse seu país do que costumam ter. Portugal usa as suas melhores características para aproximar as pessoas, não para afastá-las.

A arrogância que impera em tantos países europeus, passa bem longe dos portugueses. O mundo deveria saber olhar para dentro e para fora como Portugal sabe. Portugal não vive centrado em si próprio como fazem os franceses e os norte americanos.

Por outro lado, não ignora importantes questões internas, priorizando o que vem de fora, como ocorre com tantos países colonizados. Portugal é um país muito mais equilibrado do que a média e é muito maior do que parece.

Acho que o mundo seria melhor se fosse um pouquinho mais parecido com Portugal.

Ruth Manus



SOCIEDAD



O MUNDO NÃO TEM QUE SER ASSIM..

Quando se olha para as fotos percebe-se a ironia de dois mundos antagônicos e contraditórios. Ou dito de outra forma: não são só dois mundos!... São três mundos, antagônicos e contraditórios. O terceiro é o dos que lutam, que criam riqueza e que procuram avançar em busca de um mundo melhor.

E para isso, ao invés de esperarmos apenas a solução da tecnologia, das grandes invenções que vão despoluir os rios, conservar sementes ou fazer energia limpa, será preciso entender como serão as nossas relações no futuro, como vamos produzir, qual será nossa comida, como vamos proteger a biodiversidade, como serão as fronteiras, como cuidar das nossas águas, quais serão os trabalhos do futuro e como iremos ocupar os nossos tempos livres.

O desafio é grande, mas se conseguirmos, a mudança social, económica e política, será sem precedentes, um tempo onde tudo parece possível e onde a imaginação será bem-vinda e valorizada. O MUNDO NÃO TEM QUE SER ASSIM...

Neste “três mundos”, uma palavra de desprezo e de revolta para o regime Talibã, considerado um dos mais radicais e primitivos da história, principalmente em relação às mulheres. Aplicado no Afeganistão que agora governa, submete a mulher a tratamentos desumanos, de que aqui se deixam alguns exemplos!...



Refira-se que a lista, reportada pelo jornal espanhol ABC, tem por base as restrições impostas entre 1996 e 2001, quando os talibãs estiveram no poder pela última vez:

- 1 – O trabalho feminino é proibido fora de casa. Somente algumas médicas e enfermeiras podem trabalhar em determinados hospitais de Cabul para atender mulheres e meninas;
- 2 – As mulheres estão proibidas de sair de casa para realizar qualquer atividade se não estiverem acompanhadas por um homem de parentesco próximo, como o pai, irmão ou marido;
- 3 – As mulheres também não podem fechar negócio com comerciantes do sexo masculino;
- 4 – As mulheres não podem ser vistas por médicos homens;
- 5 – As mulheres não podem estudar em escolas, universidades ou qualquer outra instituição de ensino;
- 6 – As mulheres não podem mostrar qualquer parte do seu corpo em público, pelo que estão obrigadas a usar um véu comprido que cobre também o rosto (burca);
- 7 – Todas as mulheres que não se vistam de acordo com as regras estabelecidas pelos talibãs ou que saiam de casa sem a companhia de um homem da família serão açoitadas, espancadas e agredidas verbalmente;
- 8 – As mulheres que mostrem os seus tornozelos serão açoitadas em público;
- 9 – As mulheres estão proibidas de falar ou dar a mão a homens que não sejam o seu mahram;
- 10 – Ninguém pode ouvir a voz da mulher, pelo que também não podem rir em público;
- 11 – E entre outras proibições, também estão proibidas de calçar sapatos de salto alto, viajar de táxi, ou andar de bicicleta ou moto;

O MUNDO NÃO TEM QUE SER ASSIM

Não tem que ser assim e
assado.
Cada pessoa é um mundo e
cada mundo tem seu
sentido.





OS PORTUGUESES E AS INSTITUIÇÕES

Um estudo feito para a CNN Portugal, mostra que os portugueses inquiridos têm, maioritariamente, pouca confiança nos bancos, mas revelam um grau de confiança maioritariamente positivo nas forças policiais.

De acordo com o estudo, mais de 85% da população concorda com abordagem do Papa Francisco aos abusos sexuais.

O barómetro do “Estado de Opinião” feito para a CNN Portugal indica que 46% dos portugueses tem um baixo nível de confiança nos bancos, com 20% a admitir que tem um “muito pequeno” grau de confiança nestas instituições.

Respondendo à questão “qual é o grau de confiança que tem nos Bancos?”, apenas 21% dos inquiridos faz uma avaliação positiva, sendo que só 3% da população classifica de “muito grande” a sua crença nas instituições bancárias.

Comparativamente, aqueles que afirmaram ter muito pouca confiança nos bancos são provenientes da Área Metropolitana do Porto e de Lisboa e têm, na maioria, idades compreendidas entre os 50 e os 64 anos. Na outra face da moeda, a maior parte dos inquiridos que afirmaram ter o máximo grau de confiança nas instituições bancárias são provenientes da Área Metropolitana do Porto e da região Centro e têm entre os 18 e os 34 anos.

As respostas também registam uma variação consoante a escolaridade do entrevistado. A maior parte das pessoas com o ensino básico classificaram a sua confiança nos bancos como “pequena” e a maioria daqueles que completaram o secundário regista um grau “médio” de confiança, igual à maioria dos inquiridos com um curso superior.

Confiança nas forças policiais e nas forças armadas maioritariamente positiva. 90% considera que videovigilância é necessária

Perante os aumentos nos ordenados e os aumentos que os produtos habitualmente registam no princípio do ano, 49% dos inquiridos considera que o seu rendimento em 2022 será menor do que em 2021. Sobre esta questão, 36% afirmou achar que esse valor será igual e apenas 14% acredita que será maior.

Por outro lado, a confiança nas forças policiais é maioritariamente positiva, com 47% dos portugueses inquiridos a classificar como grande (39%) ou muito grande (8%) a crença que têm nas autoridades policiais.

A maior parte das pessoas que sublinharam ter uma muito elevada confiança nas forças policiais são homens, entre os 18 e os 34 anos e com o ensino secundário completo.

Contudo, 20% dos entrevistados fizeram uma avaliação negativa do grau de confiança que têm nesta instituição, sendo que 6% classificam-na como “muito pequena” e 14% descrevem um nível de confiança “pequeno”.

Daqueles que responderam muito negativamente à questão relativa ao grau de confiança que têm nas forças policiais para garantirem a segurança de pessoas e bens, a maior parte reside na região Sul e nas ilhas, é do sexo feminino, tem o ensino básico e entre 50 e 64 anos.

Sobre as Forças Armadas, a avaliação feita pelos inquiridos também é predominantemente positiva, com 54% a responderem que têm um grau de confiança “grande” (41%) e “muito grande” (13%) na Marinha, no Exército e na Força Aérea.

A maior parte dos interrogados no estudo (90%) disseram ainda que o sistema de videovigilância é “necessário”, revendo-se na implementação deste sistema de controlo na cidade do Porto com o objetivo de tornar as ruas mais seguras.

Sobre as principais ameaças à estabilidade internacional, a maior parte dos inquiridos (30%) considerou o terrorismo como o principal fator de disrupção, ficando 3 pontos percentuais à frente da crise climática (27%).

Os questionados sublinharam ainda como ameaças a China (14%), os movimentos migratórios (11%) e a Rússia (6%). Os Estados Unidos são a potência que menos é vista como ameaça à estabilidade (5%).

Metade dos inquiridos tem grau de confiança positivo no SNS e nos hospitais

Relativamente ao grau de confiança que existe no Serviço Nacional de Saúde e nos hospitais, 50% dos inquiridos teve uma resposta positiva, 27% classificou a sua crença nestas instituições de saúde como “média” e 22% fizeram uma avaliação negativa sobre o conteúdo da questão.

A maior parte dos inquiridos (38%) afirmou que a sua confiança nos hospitais e no SNS era grande e 12% demonstrou um nível “muito grande” de convicção.

No entanto, 15% dos questionados consideraram que a o seu grau de confiança era pequeno, com 7% a considerarem o valor “muito pequeno”.

Mais de 85% concorda com abordagem do Papa Francisco aos abusos sexuais. Maioria acredita que os padres deveriam poder casar e que as mulheres deveriam ter acesso ao sacerdócio

A gigante maioria dos inquiridos avalia positivamente a abordagem do Papa Francisco na luta contra os abusos sexuais dentro da igreja. Perante a afirmação “o Papa considerou que a Igreja tem de enfrentar de forma corajosa e transparente a questão dos abusos sexuais”, 87% da população concorda com a afirmação. De acordo com o estudo, há 8% da população que rejeita que o Papa tenha tido uma abordagem correta ao problema e 5% não tem opinião sobre o assunto. Já confrontados com o debate interno na igreja sobre o casamento de sacerdotes, 80% dos inquiridos diz que o matrimónio deveria ser permitido no seio eclesial, com 9% a sublinhar que o mesmo deveria ser proibido. O acesso das mulheres ao sacerdócio é atualmente negado e um tema de discussão dentro da igreja católica. Questionados sobre se defendem que o impedimento não faz sentido tendo em conta a realidade dos dias de hoje, 70% concordam com a afirmação e 16% rejeita-a.



PORTUGUESES ENTRE EUROPEUS QUE MENOS CONFIAM NA JUSTIÇA

Dados do European Social Survey mostram que metade dos portugueses tem baixos níveis de confiança no sistema jurídico.

Com base em dados do European Social Survey, realizado em 26 países e que é conduzido em Portugal pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e pelo Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, os investigadores referem que Portugal está entre aqueles "cujos cidadãos revelam menor confiança nas instituições, nomeadamente no sistema jurídico".

Os resultados mostram ainda que "nos últimos anos, se verifica a tendência para uma redução ainda maior na confiança institucional em Portugal".

As conclusões do estudo, a que a agência Lusa teve acesso, referem ainda que "a percepção de eficácia é muito importante, mas a confiança tem também por base a percepção de que os Tribunais respeitam princípios de justiça" nos seus procedimentos.

"De um modo geral, as pessoas consideram que existe um dever de obediência às decisões dos Tribunais"...



No conjunto de 27 países, Portugal está entre os cinco países com menos confiança na Justiça e somente 11 Estados apresentam confiança nos respectivos sistemas jurídicos. Destes, apenas cinco confiam nas restantes instituições - Suíça, Finlândia, Holanda, Noruega e Suécia.

O estudo realiza uma comparação entre as respostas obtidas em cinco países - Portugal, Polónia, Hungria, Reino Unido e Alemanha, um trabalho que "torna particularmente claro que Portugal se destaca como o país cujos cidadãos manifestam menor confiança no sistema jurídico". Enquanto 49,7% dos portugueses referem ter confiança baixa no sistema jurídico, na Alemanha a percentagem é de 19,5%. A Polónia é o país que mais se aproxima de Portugal, com 38,7%.

Quanto à eficácia dos Tribunais, "Portugal apresenta um valor mais baixo do que os restantes" quatro países, sendo, aliás, o único com valor negativo. Portugal volta a registar os valores mais baixos no grupo de cinco países quando o assunto é a legalidade da acção dos tribunais.



"Em Portugal, Polónia e Hungria, essa percepção está mesmo abaixo do ponto médio da escala", aponta o estudo.

O trabalho também analisou o sentimento de obediência às decisões dos Tribunais e todos os países registam valores "claramente" acima da média da escala.

"De um modo geral, as pessoas consideram que existe um dever de obediência às decisões dos Tribunais; porém, estes valores tendem a ser mais baixos em países com uma tradição democrática mais longa", refere o documento.



Os dados sobre "confiança na Justiça" foram recolhidos no European Social Survey, relativos a 26 países e envolvendo mais de 50 mil inquiridos.



Dr. João Barroso da Fonte

Barrosão de Boticas, arrebatou um dos mais cobiçados prémios literários em língua Portuguesa

O anúncio foi feito na tarde do dia 7 do corrente do último mês e pelo presidente do júri ser Manuel Alegre mais alegre fiquei.

Este arquiteto que nasceu em 1963, se formou na Universidade de Évora e vive em Vila Nova da Cacela, no Algarve. Já tinha ficado em segundo lugar, no mesmo concurso, mas em 2012. concorreu, de novo, em 2021 com o livro «As Pessoas Invisíveis», eleito por unanimidade, entre 732 originais concorrentes.

José Carlos Barros tem, em prosa e poesia, uma vasta obra, nomeadamente já distinguida em diversos outros certames. Um exemplo em poesia foi em 2009 com o Prémio Nacional de Poesia sobre Sebastião da Gama.

Em 2010, 2016 e 2019 o Júri do Prémio Leya, com base na falta de qualidade, entendeu não atribuir o Prémio. Em 2018 o Prémio coube ao escritor Brasileiro Itamar V. Júnior, com o livro *Torto Arado* que viria a vencer mais dois prémios: *Jabuti e Oceanos*.

O Arquiteto Carlos Barros foi deputado à Assembleia da República e Vice-presidente da Câmara de Vila Real de Stº António pelo PSD, continua como vereador na mesma autarquia. Foi Técnico Superior e diretor do Parque Natural da Ria Formosa.

Temos que regozijar-nos com tão importante prémio para a Língua Portuguesa.

Regozijo que atenua o vazio de prémios atribuídos a tantos e tão significativos escritores de Trás-os-Montes e Alto Douro.

José Carlos Barros, natural de Boticas, onde nasceu em 1963, foi um dos participantes e colaboradores da *Antologia de Autores Transmontanos, Durienses e da Beira Transmontana*, editada pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro de Lisboa em 2018 – *Exoterra* - com o poema *Caminho de Casa*. No final do ano, acabou de arrebatou um prémio no valor de 50 mil euros.

E esse vazio é tão mais lamentável, quanto é certo que, até em concursos promovidos na região Transmontana, aparecem júris e prémios, de fora, da segregada Província. Sirva de exemplo o prémio da Casa de Mateus. Quase apetece dizer que numa Província com uma Academia de Letras, com o Grémio Literário e com uma Universidade e um Instituto Superior, não se tomem atitudes que invertam o provérbio: «santos da porta não fazem milagres».

Até nisto se aplica aquele queixume de Miguel Torga: *pobre povo, fazem-te tudo, brincam contigo, gozam-te por isto e por aquilo e tu, continuas a ajoelhar quando passa a procissão...*

Barroso da Fonte





RELAÇÃO DA GORDURA COM A SAÚDE...

Afinal o que é a gordura? “ é formusura “, como diz o povo?

A gordura extra acaba por se manifestar a nível exterior, provocando falta de energia ou falta de auto estima. Mas muitos dos fatores de risco associados ao excesso de gordura não apresentam qualquer sintoma exterior, o que significa que temos de inspecionar e descobrir o que se passa nos níveis mais profundos do organismo. Todos nós temos três tipos de gordura: a que está na corrente sanguínea (chamada triglicéridos), a subcutânea (por baixo da pele) e a camada no tecido adiposo (omento), normalmente por baixo dos músculos. Quando o corpo sente que está a perder essa gordura, os valores sanguíneos começa a direccionar-se para níveis saudáveis : colesterol, açúcar e pressão arterial. A gordura debaixo dos músculos (omento) é mais perigosa do que a subcutânea porque interfere com os níveis das substâncias do sangue, que são fornecidas aos órgãos vitais. Por isso quanto mais próximos estivermos da cintura ideal mais saudáveis estão as nossas artérias, mais energias vamos ter todos os dias e a pressão arterial a bater no sítio certo. Mas falta ainda o colesterol, que faz parte do Kit de reparação das artérias, ou seja, está destinado a ajudar-nos, embora isso nem sempre aconteça. Se houver lesões na parede arterial, provocadas ou pela nicotina ou por exemplo pelas fatias de queijo a mais, aí as coisas mudam e as reparações não funcionam. O colesterol deve ser analisado perante os valores do HDL e LDL, estado das artérias e perante a situação se é ou não hipertenso.

O aumento de peso está quase sempre relacionado com o aumento de outros valores, que nos vão causar problemas nos órgãos vitais: *maior risco de cancro* - - resultante da disfunção que nos protege deste mal terrível; *maior risco de apneia do sono* -- o pescoço fica mais grosso e assim dificulta mais a respiração e *maior risco de problemas nas articulações*— tem tendência a desgastar mais.

Evite comer carne mais de duas vezes por semana e consuma regularmente fruta e legumes. O esforço físico vai queimando calorias e não deixa, assim, instalar os excessos.



TEMA PALAVRA...

João Damião

Medicinas Alternativas

As aparências enganam



A gordura visceral (que fica ao redor dos órgãos) é um sinal de alerta. Os principais locais onde o acúmulo é perigoso: fígado, coração, na região do pescoço



O acúmulo predominante de gordura na região abdominal leva a um aumento de risco de doença cardiovascular e morte prematura



A Organização Mundial da Saúde estabelece que, para a circunferência de cintura, a medida igual ou superior a 94cm em homens e 80cm em mulheres indica risco de doenças ligadas ao coração. No site do Ministério da Saúde você pode conferir a melhor forma de fazer a medida



Estudos clínicos deixaram claro que o tipo de distribuição de gordura corporal pode ajudar a identificar o risco cardiovascular



Entre as consequências do excesso de gordura visceral, estão:

- pressão alta
- diabetes
- colesterol alto

A gordura no fígado, a longo prazo, pode ainda provocar cirrose

VIVER MAIS E MELHOR

POLITICA



- **AS ELEIÇÕES NO CONCELHO AO RX**
- **CONSTITUIÇÃO, REGIONALIZAÇÃO E PODER AUTÁRQUICO – OPINIÃO**
- **ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA DISSOLVIDA**
- **39.º CONGRESSO DO PSD...**
- **ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE JANEIRO – CIRCULO DE VILA REAL**
- **CRÓNICA DO MÊS**



AS ELEIÇÕES NO CONCELHO AO RX...

Distribuição de votos pelas respectivas mesas...

Ao fim de 32 anos de governação, Socialistas voltam a vencer...

As 3 Notas mais salientes:

A primeira prende-se com a mesa de Morgade!... Apesar da polémica levantada pela Oposição antes e durante a campanha eleitoral, o Partido Socialista consegue vencer nas três frentes: Assembleia de Freguesia, Assembleia Municipal e Câmara Municipal. A segunda refere-se à União de Freguesias de Montalegre-Padroso. Enquanto na aldeia serrana o PS vence claramente, a decisão na conquista da Junta de Freguesia saiu da mesa 2 da vila.

Concelho de Montalegre - Mesas de Voto - Autárquicas 2021

MESA DE VOTO	Nº Eleitores Inscritos	Assembleia de Freguesia										Assembleia Municipal					Câmara Municipal												
		LURIO	UVENOP	TPS	SAMF	CDU - PCP/PEV	Partido Socialista - PS	TPC	AFC	PPD/PSD - CDS-PP	UCAMODO	BRANCO	NULO	VOTANTES	CDU - PCP/PEV	PPD/PSD - CDS-PP	Partido Socialista - PS	BRANCO	NULO	VOTANTES	CDU - PCP/PEV	PPD/PSD - CDS-PP	Partido Socialista - PS	BRANCO	NULO	VOTANTES			
Cabril	1	314						78						83	8	169	4	89	66	6	4	169	5	91	60	9	4	169	
Cabril	2	141						57						36		93	3	35	49	6		93	3	36	49	4	1	93	
Cabril	3	88						35						19		54		23	28	3		54		20	30	3	1	54	
Cervos	1	82												0	0	38	0	13	23	2	0	38	0	12	24	1	1	38	
Cervos	2	130												1	3	92	4	66	18	3	1	92	6	65	16	3	2	92	
Cervos	3	189												2	3	86	1	47	33	3	2	86	0	49	32	2	3	86	
Cha	1	637												6	2	296	3	181	101	6	5	296	6	181	98	8	3	296	
Chã	2	480												2	11	225	3	124	93	3	2	225	1	121	101	1	1	225	
Covêlo do Gerês		188												1	3	151	3	65	81	1	1	151	3	62	83	1	2	151	
Ferral	1	270												3	1	190	2	80	104	2	2	190	3	78	100	3	6	190	
Ferral	2	121												0	2	90	3	31	54	0	2	90	0	32	56	0	2	90	
Gralhas		306												5	4	170	3	51	108	7	3	172	6	50	105	6	3	170	
Morgade		317												2	1	202	6	90	102	3	1	202	4	89	104	4	1	202	
Negrões	1	113												9	0	57	0	8	48	1	0	57	0	8	47	0	2	57	
Negrões	2	110												6	3	59	2	6	48	2	1	59	0	6	49	2	2	59	
Outeiro	1	128												24		72	0	31	36	2	3	72	1	31	37	2	1	72	
Outeiro	2	63												4		35	0	7	26	2		35	0	7	26	2		35	
Pitões		290												29	2	111	2	43	55	8	3	111	1	49	52	6	3	111	
Reigoso	1	142												20	2	51	1	29	19	2		51	1	18	28	3	1	51	
Reigoso	2	112												7	1	41		10	30	1		41		10	30	1		41	
Salto	1	1176												16	14	741	14	289	405	18	15	741	7	264	438	18	14	741	
Salto	2	387												2	4	242	6	89	143		4	242	5	89	145	1	2	242	
Santo André		281												14	6	147	3	49	86	5	4	147	2	56	81	5	3	147	
Sarraquinhos		443												50	13	186	4	88	83	7	4	186	6	92	81	4	3	186	
Solveira		277												4	2	154	4	74	67	6	3	154	3	77	66	6	2	154	
Tourém		169												2	2	119	1	57	59	1	1	119	1	54	59	4	1	119	
UF Cambeses Donões e Mourilhe	1	139												41	13	0	54	0	24	30	0	0	54		27	22	5	54	
UF Cambeses Donões e Mourilhe	2	81												16	14	1	31	1	13	15	1	1	31	1	11	18	0	1	31
UF Cambeses Donões e Mourilhe	3	114												28	8	1	37	1	16	18	1	1	37		16	20	1	37	
UF Cambeses Donões e Mourilhe	4	288												61	20	1	82	8	51	17	4	2	82	6	51	18	4	3	82
UF Meixedo e Padornelos	1	140												1	1	71	1	19	42	6	3	71	1	18	44	5	3	71	
UF Meixedo e Padornelos	2	192												3	1	79	3	30	40	5	1	79	4	30	42	2	1	79	
UF Meixedo e Padornelos	3	211														95	1	42	51	0	1	95	1	38	55	1		95	
UF Montalegre e Padroso	1	866												14	1	540	25	249	247	15	4	540	23	246	249	20	2	540	
UF Montalegre e Padroso	2	1124												12	13	654	22	323	280	18	11	654	18	324	279	22	11	654	
UF Montalegre e Padroso	3	146														63		19	41	0	3	63		19	41		3	63	
UF Paradela Contim e Fiães	1	201												1	1	107	4	46	56	1		107	3	48	55	1		107	
UF Paradela Contim e Fiães	2	166														83	1	38	43	1		83	1	38	43	1		83	
UF Paradela Contim e Fiães	3	169												1	2	85	1	25	54	2	3	85		24	56	3	2	85	
UF Sezelhe e Covelães	1	70	26											2	0	28	0	5	21	2		28	1	8	17	2	0	28	
UF Sezelhe e Covelães	2	120	53											17	2	72	2	18	48	1	3	72		20	50	1	1	72	
UF Sezelhe e Covelães	3	118	45											14		59	0	27	31	1		59	1	27	31			59	
UF Sezelhe e Covelães	4	95	30											8	2	40	1	18	17	3	1	40	1	19	18	1	1	40	
UF Venda Nova e Pondras	1	315												4	1	196	5	107	78	3	3	196	2	115	74	1	4	196	
UF Venda Nova e Pondras	2	185												1	5	98	2	31	58	4	3	98	2	31	56	6	3	98	
UF Viade de Baixo e Fervidelas	1	451												0	3	275	4	79	189	1	2	275	6	80	181	5	3	275	
UF Viade de Baixo e Fervidelas	2	278												4	3	171	4	74	85	5	3	171	3	75	83	6	4	171	
UF Viade de Baixo e Fervidelas	3	91												2		55	4	26	21	2	2	55	4	28	18	3	2	55	
UF Viade de Baixo e Fervidelas	4	71														0	28		12	15	1		10	17		1	28		
UF Viade de Baixo e Fervidelas	5	88												1	34	0	12	19	2	1	34		13	19	1	1	34		
UF de Vilar de Perdizes e Meixide	1	708												10	13	362	3	144	193	14	8	362	1	143	194	14	10	362	
UF de Vilar de Perdizes e Meixide	2	140												6	3	61	1	19	36	3	2	61	1	17	34	5	4	61	
Vila da Ponte		172												37	5	166	3	50	102	11		166	1	53	106	6		166	
TOTAIS		13693	154		77	104	29	3692	60	170	2239	146	539	150	7497	169	3192	3812	207	119	7499	145	3176	3837	215	124	7497		



AS ELEIÇÕES NO CONCELHO AO RX

Distribuição de votos pelas respectivas mesas...

Ao fim de 32 anos de governação, Socialistas voltam a vencer...

NOTAS A RETER:

O bastião da Coligação PSD/CDS a situar-se na Freguesia da Chã e a ausência por parte da mesma Coligação PSD/CDS em 13 das 25 freguesias do concelho, são as mais salientes. Outra nota, foi a estrondosa queda na freguesia de Santo André por parte da Coligação PSD/CDS, que levou à perda da Junta de Freguesia.

Com excepção da União de Freguesias de Montalegre-Padroso, onde qualquer que fosse o resultado, não constituiria surpresa, realce ainda para as Freguesias de Gralhas, União das Freguesias de Meixedo e Padornelos, União de Freguesias de Viade de Baixo e Fervidelas, União de Freguesias de Vilar de Perdizes e Meixide e ainda a Freguesia de Vila da Ponte, que viram todas elas as sua posições ainda mais reforçadas, em relação aos socialistas.

Outra nota que não pode passar em claro e da qual todos devem retirar consequências políticas, foram os 138 votos em branco e 8 nulos na Freguesia de Cabril em contraponto aos 170 que valeram a eleição do respectivo Presidente da Junta de Freguesia. De referir ainda, que neste último caso, nem Partido Socialista, nem Coligação PSD/CDS apresentaram qualquer candidatura. Um dado que fará com toda a certeza pensar, os Orgãos desta Freguesia, que é ainda uma das mais populosas do concelho.

Concelho de Montalegre - Freguesias - Autárquicas 2021

FREGUESIA	Nº eleitores inscritos	Assembleia de Freguesia										Assembleia Municipal						Câmara Municipal													
		LURIO	TPS	SAMF	CDU - PCP/PEV	Partido Socialista - PS	TPC	AFC	PPD/PSD, CDS-PP	UCAMODO	BRANCO	NULO	VOTANTES	ABST.		CDU - PCP/PEV	PPD/PSD, CDS-PP	Partido Socialista - PS	BRANCO	NULO	VOTANTES	ABST.		CDU - PCP/PEV	PPD/PSD, CDS-PP	Partido Socialista - PS	BRANCO	NULO	VOTANTES	ABST.	
														Nº	%							Nº	%							Nº	%
Cabril	543						170			138	8	316	227	41,80%	7	147	143	15	4	316	227	41,80%	8	147	139	16	6	316	227	41,80%	
Cervos	401									3	6	216	185	46,13%	5	126	74	8	3	216	185	46,13%	6	126	72	6	6	216	185	46,13%	
Chã	1117									8	13	521	596	53,36%	6	305	194	9	7	521	596	53,36%	7	302	199	9	4	521	596	53,36%	
Covelo do Gerês	188					60				1	3	151	37	19,68%	3	65	81	1	1	151	37	19,68%	4	62	83	1	2	151	37	19,68%	
Ferral	391			104						3	3	280	111	28,39%	5	111	158	2	4	280	111	28,39%	3	110	156	3	8	280	111	28,39%	
Gralhas	306									5	4	170	136	44,44%	3	51	108	7	3	172	134	43,79%	6	50	105	6	3	170	136	44,44%	
Morgade	317									2	1	202	115	36,28%	6	90	102	3	1	202	115	36,28%	4	89	104	4	1	202	115	36,28%	
Negroões	223									15	3	116	107	47,98%	2	14	96	3	1	116	107	47,98%		14	96	2	4	116	107	47,98%	
Outeiro	191									28	107	84	43,98%		38	62	4	3	107	84	43,98%	1	38	63	4	1	107	84	43,98%		
Pitões	290									29	2	111	179	61,72%	2	43	55	8	3	111	179	61,72%	1	49	52	6	3	111	179	61,72%	
Reigoso	254									27	3	92	162	63,78%	1	39	49	3		92	162	63,78%	1	28	58	4	1	92	162	63,78%	
Salto	1563									18	18	983	580	37,11%	20	378	548	18	19	983	580	37,11%	12	353	583	19	16	983	580	37,11%	
Santo André	281									14	6	147	134	47,69%	3	49	86	5	4	147	134	47,69%	2	56	81	5	3	147	134	47,69%	
Sarraquinhos	443									50	13	186	257	58,01%	4	88	83	7	4	186	257	58,01%	6	92	81	4	3	186	257	58,01%	
Solveira	277			77						4	2	154	123	44,40%	4	74	67	6	3	154	123	44,40%	3	77	66	6	2	154	123	44,40%	
Tourém	169									2	2	119	50	29,59%	1	57	59	1	1	119	50	29,59%	1	54	59	4	1	119	50	29,59%	
UF Cambeses Donões e Mourilhe	622								146	55	3	204	418	67,20%	10	104	80	6	4	204	418	67,20%	7	105	78	10	4	204	418	67,20%	
UF Meixedo e Padornelos	543									4	3	245	298	54,88%	5	91	133	11	5	245	298	54,88%	6	86	141	8	4	245	298	54,88%	
UF Montalegre e Padroso	2136				29	569				26	14	1257	879	41,15%	47	591	568	33	18	1257	879	41,15%	41	589	569	42	16	1257	879	41,15%	
UF Sezeihe e Covelães	403	154								41	4	199	204	50,62%	3	68	117	7	4	199	204	50,62%	3	74	116	4	2	199	204	50,62%	
UF Paradelas Cortim e Fiaes	536									2	5	275	261	48,69%	6	109	153	4	3	275	261	48,69%	4	110	154	5	2	275	261	48,69%	
UF Venda Nova e Pondras	500			137						5	6	294	206	41,20%	7	138	136	7	6	294	206	41,20%	4	146	130	7	7	294	206	41,20%	
UF Viade de Baixo e Fervidelas	979									6	7	563	416	42,49%	12	203	329	11	8	563	416	42,49%	13	206	318	15	11	563	416	42,49%	
UF de Vilar de Perdizes e Meixide	848									16	16	423	425	50,12%	4	163	229	17	10	423	425	50,12%	2	160	228	19	14	423	425	50,12%	
Vila da Ponte	172									37	5	166	6	3,49%	3	50	102	11		166	6	3,49%	1	53	108	6		166	6	3,49%	
TOTAIS	13693	154	214	104	29	3692	60	170	2239	146	539	150	7497	6196	44,17%	169	3192	3812	207	119	7499	6194	44,14%	146	3176	3837	215	124	7497	6196	44,17%

DO “IMENSO ORGULHO BARROSÃO” AO ENORME CARINHO DA POPULAÇÃO...

Ao fim de 32 anos de governação, Socialistas voltam a vencer...

Um momento carregado de sentimento e a garantia de políticas de concertação em torno da comunidade. “Barroso somos todos e todos fazemos falta”, salientou Orlando Alves.

Com apresentação pública de **Ricardo Moura**, Assessor de Imprensa do Municipio e um Auditório completamente lotado, decorreu no passado dia 15 de Outubro, a sessão solene que instalou os novos Órgãos Autárquicos do concelho de Montalegre. Como é normal nestas andanças, o “cabeça de cartaz” foi obviamente **Orlando Alves**, o Presidente reeleito pela terceira vez consecutiva com maioria absoluta. Orlando Alves que se apresentou com apelo ao sentimento e cheio dele, ao argumentar querer continuar a governar com todos e para todos. Perante uma plateia. Como se disse cheia, a intensidade emocional sentiu-se no ar e nas palavras.

“Comovo-me com os apoios que tenho recebido ao longo de todo este tempo. Tenho recebido muito carinho dos barrosões, principalmente da gente de Salto que nunca me abandona e que tem sido determinante nas conquistas que temos feito na Câmara Municipal de Montalegre”, começou por referir Orlando Alves. “Hoje há os amigos, os ‘meios amigos’ e há os falsos amigos. A gente sabe distinguir”.

O discurso serviu para dizer aos falsos amigos que é possível fazer política com honorabilidade, com critério e razoabilidade. Acima de tudo, fazer política no respeito pela pessoa humana. “Cada vez estou mais satisfeito por não ser militar desse exército que são as redes sociais. Cada vez tenho mais orgulho e vaidade em mim. Quem quiser entrar na política, tem que saber honrá-la, promovê-la e construir espaços de sedução para atrair os mais novos e não cavalgar a onda onde todos são corruptos”, disse ainda o Presidente eleito, lançando também algumas farpas.

- continua.

Move-nos, o propósito de trabalhar para o desenvolvimento da nossa terra, o bem estar das populações, a projeção do território e a defesa dos valores identitários da pátria Barrosã. Remamos assim na mesma direção. E que bonito vai ser vermos a oposição e o poder caminhar de mão dada na defesa da mesma causa

Engane-se quem pensa que, só por si, tem em mãos a varinha de condão da prosperidade e do progresso. E desiluda-se quem faz combate político centrado na indignidade da afronta, no ataque difamatório ou em processos de achincalhamento na praça pública

Barroso tem tudo para ser farol que ilumina e guia. Terra de forte identidade cultural, com paisagens de encher o olho e cortar a respiração, com invejável qualidade ambiental





continuação

ÓRGÃOS AUTÁRQUICOS PARA O MANDATO 2021-2025, TOMARAM POSSE

Ao fim de 32 anos de governação, Socialistas voltam a vencer...

Orlando Alves diz que o centralismo “sufoca e mata” o interior...

Na tomada de posse para o seu terceiro e último mandato, o Presidente da Câmara, Orlando Alves, mostrou-se preocupado com as políticas centralizadoras dos sucessivos governos, defendendo a regionalização para alavancar o interior do país.

“O meu principal objectivo é desenvolver políticas e programas em concertação com a população. As linhas mestras do meu programa só terão sucesso se souber trabalhá-las em harmonia com a população, com os agentes económicos, com os empresários, com a escola”... “Barroso somos todos e todos fazemos falta”, destacou ainda o edil.

Enquanto isso, também o **Vice-Presidente David Teixeira**, não deixou de salientar, que *“em democracia este é o resultado que interessa. Depois de todas as lutas e todas as estratégias, o povo decidiu e decidiu pelo melhor. Estou convencido que o povo se sente bem representado por esta equipa”*, afirmou David Teixeira. Este é o primeiro passo para mais quatro anos. Os “machados” têm que ser enterrados e trabalhar em conjunto para vencer os desafios que vão surgir.” – concluiu.

Também presente no acto, a **Vereadora Fátima Fernandes** lançou esperança para o futuro. *“É o início de assumir responsabilidades maiores em termos de conjunto, esquecendo a parte partidária. Temos que assumir um partido comum que é o Barroso, é o município de Montalegre. Temos que lutar todos para o mesmo fim que é a melhoria das condições de vida dos nossos munícipes”*, asseverou.

Este, é por isso *“um dia muito importante. O dia onde se efectiva este nosso sistema democrático e a vontade dos barrosões. Nesse sentido, vamos fazer o melhor pelo nosso território. Temos que lutar todos para o mesmo fim que é a melhoria das condições de vida dos nossos munícipes, tendo mais oportunidade de negócio e de emprego”*.





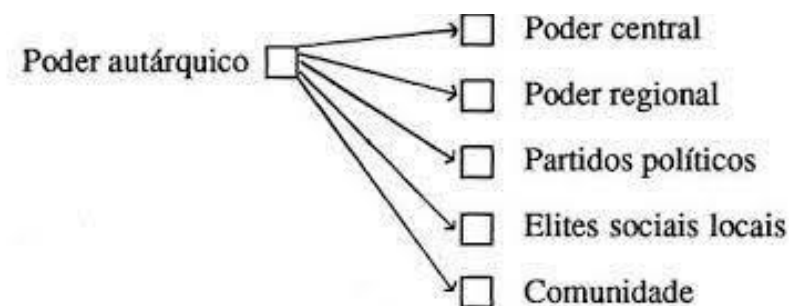
Abel Moutinho
Empresário

CONSTITUIÇÃO

REGIONALIZAÇÃO E PODER AUTÁRQUICO

Face a situações sócio políticas como a que vivemos presentemente, não seria bom que o calendário eleitoral conducente à formação de novo governo fosse mais rápido e célere, ganhando-se assim energias, força, tempo e dinheiro, tão necessários aos cidadãos na conjuntura atual?

Compreende-se lá que, lembrados do que nos foi imposto pela Troika e com as restrições que temos de aguentar para fazer frente à Covid-19, a execução do Plano de Recuperação e Resiliência e outros que estavam em agenda, com vista ao relançamento da economia, continuem a marcar passo e à espera de novas oportunidades?



Como certas leis existentes envolvem procedimentos ancilosados e onerosos para quem deve cumpri-las, não deveriam os programas e promessas, apresentados pelos partidos e candidatos a eleger, definir bem o seu conteúdo, explicitando devidamente o alcance e razoabilidade das mesmas?

E se a Constituição da República que nos rege e a Lei Eleitoral vigente merecem ser revistas e ajustadas, porque não fazê-lo quanto antes de modo a que a consulta popular bem como a formação e tomada de posse do governo resultante do voto dos eleitores seja mais célere?

Por último, existindo várias leis e reformas a aguardar oportunidade de ser implementadas, e se é muito importante que os legisladores quando as fazem pensem bem no território a que se destinam e nos cidadãos que devem cumpri-las, porque é que a Regionalização não avança de modo a garantir essa proximidade e objetivo?

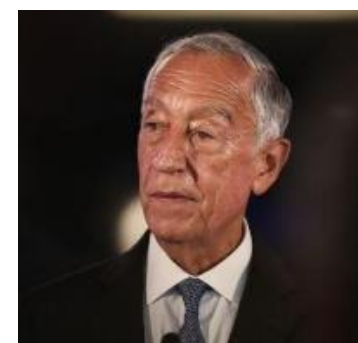
Se é com base nas 5 Comissões Coordenadoras Regionais com que diariamente somos bombardeados com as estatísticas da pandemia e não só, porque não introduzir o tema da Regionalização na ordem do dia para ver se durante a/o próxima/o legislatura/governo conseguimos ultrapassar os empecilhos e condicionamentos que distanciam de nós os detentores do poder central, os deputados e os autarcas, de modo a que todos quantos falam, discutem e assumem funções relacionadas com a política do Estado e a boa gestão dos assuntos correntes estejam cada vez mais em sintonia com o verdadeiro sentir do povo?!



E se, uma vez concluído o timing eleitoral em curso, os eleitos do povo, os futuros governantes e o Presidente da República não fizerem tudo para dispormos em breve de um governo estável e duradouro para sair da pausa resultante do tão badalado chumbo orçamental, sentença dada pela maioria dos deputados, dos quais ninguém até hoje assumiu o *mea culpa*?

Nesta viragem de ano, com a legislatura interrompida a meio e com tantos desafios pela frente, não seria preferível, como acontece noutras democracias, auscultar e recolher antecipadamente a orientação e o sentir dos eleitores, para escolher bem o caminho a percorrer e as metas a alcançar?

Os politólogos, críticos, e outros entendidos na matéria vão dizendo e sugerindo o que lhes vem à mente, mas alguns dos programas elaborados e dos comentários que fazem parecem ir mais ao sabor das conveniências dos próprios e dos grupos que integram ou representam, que ao encontro dos interesses nacionais que todos eles dizem servir.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA DISSOLVIDA...

Marcelo Rebelo de Sousa já tinha anunciado, a 5 de Novembro, a data destas eleições legislativas antecipadas, mas agora é oficial!... O Presidente da República formalizou em 5 de Dezembro passado, na data limite, a dissolução da Assembleia da República, convocando eleições legislativas, já agendadas para 30 de Janeiro.

"O Presidente da República assinou o decreto que procede à dissolução da Assembleia da República e à convocação de eleições legislativas para o dia 30 de Janeiro de 2022", lê-se na [nota do site](#) da Presidência. Nos termos da Constituição, no período em que o Parlamento se encontra dissolvido funciona a Comissão Permanente da Assembleia da República, composta pelo Presidente, pelos VicePresidentes e por Deputados indicados por todos os Partidos, de acordo com a respectiva representatividade parlamentar.

Marcelo Rebelo de Sousa anunciou a 5 de Novembro a data destas eleições antecipadas e nessa altura ficaram logo definidas as [datas](#) para a apresentação das listas dos candidatos a Deputados, dos debates audiovisuais e da própria campanha.

O processo eleitoral teve assim início em **19 de Dezembro** com a apresentação das coligações, caso existam e a estas, seguiu-se-lhes a entrega das listas dos candidatos a Deputados no dia seguinte, **20 de Dezembro**.

Quanto à campanha eleitoral, vai decorrer entre os dias **16 e 28 de Janeiro**. Já os debates televisivos, a havê-los, terão de acontecer logo a seguir à passagem de ano, isto é, entre **2 e 15 de Janeiro**. De recordar que Marcelo não queria que os confrontos entre candidatos a Primeiro-Ministro, coincidissem com a época natalícia.

Como nota saliente, registe-se que esta foi a oitava dissolução da Assembleia da República desde o 25 de Abril de 1974 e acontece na sequência do chumbo do Orçamento do Estado para 2022, decorrente da votação na generalidade, em 27 de Outubro, com votos contra de PSD, BE, PCP, CDS-PP, PEV, Chega e Iniciativa Liberal.

Nos termos da Constituição, compete ao Presidente da República dissolver a AR ouvidos os Partidos nela representados, o que aconteceu em 30 de Outubro, e o Conselho de Estado, que foi ouvido em 3 de Novembro e deu parecer favorável, por maioria.



39.º CONGRESSO DO PSD

Chumbo da descentralização e reforma do sistema eleitoral dominaram as moções temáticas

Muitas críticas às desigualdades territoriais e ao processo de descentralização e pedidos de reforma do sistema político e eleitoral dominaram as 12 propostas temáticas que foram discutidas no 39.º Congresso do PSD.

Se só o Presidente eleito pode apresentar uma Moção de Estratégia Global, as propostas sectoriais podem ser apresentadas pela direcção, pelas várias estruturas autónomas do Partido, designadamente a JSD, a ASD e os TSDs e pelas estruturas regionais e distritais ou ainda subscritas por 1.500 militantes ou por 50 delegados.

Este ano, talvez devido à antecipação do Congresso e à marcação de legislativas, quase todos os textos partiram de estruturas organizadas do Partido, pelo que muitas se centraram em problemas de cada distrito, mas houve ainda espaço para pedir uma maior representação das mulheres, o pedido de suspensão do concurso internacional para um novo aeroporto e até um apelo para que não se ceda aos "jogos de poder" do líder do PS, António Costa. De todas elas porém, uma referência para a saída da distrital de Vila Real.

- Moção B, da distrital de Vila Real: "Sustentabilidade e Valorização Territorial"

A proposta centra-se nos desequilíbrios territoriais do país,



alertando que dois terços do mesmo "estão ameaçados pelo despovoamento", incluindo o distrito de Vila Real.

A moção propõe estratégias para a criação e fixação de valor acrescentado e emprego qualificado nos territórios de baixa densidade, considerando "determinante garantir a existência de um número mínimo de bens e serviços públicos", em áreas como saúde, educação, justiça, segurança, cultura e serviços administrativos.

Uma proposta que deve merecer os elogios de quem de facto e de direito procura zelar pelos interesses do interior, mas que infelizmente "choca" com o discurso do PSD-Montalegre, para quem todos os males da região, no que toca ao dito despovoamento se centralizam no Poder Municipal que não se cansa de criticar, como se todos os males neste âmbito pudessem ser ultrapassados pelas políticas municipais.

Refira-se ainda a este propósito e muito bem, que os subscritores do dito documento, defenderam aquilo que aqui há muito defendemos e que se traduz numa fiscalidade "amiga do investimento e da criação de emprego" nestes territórios de baixa densidade.





Cinco pontos que ficam do congresso do PSD

Faltam 30 dias para os portugueses escolherem o próximo Primeiro-Ministro. O PSD sente-se preparado para vencer as eleições, principalmente se convencer o centro - uma das palavras mais ouvidas nos três dias de Congresso. O objectivo é claro: captar os votos dos indecisos.

Há um mês, a conversa no PSD era outra: Rui Rio ou Paulo Rangel, qual deles iria enfrentar António Costa nas urnas!... Passadas as eleições directas - e o debate interno por elas provocadas - uma coisa é certa: a porta do Europarque, em Santa Maria da Feira, fechou-se com um PSD mais unido e mais convencido de que pode ganhar as legislativas

E para isso, talvez as últimas sondagens tenham ajudado os militantes mais reticentes a acreditar que pode ser mesmo possível o PSD ganhar no dia 30 de Janeiro. Se a oposição interna já se tinha "alinhado para não desalinhar", não sabemos, mas foi notório que este Congresso correu a Rio melhor do que se esperava.

Esperavam-se as palavras de quatro nomes de peso - Luis Montenegro, Carlos Moedas, Miguel Pinto Luz e Paulo Rangel. Todos eles, durante o discurso, no segundo dia de congresso, declararam apoio a Rui Rio para vencer as eleições legislativas de 30 de Janeiro. Pediram coragem e uma alternativa, e até prometeram fazer campanha ao lado do Presidente do Partido.

O líder laranja também falou, apresentando-se com um discurso mais interno. Pediu "ajuda, incentivo e lealdade" aos sociais-democratas e tentou convencê-los com os seus "êxitos eleitorais".

Extra Partido, muniu-se de um discurso virado para fora, para os portugueses, para o país e sobretudo para o Partido Socialista.

Miguel Pinto Luz, a excepção...

De todos os opositores internos, Miguel Pinto Luz foi o único que não virou totalmente aliado. Subiu ao palco pronto a ultrapassar as divisões, mas, a cada frase, escancarava-se uma ferida em público. "Eu até sou rioísta. Sabem porquê? Porque eu sou do PSD", insistiu o Vice-Presidente da Câmara de Cascais.

Mas as críticas lá estavam: "Para ganharmos eleições e dar um novo rumo ao país, precisamos de juntar a gente do PSD, ao contrário de excluir, ao contrário de separar" - numa indirecta a Rui Rio.

Órgãos nacionais: Rio 2 - 1 Opositores

Nas eleições para os Órgãos Nacionais do Partido, Rui Rio ganhou por uma espécie de 2-1. Paulo Mota Pinto, escolhido pelo líder, voltou a ser candidato à presidência da Mesa do Congresso e foi reeleito com 465 votos, contra Pedro Rodrigues, que alcançou apenas 342.

A lista de Rio para o Conselho Nacional do PSD, encabeçada por Pedro Roseta, também venceu as eleições, com 187 votos. Em segundo lugar ficou então Miguel Pinto Luz, com 161 votos, e Luís Montenegro ocupou o terceiro lugar, com 147.

Rio, perdeu porém o Conselho de Jurisdição. Paulo Colaço venceu as eleições do "Tribunal" do Partido, conquistando 424 votos, e mantém-se assim como presidente.

A lista de Rui Rio, encabeçada por um nome de peso como Nuno Morais Sarmiento, saiu derrotada, com 390 votos.

José Augusto Lameirão, de fora da lista de deputados e do CN a seu pedido.

Nota ainda saliente, para a participação neste 39.º Congresso, do ilustre militante Barrosão, José Augusto Sarmiento Lameirão, até então membro efectivo do Conselho Nacional do Partido.

Desta vez e apesar de convidado por Rui Rio, de quem foi apoiante, para integrar a lista de deputados pelo Circulo da Europa e para a renovação do seu lugar no dito Conselho Nacional, acabou por declinar o convite, invocando razões pessoais. De qualquer modo e para memória futura, fica a imagem de um homem íntegro, o seu exemplo de dedicação à causa pública e um acérrimo defensor do ideal social- democrata.



AS REACÇÕES AO CONGRESSO

PS acusa Rui Rio de estar a aproximar-se da extrema-direita



José Luís Carneiro argumenta que "o único Partido que sempre deu provas de se entender mesmo com a extrema-direita foi a liderança do PSD quando aceitou o acordo com o Chega nos Açores e também quando chegou a este Congresso e disse que era um Partido contra o sistema", declarou José Luís Carneiro após assistir à sessão de encerramento do 39.º Congresso do PSD, em Santa Maria da Feira.

O Secretário-Geral adjunto do PS, acusou ainda o PSD, de estar a aproximar-se da extrema-direita, escusando-se a esclarecer se os socialistas podem vir a viabilizar um Governo minoritário social-democrata. "O PS é o grande Partido do centro político e do centro-esquerda em Portugal" - disse.

José Luís Carneiro defendeu ainda que só com uma "maioria clara, inequívoca e reforçada" do Partido Socialista, será possível ter a "estabilidade, previsibilidade e segurança" que o país precisa para enfrentar os desafios com que está confrontado. O dirigente socialista observou ainda que o líder do PSD, no seu discurso de encerramento, recorreu a "atoardas populistas" que são "injustas" relativamente ao esforço que os portugueses têm vindo a fazer para "recuperar rendimentos, proteger as empresas e o emprego", não tendo sequer apresentado qualquer "ideia estruturada" para o desenvolvimento do país.

Carneiro, acusou também o líder do PSD de continuar a ser contra a independência do sistema de justiça, porque quer reforçar o controlo do poder político sobre a autonomia da magistratura, e lembrou que, apesar de falar num país mais descentralizado, fez campanha e votou contra a regionalização, citando o provérbio de Frei Tomás, que diz "faz o que eu digo, não faças o que ele faz".



PCP ACUSA RUI RIO DE FUGIR A QUESTÕES CONCRETAS

Octávio Augusto membro da Comissão Política do PCP, lamentou que as "questões concretas" do povo e dos trabalhadores tenham "passado ao lado" no encerramento do congresso do PSD e alertou que "tudo se encaminha" para "reabilitar o bloco central de interesses".

Segundo Octávio Augusto a reunião dos sociais-democratas foi uma "operação de limpeza para colocar o conta-quilómetros a zero", esquecendo o passado governativo mais recente do partido.

"Como se não tivéssemos tido a experiencia recente com o Primeiro-Ministro Passos Coelho com o CDS no Governo!... Cortes, encerramento de tribunais, liquidação de direitos e um conjunto de aspectos que os portugueses, com certeza, não se vão esquecer", enumerou.



CDS e IL consideram que falta "ímpeto reformista" a sociais-democratas...

Os centristas apelam ao voto dos portugueses. Já os liberais afirmam que querem "mudar o rumo do país".

Após assistir à sessão de encerramento do 39.º Congresso do PSD, que terminou com o discurso de Rui Rio, a cabeça de lista do CDS pelo Porto às legislativas e membro do Conselho Nacional, Filipa Correia Pinto, afirmou que ficou claro que o "ímpeto reformista que o PSD quer trilhar para as próximas eleições está solteiro". "Não se percebe se o Dr. Rui Rio pretende implementar estas reformas com colaboração e uma coligação com o PS, ressuscitando o antigo chamado Bloco central, ou pelo contrário prefere fazer essas reformas à direita com o seu parceiro de sempre", salientou. Falando em nome de uma delegação centrista também composta pelo Vice-Presidente Miguel Barbosa e pelo membro da Comissão Política Nacional Adriano Santos, Filipa Correia Pinto rejeitou que o facto de o Presidente do CDS, não se ter deslocado ao congresso social-democrata possa ter uma leitura política.

Pela **Iniciativa Liberal**, o tesoureiro Bruno Mourão Martins também salientou que, no congresso se notou que "faz falta o espírito reformista" que o seu Partido propõe para "efectivamente fazer crescer Portugal e mudar Portugal", assegurando que o "voto útil no próximo dia 30 de janeiro é na Iniciativa Liberal". "A IL quer mudar o rumo do país e se quer mudar o rumo do país, está disponível para que sejam implementadas medidas reformistas que façam essa mudança, não está disponível para medidas que haja mudança de cores em que as políticas são as mesmas", apontou.

Bloco de Esquerda e Chega, estiveram ausentes do Congresso.

EX PSD MANUELA TENDER ABANDONA PARTIDO E AGARRA-SE À EXTREMA-DIREITA DO CHEGA



Manuela Tender, ex-deputada da Assembleia da República, eleita pelo PSD para o círculo de Vila Real, entre 2011 e 2019 e “amiga” do PSD-Montalegre, é agora a cabeça de lista do Chega às próximas Eleições Legislativas, que se realizam a 30 de Janeiro.

Refira-se, que depois de André Ventura ter apresentado Sérgio Ramos, que foi candidato às autárquicas de 2021, por Vila Real, houve uma mudança de planos em articulação com a distrital, informou o Partido.

Assim, o Chega considera Manuela Tender como uma candidata “muito relevante” para o distrito de Vila Real, que poderá “angariar votos entre os que estão desencantados pelo PSD”, podendo mesmo vir a “roubar-lhe” a habitual eleição do terceiro deputado, em favor do Partido Socialista.

Depois de 15 anos de militância, a ex-deputada deixou o PSD em Fevereiro de 2020, na sequência das últimas Eleições Legislativas, para as quais não foi indicada como candidata nem por Rui Rio, nem pela distrital. Manuela Tender escreveu, nas redes sociais, que o Partido estava “sem rumo nem estratégia, sem voz nem liderança, sem ambição nem projeto, sem combatividade nem um claro caderno reivindicativo para o concelho e a região, num divórcio crescente com os anseios e preocupações dos cidadãos”.

“Decidi exercer livremente os meus direitos e deveres de cidadania activa, crítica e participativa, sem sujeição a códigos de conduta nos quais não me revejo e que condeno e condenarei sem complacência”, escreveu Manuela Tender, no momento da saída.

Um volte face espectacular e com impacto distrital dado tratar-se de uma ex Deputada do PSD pelo círculo de Vila Real entre 2011 e 2019 .



ARTUR SOVERAL DE ANDRADE É O CABEÇA DE LISTA DO PSD.



O PSD anunciou a lista candidata às Eleições Legislativas, encabeçada por Artur Soveral de Andrade. Recorde-se, que na legislatura que agora terminou, o advogado do Peso da Régua, Soveral de Andrade, ocupava o terceiro lugar na lista do PSD pelo Círculo de Vila Real.

A lista social-democrata mantém em segundo lugar a deputada Cláudia Bento e o terceiro elemento é André Marques. No 4º lugar está Miguel Esteves, seguido de Paula Costa, em 5º.

Segundo um comunicado do Conselho Nacional do Partido “o Presidente Rui Rio escolheu os nomes dos candidatos que serão cabeças de lista pelos vários Círculos Eleitorais às próximas eleições legislativas de 30 de janeiro”. Fernando Queiroga e José Moura Rodrigues – este último, apoiante declarado de Paulo Rangel -, respectivamente Presidentes das concelhias de Boticas e Montalegre, bem como todos os restantes membros da direcção, ficaram fora das listas de candidatos.

• FRANCISCO ROCHA. MANTÉM-SE COMO CABEÇA DE LISTA DO PS...



Francisco Rocha, mantém-se como cabeça de lista pelo PS nas próximas eleições legislativas, marcadas para 30 de Janeiro de 2022. Além de Francisco Rocha, deputado na Assembleia da República, a lista é ainda composta por Fátima Correia Pinto da concelhia de Chaves, Agostinho Santa da Régua, Susana Barroso de Montalegre, Carlos Martins de Mondim de Basto, Renato Almeida de Vila Pouca de Aguiar, Ana Daniela Alves de Vila Real, José António Coroado de Valpaços, Alexandra Magalhães de Alijó e José Manuel Marques de Sabrosa.

CRÓNICA

do mês...



Domingos Chaves

O “baú” da regionalização



Se o referendo de 1998 tivesse vingado, não sabemos que “infernos” nos estariam destinados - *como diziam* - , mas se se estavam a referir à perda de dezenas de milhar de habitantes nas duas décadas seguintes, então esse “inferno” chegou mesmo sem a “infame” regionalização.

O Primeiro-Ministro António Costa, esteve neste último mês no Congresso da Associação Nacional de Municípios e no seu discurso, voltou a referir-se ao tema da regionalização, deixando no ar a possibilidade de se voltar a referendar esta questão em 2024. Não falou em “referendo”, mas na menos fantasmagórica abordagem de “dar a voz ao povo”, o que é exactamente a mesma coisa, embora sem a carga negativa que pelos vistos este instrumento de consulta ainda tem quando se fala em regionalização.

Se as palavras de António Costa têm a grande virtude de abrir um baú que muitos querem que continue fechado, regionalizar não é no entanto um fim por si mesmo. Este processo de descentralização deverá ter como finalidade, contribuir para o equilíbrio do território, dotando as regiões com uma relativa autonomia decisória e financeira, para elas próprias delinearem e implementarem os seus eixos de desenvolvimento.

Em 2021 já deveria ser evidente, que o pomposamente denominado “desenvolvimento regional” não se faz com a mera soma de Municípios em Associações ou em Comunidades Intermunicipais sem autonomia ou capacidade para avançarem um metro sequer nesse desígnio. E ao contrário do que muitos pensam, regionalizar significa agrupar e não o contrário. Mas agrupar efectivamente e com um propósito comum. Voltemos, então, a 1998 e ao mapa que foi a referendo!...Pela primeira vez, pegávamos nas palavras e nas intenções que andavam a pulular por aí e efectivou-se numa proposta.

Os distritos de Vila Real e Bragança, ficariam sedeadas na Região de Trás-os-Montes e Alto Douro, a qual como todo o processo foi chumbada no referendo. Agora que se volta a colocar em cima da mesa a opção de “dar a voz ao povo” em matéria de regionalização, será muito instrutivo fazer uma jornada pelos arquivos e ver tudo o que foi dito sobre este processo na região. Lá estarão com toda a certeza impressos no tempo, inesquecíveis tratados políticos sobre o “inferno” que iria cair sobre nós caso tal coisa viesse ser aprovada. Não sabemos que “infernos” nos estariam destinados, mas se se estavam a referir à perda de dezenas de milhar de habitantes nas duas décadas seguintes a 1998, então esse “inferno” chegou mesmo sem a “infame” regionalização. Agora, 23 anos depois do referendo, quem tem de dar explicações é quem na altura defendeu o modelo centralista que está hoje em vigor, como sendo o melhor para a região e caberá a todos os outros ouvir, as por certo “irrepreensíveis justificações”.

O que já se adivinha para 2024, até para evitar dissabores num eventual novo referendo – *que é exigido pela Constituição* – é uma nova proposta de regionalização segundo as actuais regiões tuteladas pelas comissões de coordenação e desenvolvimento regional. Ou seja, Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve. Um mapa de regiões-plano, aparentemente mais consensual, seguro e pacífico do que o de 1998. A ser assim, Trás-os-Montes e por acréscimo a região do Ato Tâmega e Barroso, continuarão no estado em que sempre estiveram - o da miragem. Mas para muitos, é assim que está bem, principalmente para quem passa o tempo a “berrar” sem saber o que diz Uma coisa é certa: a concretizarem-se os propósitos, 2024 vai trazer muita coisa nova e esclarecedora...



CIRCULO DE VILA REAL | 16 PARTIDOS CONCORREM ÀS ELEIÇÕES.

DOS 16 CABEÇAS DE LISTA, 7 RESIDEM FORA DO DISTRITO...

Sete das 16 candidaturas entregues no Tribunal de Vila Real às Eleições Legislativas de 2022 são encabeçadas por residentes fora do distrito, desde Armamar até Cascais e Sintra, passando ainda por Amarante, Porto, Matosinhos e Leiria.

As 16 forças políticas que se candidatam às têm como cabeças de lista cinco mulheres e 11 homens. As profissões são muitos variadas, há um agricultor, um advogado, um gestor, um empresário, um técnico superior de administração pública, uma reformada, um técnico comercial, uma técnica superior de museologia, uma lojista, dois professores, dois médicos e três engenheiros.

O mesmo mecanismo revela ainda que o Chega ultrapassa o Bloco de Esquerda, conseguindo 6,9% das intenções de voto, contra 6,3% dos bloquistas. Seguem-se depois a CDU com 5,3%, Iniciativa Liberal 4,7%, PAN 2,7%, CDS-PP 1% e Livre 0,5%.



Importa referir que embora exista ainda uma diferença de oito pontos entre socialistas e sociais democratas, o PSD tem vindo a verificar uma recuperação desde junho, mês em que registou o valor mais baixo do último ano -25,5%.

Entretanto, o Tribunal de Vila Real sorteou as listas com o intuito de ordenar as forças políticas no boletim de voto para os eleitores do Círculo Eleitoral de Vila Real. De acordo com o sorteio, o Chega, que candidata Manuela Tender, com 50 anos, como cabeça de lista, ocupará o primeiro lugar, ao que se segue o CDS-PP, cuja lista é encabeçada por Vítor Pimentel, com 40 anos. Em terceiro lugar surge o Bloco de Esquerda, que tem como primeira da lista Enara Teixeira, de 39 anos, e em quarto lugar, o sorteio determinou o PPD/PSD, que tem como cabeça de lista Artur Soveral de Andrade, com 62 anos. Em quinto lugar está o Nós, Cidadãos!, que tem como primeiro da lista João Cabeço, de 71 anos. Na segunda metade do boletim de voto está em nono lugar o Volt Portugal, que apresenta em primeiro da lista João Pedro Gonçalves, de 25 anos, seguido do Livre, que tem como cabeça de lista João Nogueira da Silva, de 57 anos e a Coligação Democrática Unitária, que junta o Partido Comunista Português e o Partido Ecologista Os Verdes e cuja lista é encabeçada por José Miguel Fernandes, de 54 anos. O sorteio determinou, ainda, que o Iniciativa Liberal ocupe o décimo segundo lugar, este partido tem como cabeça de lista Joana Ferreira, de 42 anos.



As últimas forças políticas presentes no boletim são o MAS-Movimento Alternativa Socialista, encabeçado por Bruno Cancelinha, com 25 anos, seguindo-se-lhe o PS em décimo quarto lugar com Francisco Rocha, de 54 anos, como líder da lista. O décimo quinto lugar é ocupado pelo PAN-Pessoas Animais e Natureza que tem como cabeça de lista José Castro, de 56 anos e o boletim é encerrado pelo "Ergue-te", que candidata em primeiro lugar Isabel Montalvão e Silva, de 64 anos.

Desde essa altura, segundo o agregador, o PSD tem mostrado uma tendência de subida, sobretudo no último mês e meio. Contudo, a intenção de voto no PSD, CDS e IL juntos com 34,6% não é suficiente para igualar a soma do PS com 37%. Só juntando o Chega isso acontece, ainda que não chegue aos 50%. Por sua vez, PS, BE e CDU somam juntos 48,6%

PS é o favorito à vitória com oito pontos de avanço sobre o PSD...

As eleições legislativas realizam-se a 30 de Janeiro, mas se fossem no final deste último mês de Dezembro, o PS seria o vencedor com 37% dos votos, isto é, oito pontos percentuais acima do rival PSD.

A conclusão é do agregador de sondagens Renascença, que se encontra já disponível e que mostra que o PS reúne 37% das intenções de voto, contra 28,6% do PSD.



A VOZ DE BARROSO EM PORTUGAL E NO MUNDO



RÁDIO



97.5 FM
MONTALEGRE



OIÇA AQUI



ESTATUTO EDITORIAL

A Revista A BARROSANA tem como objectivo principal, promover e divulgar o concelho de Montalegre, o seu património, a sua língua, as características e valores da sua cultura, bem como valorizar as obras, os homens e mulheres da região e toda a área geográfica onde se insere.

a) São ainda seus objectivos:

- 1- INFORMAR, garantindo a todos os cidadãos o direito à informação através da independência e pluralismo, de modo a defender os valores, as causas e os interesses do concelho onde se insere;
- 2- FORMAR, no sentido de contribuir para a elevação do nível cultural dos seus leitores, tendo em conta a história da região, as suas riquezas naturais, a tradição e todo um património cultural de séculos;
- 3- DISTRAIR, sendo ao mesmo tempo lúdica e de recreação, tendo em conta a diversidade do público, idades, interesses, ocupações e espaços.

b) São seus princípios:

- 1 – Assegurar a independência, o rigor e a objectividade da informação face aos poderes públicos;
- 2– A revista define-se como autónoma e independente, sem finalidades lucrativas e acima dos interesses económicos;
- 3– A Barrosâna compromete-se assim, a assegurar o respeito pelo rigor e pluralismo informativo, pelos princípios da ética, deontologia e boa fé;

c) São seus fins:

- 1– Alargar a sua implantação à divulgação de questões de natureza política e modos de expressão de índole local e nacional;
- 2– Preservar e divulgar os valores característicos das culturas da região barrosã;
- 3– Difundir informações com particular interesse para o âmbito geográfico da sua incidência;
- 4– E incentivar as relações de solidariedade, convívio e boa vizinhança entre os destinatários localizados na sua área de implantação e das comunidades barrosãs espalhadas pelo mundo.

O Fundador

